HISTORIA DA PEDAGOGIA EM PORTUGAL

III

§. 1 — Reforma da Universidade por D. João III, em 1537

A data da reforma emprehendida por D. João III parece á primeira vista relacionar este facto com o movimento critico e scientifico da Renascença; porém a deslocação da Universidade de Lisboa para Coimbra obedeceu ao plano de reacção religiosa, começando o rei por afastal-a da corrente das idéas novas que mais facilmente se introduziam na capital. D. João III seguia o pensamento de Carlos V, que assim justificava a perseguição aos lutheranos: «Não póde haver repouso, nem prosperidade aonde não houver conformidade de doutrina, assim como aprendi por experiencia na Allemanha e em Flandres.» A concordia dos espiritos, resultante da unanimidade das opiniões e da mutualidade dos interesses, era considerada como um producto da auctoridade, que impunha pela violencia sanguinaria a abdicação da consciencia diante da crença catholica. A Inquisição recebeu para este fim toda a sancção da auctoridade temporal, chegando em Portugal o proprio rei a escrever em uma carta a D. Pedro de Mascarenhas, que bem desejava ser inquisidor. A bulla que instituiu em Portugal a Inquisição foi expedida em 23 de maio de 1536, sendo recebida logo em julho; o infante D. Henrique, irmão do rei, foi nomeado inquisidor em 1539, e os Autos de Fé começaram em 1540, em 20 de setembro, sendo queimadas vinte e tres pessoas.

Reformar a Universidade sob o impulso d'esta allucinação fanatica era separal-a da influencia do humanismo da Renascença. O humanismo, pelo conhecimento das linguas classicas e das obras-

primas da antiguidade, favorecia o desenvolvimento da critica comparativa applicada á Biblia e aos Padres da Egreja. Convinha pois reagir contra o humanismo; as consequencias viram-se immediatamente. Na resposta em carta de 26 de julho de 1541 á consulta do Reitor, escrevia-se: «E quanto ao que dizees *da falta que ha nessa Universidade nos principios da latinidade,* e que eu devia mandar vir a mi ho mestre João Fernandes e ouvil-o sobre isto, vós o praticae com o dito João Fernandes, e escrevermees ho que lhe parece que se nisto deve fazer.» Foi esta decadencia que provocou então em 1543 a introducção da corrente humanista franceza, sob a influencia pedagogica dos Gouvêas. O fanatismo, porém, receava que esta admiração da antiguidade emancipasse os espiritos da subordinação catholica; a Egreja acceitou a imposição dos estudos humanistas, mas apropriou-se d'elles pela instituição da Companhia de Jesus, destinada exclusivamente ao ensino publico, tornando-se os mais disciplinados pedagogos, e assaltando deliberadamente o governo das Universidades. A Universidade de Coimbra, reorganisada pelos Gouvêas, em bem pouco tempo cahiu sob o dominio dos Jesuitas, por esta corrente historica que era geral a toda a Europa. Para comprehender as pretendidas reformas universitarias de Dom João III, importa ter presente os dois factos capitaes dentro dos quaes estão circumscriptas — o estabelecimento da Inquisição e o predominio absorvente da Companhia de Jesus.

Na trasladação da Universidade de Lisboa para Coimbra, D. João III mandou que continuassem a vigorar os Estatutos dados por D. Manoel: «mando que emquanto nam prever essa Universidade de novas Estatutos, usees e vos rejaes pelos Statutos que foram dos Studos de Lisboa, de que vos mando per ho doutor Francisco Mendes ho proprio livro delles assinado por el rei meu senhor e padre que santa gloria aja.» Este alvará, com data de 16 de julho de 1537, indica-nos o momento mais activo da reforma da Universidade; porém em 9 de novembro d'esse mesmo anno foi decretado o *Regimento de Lentes e Estudantes,* que se póde bem considerar como um additamento aos estatutos. As novas disposições ácerca de frequencias, exames e gráos suscitaram duvidas na pratica, e em resposta á consulta do Reitor foram decretados *Vinte cinco Capitulos e Respostas de S. A. do modo que se tem no dar dos gráos e outras cousas,* com data de 20 de setembro de 1538.

Não havia um pensamento na trasladação da Universidade; todas as necessidades da nova installação foram decretadas em breves provisões e alvarás, conforme os Reitores reclamavam no meio de constantes hesitações. O que o rei, ou quem usava a sua auctoridade, mais insistia era, que se fallasse latim na Universidade de Coimbra, ordenando no alvará de 16 de julho: «E para que os

Scholares se costumem a fallar latim e entendello, ei por bem e mando que os lentes leam em latim suas lições, e nam leram em linguagem, e assi as conferencias que os schollares antre si fizerem e perguntas aos lentes e respostas a ellas que se costumam fazer acabadas as liçoens e todo o mais que fallarem das portas a dentro das scholas seja em latim, sem cousa alguma falarem em linguagem sob pena do que ho contrairo fezer paguar por cada vez que fallar linguagem ho que ao Rector bem parecer. » O isolamento da Universidade para uma cidade de provincia, como para separal-a do grande movimento das ideias que agitava a Europa, e o absurdo da imposição da lingua latina nos cursos e trato academico desenvolvendo o pedantismo doutoral, eram circumstancias que esterilisavam a reforma pedagogica, obrigando o poder real a novas e constantes remodelações legislativas.

Pelo alvará de 1 de março de 1537, dirigido aos lentes, officiaes e estudantes da Universidade de Coimbra « *emquanto não for elegido Rector* para reger esses studos segundo forma dos statutos delles ou por minha provisão » foi nomeado Dom Garcia de Almeida. D'esta data em diante acabou o principio electivo, continuando os Reitores a serem nomeados por provisão regia. Os estudos menores ou secundarios, que existiam no Mosteiro de Santa Cruz ficaram ainda independentes do governo da Universidade: « por quanto no que toca aos Collegios de Santa Cruz entenderá ho padre frei Braz de Bragua (Barros) governador do dito moesteiro. » A incorporação d'estes Collegios na Universidade, pouco depois, fez-se pela concessão da dignidade de Cancellario da Universidade aos Priores-móres de Santa Cruz de Coimbra, e do privilegio dos gráos serem conferidos com todo o apparato no mesmo mosteiro. Na carta regia de 29 de dezembro de 1540, estatue-se: « e por fazer mercé e honra ao moesteiro de Santa Cruz dessa cidade, hei por bem que o priol crasteiro delle que ora he, e pello tempo for, seja Cancellario dessa Universidade, e que todollos gráos de licenças, doctorados e magisterios que se em ella ouverem de dar em todas as sciencias e faculdades se dêm no dito moesteiro, onde se faram os exames e os ditos gráos se deram... » Depois de definir os poderes do Cancellario, termina a carta: « E assi me praz unir e encorporar os ditos Collegios aa dita Universidade pera que tudo seja hũu corpo e hũa Universidade segundo mais compridamente na dita carta se contem... » A carta a que se allude foi trazida para Santa Cruz por Frei Braz de Barros: « e ho padre frei Braz que ora lá vai e leva outra tal carta, como a que envio á Universidade... » Em carta regia ao Reitor, datada de 25 de janeiro de 1545, conhece-se que houve alguma difficuldade n'esta incorporação: « vi a carta que me escrevestes, e quanto ao que dizeis que vistes lá hũa

carta minha em que se contém as mercês e honras que ora fiz aos Collegios do Moesteiro de Santa Cruz, eu ho fiz tanto por fazer mercé a essa Universidade como aos ditos Collegios e assi estaa manifesto se bem quizer olhar, e folguarei que tanto que acabardes de assentar com o padre frei Braz ho modo em que essas cousas hã de ficar pera se escusarem paixoens ao diante como na dita carta dizees, me enviees ho que nisso ambos fizerdes e assentardes, por que folgarei de ho ver.» A florescencia dos estudos secundarios nas Escholas de Santa Cruz fez com que a Universidade alcançasse um ephemero vigor na sua transplantação para Coimbra; pelo alvará de 29 de dezembro de 1540 os exames feitos no mosteiro valiam para os gráos da Universidade: «aos que estudam e lém nos Collegios do dito Mosteiro de Santa Cruz que se quizerem graduar de Bacharees, lecenceados ou doutores e mestres, se faram os exames na forma e modo que se ora fazem pelo Regimento que nos ditos Collegios tem, e assi ei por bem de encorporar os ditos Collegios, lentes e studantes delles em essa Universidade e que todo seja hũu corpo e hũa Universidade, e os lentes e studantes d'elles guozem dos mesmos privilegios de que guozam os da Universidade e sejam regidos e guovernados pollos statutos e Regimentos da Universidade...» O primeiro Cancellario da Universidade de Coimbra foi o prior geral de Santa Cruz, Dom Bento de Camões, em 1539; era irmão de Simão Vaz de Camões, que casára em Santarem, e cujo filho, Luiz de Camões, o futuro epico da nossa nacionalidade, frequentava então os estudos juridicos da Universidade.

Alguns dos professores das Escholas de Santa Cruz, como Mestre Pedro Henriques e Mestre Gonçalo Alvares, doutorados pela Universidade de Paris, passaram a ensinar grego e hebraico na nova Universidade.

Pela *Chronica dos Conegos regrantes*, de D. Nicolão de Santa Maria, se conhece a organisação dos Collegios de Santa Cruz, desde o desenvolvimento que receberam em 1527 pela iniciativa de D. Frei Braz de Barros, reformador d'aquella congregação. A nobreza de Portugal mandava os filhos para o *Collegio de Sam Miguel*, dentro do mosteiro, para a parte do norte, junto das torres. Subsistia ainda a antiga distincção de *estudantes pobres*, e para estes existia no mosteiro o *Collegio de Todos os Santos*. Em consequencia da incorporação dos Collegios na Universidade, deixaram de occupar o mosteiro em 1544. As outras ordens monasticas tambem trataram de fundar em Coimbra os seus Collegios junto da Universidade, systema que prevaleceu até 1834. Dom João III mandára edificar dois Collegios junto do Mosteiro de Santa Cruz, de um e outro lado; n'um ensinava-se theologia especulativa e moral, Escriptura

sagrada e Canones; no outro, conhecido pelo titulo de *Collegio de Sam João Baptista*, existiam cinco aulas em que se ensinavam Leis, Medicina e Mathematica. No Collegio de Todos os Santos ensinavam-se Artes, Rhetorica e Grammatica grega e hebraica; a *Arte de Latim*, de Dom Maximo de Sousa, e o *Vocabulario de Grego e Hebraico*, de Dom Heliodoro de Paiva, adoptados no ensino, eram impressos na typographia do proprio mosteiro de Santa Cruz, em 1532 e 1535.

A actividade escholar logo no primeiro anno da trasladação da Universidade para Coimbra é difficil de estabelecer, porque n'esse Archivo apenas existem fragmentos de relações de alguns cursos que se referem a 1537. Ha porém noticias de 1540, que nos interessam bastante. Gabriel Pereira, que examinou o archivo da Universidade, informa-nos: « Folheando um dos grossos tomos dos *Autos e Provas*, deparei com um grupo completo de relações de matriculados relativo á segunda terça (o anno lectivo dividia-se em terças) de 1540, sob o titulo *Matricula hujus almae colibriensis Universitatis in natali Sancti Remigii feliciter incepit*. Contando os nomes de taes relações formei a seguinte statistica:

Theologia		15
Canonistas		142
Legistarum institutariorum		66
Codecistas		68
Legistas		129
Medicos		10
Dialecticos		25
Philosophos		10
Grammatica	Primeira regra	30
	Segunda regra	37
	Terceira regra	6
Grammaticas de Lopo Galeguo		8
Rhetoricos		48
Medicos (segundo)		18
		597 [1]

Vejamos como se desenvolveu a frequencia dos escholares na Universidade, em grande parte já provocada pela concorrencia da mocidade aristocratica aos Collegios de Santa Cruz de Coimbra.

---

[1] *Boletim da Sociedade de Geographia*, de Lisboa, 2.ª serie, n.º 2, p. 119 (1880).

Na reforma da Universidade, houve em vista o pensamento da centralisação do ensino, invalidando os gráos tomados nas Universidades estrangeiras; no alvará de 18 de julho de 1538 estabelece Dom João III: «hei por bem por o aver assi por meu serviço e bem d'essa Universidade, que os Scholares que se quizerem graduar de bachareis, e depois de terem feitos seus cursos e lido suas liçoens nessa Universidade se forem graduar em outros Studos, nam gozem em meus reinos e senhorios das honras e liberdades do dito grão. E assi hei por bem que os bacharees que se forem fazer lecenceados em outros studos depois de terem hi feitos seus cursos e repetições nam gozem dos privilegios e liberdades de lecenciados nos ditos meus reinos e senhorios, etc.» Em outro alvará de 5 de novembro de 1539, ha uma concessão para que os que cursaram outras Universidadess fossem graduar-se em Coimbra: «eu ei por bem que os studantes canonistas que teverem comprido seus cursos em Salamanqua os nam obriguem a ouvir Instituta e se façam bacharees posto que a nam tenham ouvida. — E por que sam enformado que alguns Bacharees que vieram de Salamanqua e assi outros scholares estã nessa cidade sem ir aas schollas, e dizem que se vem hi reculher pera cumprir o tempo dos annos contheudos em meu Regimento, ho que não hei por bem, vos encommendo e mando que com estes se guarde o que he decrarado no Statuto no titulo dos cursos e autos, ho qual diz que todo o studante que estiver na Universidade ouça liçam de prima da sciencia em que for graduado, e não o comprindo assi que não guoze do privilegio do studo, nem lhe aproveitem os cursos que fizer, etc.» No alvará de 13 de abril de 1538, responde-se á consulta do reitor, sobre o que se deve fazer ácerca dos estrangeiros que então concorreram a tomar gráo em Coimbra: «vi a carta que me escrevestes ẽ que dizees que a essa Universidade vem alguns Bacharees feitos em outros studos para se graduarem á sufficiencia, como ora dizees que he vindo hum, e tendes duvida se nos taaes bacharees que assi vẽ de fora se hade guardar o meu Regimento perque mando que os lecenceados se façam juntos e per primeiro e segundo luguar e que se dẽ as taes licenças de dous em dous annos. Eu ei por bem que ho dito Regimento se guarde nos que vierem doutros studos assi çomo se hade guardar nos que cursam nessa Universidade, por que doutra maneira seria perjuizo dos que cursassem nesses studos e teriam os que vem de fora melhor condiçam que os filhos da Universidade. — E aos que vierem doutros studos pera se graduarem de lecenceados levarselhe ha ẽ conta os cursos de lectura que teverem feitos nos ditos studos e assi as repetições se as em elles já feitas teverem, etc.» As precedencias que competem aos graduados em Universidades estrangeiras foram

estabelecidas no alvará de 27 de setembro de 1540: «que aos mestres doutores e lecenceados doutras Universidades lhes seja dado luguar nos autos pubricos que nessa Universidade se fizerem abaixo dos da Universidade segundo seus gráos e antiguidades.» Para a matricula da Universidade admittia-se a prova testemunhal da frequencia em Universidades estrangeiras, como se vê por esta disposição do alvará de 3 de novembro de 1539: «e quanto aos studantes que ora vieram e daqui por diante vierem de Salamanqua ou doutras Universidades, que non trazerem certidoens pubricas dos annos e tempos que nas ditas Universidades cursaram, ei por bem que dando elles provas per testemunhas que per direito abaste pera prova dos ditos cursos, lhe seja recebida e os cursos que provarem lhe sejam levados em conta e sejam avidos como se os em essa universidade tiveram cursado...»

Na reforma de 1537 foram chamados lentes estrangeiros, sendo equiparados nos gráos aos da Universidade de Lisboa ou de Coimbra segundo suas antiguidades; assim no alvará de 2 de novembro de 1537 estabelece-se: «ei por bem por algumas justas causas que a isso me movem e por julgar de fazer graça e mercê aos letrados que vierem de outras Universidades a ler cadeiras nessa Universidade, pera que com melbor vontade venham, que os lentes que lerem na dita Universidade de Coimbra cadeiras suas com salairo se guardem os privilegios, preeminencias e precedencias dos gráos que teverem segundo as sciencias e faculdades em que forem graduados, e suas antiguidades como for direito, sendo graduados em Universidade de Studo geral, e que os não precedam os graduados na Universidade que foi de Lisboa ou de Coimbra...» Na resposta a uma consulta do reitor, datada de Lisboa, em 16 de maio de 1538, estabelece-se mais: «e quanto ao que me escrevees sobre os *Doutores feitos em Lerida* e outras semelhantes Universidades, eu hei por bem que assi estes de Lerida como todollos outros feitos em outras universidades se precedam huns aos outros segundo as antiguidades de seus gráos, tirando os que forem feitos em Lisboa e nessa Universidade de Coimbra, por que n'estes se guardaraa o Statuto.»

Dom João III tratou de chamar professores estrangeiros concedendo-lhes excepcionaes privilegios. Lê-se no alvará de 7 de dezembro de 1538: «eu provi ora da cadeira de Canones dessa Universidade ao doutor Martim de Aspilcueta, segundo verees pelas provisoens minhas que vos elle mostraraa, e por que eu queria que elle n'essa Universidade recebesse todo favor e guasalho, segundo sua bondade e letras, e ho desejo com que me vem servir merecem: vos encumendo muito que lhe façaes todo favor e bem guasalhado que poder ser e nam consint aes

lhe ser feito nenhũa sem rezam, nem cousa de que elle deva receber desprazer. E porque ao tempo que se fez a provisam dos lentes deputados ficou hũ luguar vaguo pera eu depois prover, ei por bem que elle seja ho dito lente provido. E assi vos encumendo que des ordem como o dito doutor seja bem apousentado e em bom lugar em quanto se consertam hũas casas que eu lhe mando dar pera seu apousentamento, encumendovos que o façaes assi. E agradecervos ei muito terdes modo como nenhum lente dessa Universidade tenha com elle deferenças nos assentos e precedencias e oras de lectura, pois elle per direito precede aos outros lentes legistas e canonistas que n'essa Universidade leem nos ditos assentos e precedencias de seus gráos.» No alvará de 7 de janeiro de 1539, allude-se á posse do Dr. Aspilcueta Navarro: «vi a carta que me escrevestes em que me dais conta da chegada do doctor Navarro, a essa cidade e de como foi bem apousentado e do guasalhado que o Bispo lhe fez eu ouve dello prazer e vos aguardeço muito ho que por vossa parte fizestes e assi folguei por estarem tam conformes elle e ho doctor G.º Vaz; encomendo-vos que tenhaes lembrança de fazer conservar esta amisade quanto em vos for.» Esta circumstancia da boa amisade entre os dois lentes contrasta com o que se lê no alvará de 23 de setembro de 1538, em que se relata que «aas vezes acontece os lentes nas lições que lém e nos autos pubricos que se fazem dizerem palavras de que os outros lentes ou letrados que nos ditos autos estã presentes recebem escandalo...» Nas *Noticias chronologicas* de Francisco Leitão Ferreira citam-se os nomes de alguns lentes do novo estudo de Coimbra. Em theologia, na cadeira de prima, regia o Doutor Affonso de Prado; na de vespera, Francisco de Monson, mestre em Artes, doutor pela Universidade de Alcalá, e conego magistral em Lisboa; para a cadeira de terça veiu Frei João Pedraza, dominicano; para a cadeira de prima de Canones, o licenciado Francisco Coelho, desembargador dos aggravos, sendo substituido pelo Doutor Navarro. Na cadeira de prima de Leis professava o Dr. Gonçalo Vaz Pinto, do desembargo do rei, e na de vespera o Dr. Lopo da Costa, graduado *in utroque*; na de terça regia o bacharel Antonio Dias, que se graduou depois. A cadeira de medicina estava provida no Doutor Cuellar.

Em varias disposições legaes de 1539 encontramos indicados como lentes de Instituta o Dr. Luiz da Guarda, e os Bachareis Rodriguo Alues, Bastião Bernaldes e Antonio Roiz; nas cadeiras pequenas de Decreto apontam-se como lentes o Licenciado Alvaro do Quintal, o Dr. Manoel Vaz, Dr. Bertholameu Philippe e Braz de Alvide; o Dr. Antonio Soares era lente da cadeira de Vespera de Leis.

São immensamente curiosas as disposições legislativas de 1539 sobre os cursos de Digesto Velho e Instituta, e sobre o modo de ensinar ou lêr os Canones e as Leis; começamos por transcrever a carta de 31 de janeiro de 1539: «Reverendo Bispo Rector amiguo; eu el Rei vos envio muito saudar. Eu sam enformado que os lentes das cadeiras pequenas dessa Universidade assi das *Decretaes* como *Codigo, Dijesto Velho* e *Instituta,* que devem ler a passar, com decrarar os textos e grossas e seus entendimentos sem mais materia, se detêm em ler materias e em quererem mostrar suas sufficiencias, ho que é grande perda dos ouvintes; pelo qual vos encomendo que pratiquees isto em conselho e prevejaes n'isso e assinees a cada hũu dos ditos lentes certos livros ou titulos que ajam de passar, e ter passados ao cabo do anno, sob pena de perderem a derradeira terça; e assi lhe mandae que passem egualmente todo o anno e não se detenham aguora no principio do anno e depois queiram passar tanto que não façã fruito nem decrarem ho necessario. E os livros ou titulos que a cada hũu se assinarem seram aquelles que elles possom passar e *que se costumam assinar em Salamanqua* e em outras Universidades aos lentes de cadeiras pequenas pera passarem em hũu anno, e tambem aos lentes das cadeiras grandes se assinará ho que se sóe e costuma assinar nas ditas Universidades para haverem de passar em hũu anno...» Esta mesma disposição foi reforçada por outra carta regia de 31 de agosto de 1540. A intervenção do poder real chegava á extrema regulamentação dos horarios das cadeiras, e dos methodos dos lentes, como se vê pela carta regia ou Ordenança de 12 de setembro de 1539; é um documento da maxima importancia porque nos retrata a vida escholar e pedagogica na Universidade nos primeiros annos da sua trasladação: «averaa quatro lentes de *Instituta,* e leraa cada hũu hũu hora cada dia; dous leram pela menhaã e dous aa tarde, e estes quatro lentes passarão cada anno os quatro livros da *Instituta,* e ho Rector e Conselheiro no começo do anno lhe repartirão ho que cada hũu ouver de ler, em modo que todos acabem de ler os ditos quatro livros da *Instituta* em cada hũu anno, e os quatro lentes que ei por bem que este anno leãm, sam ho Doctor Luiz da Guarda, que leraa pela menhaã do principio do studo até a pascoa das nove horas aas dez, e da pascoa até fim do anno das outo horas aas nove. E o Bacharel Rodriguo Alves leraa pela menhaã do principio do studo até pascoa das dez aas onze, e da pascoa até fim do anno das nove aas dez. E o Bacharel Bastiã Bernaldes leraa aa tarde do principio do studo atee pascoa das duas aas trez, e da pascoa atee fim do anno das trez aas quatro. E o Bacharel Antonio Roiz leraa a tarde do principio do studo atee pascoa das quatro aas cinquo, e da pascoa até fim do anno das cinquo

aas seis; as quaes liçoens lerã todas em huã casa que ho Rector pera isso lhes ordenaraa, e ho mandamento que ham d'aver levam decrarado per outras minhas provisoens, e estes quatro lentes lerão a passar na forma seguinte:

« Itẽ, porã o caso por inteiro ho mais breve e craramente que poderem e diram a duvida que se perguntou ao que fes a lei, e dirã huã soo rezã principal ou fundamento per que parecia ho contrairo do que se determinou, e dirã loguo como se determinou o contrairo do que parecia e darã a rezã principal e fundamental per que se assi determinou, e isto tudo brevemente sem allegar textos ou grossas mais que hũu ou dous, e se parecer necessario maiormente pera os principiantes, ponha-se o caso duas vezes, e logo lerã e decrararão a letra com os vocabulos que aas vezes sam escuros, e depois disto decrararão como o summario se tira do texto e se em alguã das grossas se tocarem as difficuldades do entendimento do texto e do verdadeiro summario, guardarão a decraração do entendimento do texto pera quando a lerem, notarão ho texto nos principaes notados pera que ho notem os doutores ou pera que ao lente parecer sem se deterem nas materias dos notados, e sem alleguar mais que duas ou tres cotas ou similes, e isto feito loguo lerão as grossas, e se nas grossas se não tocarem as difficuldades do entendimento do texto, ho lente tirado o summario do texto fundallo-a per dous outros fundamentos ou motivos breves que colheraa do que os doctores dizem ou a elle parecer, e responderaa a dous ou trez dos principaes contrairos que ho dito entendimento do summario tever, e quando lhe parecer outro entendimento milhor que o do summario dilo ha per o dito modo sem se deter em poer mais contrairos nem mais fundamentos de dous ou trez dos principios, e sem resar mais de duas ou trez cotas pera cada cousa, e acabado de tirar o summario como dito he, tirará os notados do texto, na forma acima dita, e acabados lerã as grossas, e nã se deterã em decrarar todas as ditas grossas mas soomente as que forem de pezo e substancia, e as outras passarão breve e summariamente, e não curarão de decrarar todas as materias que as grossas tocam, mas soomente no principal que notam ou perguntam ou oppõe, nem cnrarão de induzir os textos similes que as grossas alleguam pera provar as opinioens ou os de que oppoem, mas soomente induzirão hũ ou dous dos principios, e approvarão ou reprovarão as opinioens das grossas dizendo brevemente isto se reprova per os doctores, nomeando dous ou trez dos que aprovam ou reprovam, dizendo hũ ou dous fundamentos per que se aprova ou reprova, e não mais com hũa ou duas cotas e passarão loguo sem mais opinioens de doctores nem mais materias a outro texto. » O curso da Instituta era obrigatorio para a frequencia do Direito ca-

nonico e civil, com excepção dos clerigos de ordens sacras, beneficiados ou theologos; os escholares eram «obriguados levar seus livros pera ouvirem as liçoens com os seus livros diante.»

É tambem importante o Regimento de 13 de outubro de 1539, estabelecendo *O modo que se ade ter no ler Canones e Leis;* n'elle se repetem as mesmas indicações pedagogicas sobre a apresentação dos casos, glosas da lei e opiniões dos doutores. Transcrevemos as passagens mais accentuadamente historicas: «Ordeno que d'aqui por diante aja na dita Universidade as liçoens de Canones seguintes, a saber, huã liçãn de prima, a qual leraa o *doctor Navarro* pela menhã aas horas acostumadas, que sã no inverno das sete e mea atee as nove, e no verã das seis e mea atee as oito.

«Item averaa huã liçã de vespera que se leraa no inverno das tres horas aas quatro, e no verão das quatro aas cinquo, a qual leraa o lente que eu pera isso ordenar per outra minha provisão. Os quaes lentes assi de prima como de vespera leraõ sete mezes primeiros nas *Decretaes* e dous mezes logo seguintes no *Sexto,* e o decimo mez nas *Crementinas* os titulos que pelo Rector e Conselheiro forem ordenados...» Quanto ao modo de professar, manda que declarem bem os textos e glosas d'elles «em modo que os textos com suas materias fiquem bem entendidos e decrarados, dizendo sobre isso ho necessario do que os doutores escreverão e do que mais os lentes por seus bons engenhos e trabalho poderem ader... E quando lerem algumas materias ou questões em que ha opinioens, studemnas em suas casas muito bem, em modo que vam em ellas resolutos pera averem de ler e se poderem resolver na parte que lhes parecer verdadeira, e nã curarem de guastar o tempo em referir muitas opinioens dos doctores...»

«E averaa huã liçã de *Decreto,* que se leraa pela menhã no inverno das nove horas aas dez, e no verã das oito aas nove, a qual leraa ho lente que eu nomearei per outra minha provisão... Item, averaa quatro cadeiras pequenas, as quaes lerão os lentes seguintes, a saber, ho lecenceado *Alvaro do Quintal,* do meu dezembargo, leraa huã lição pela menhã, das dez aas onze no inverno, e das nove aas dez no verão. E o doctor *Manuel Vaz* leraa outra lição aa tarde da huã aas duas no inverno e no verã das duas aas trez. E o doutor *Bertolameu Philippe* leraa outra liçã aa tarde das duas aas trez no inverno, e no verã das trez aas quatro; e *Braz d'Alvide* leraa outra liçã das quatro aas cinquo no inverno, e das cinquo aas seis no verã aa tarde. Os quaes quatro lentes lerão os sete mezes primeiros das *Decretaes* e os dous seguintes do *Sexto* e o decimo mez das *Crementinas* os titulos que o Rector e os conselheiros lhe assinarem, avendo respeito que hã de ler a passar...» Em carta regia de 26 de julho de 1541 determinam-se os

titulos que se devem ler nas cadeiras de *Instituta, Leis* e *Canones*. Em carta de 4 de julho de 1541, responde-se a varias duvidas do Reitor: «E quanto ao que dizees da falta que hi ha da primeira regra de Grammatica por *Christovão d'Abreu* mestre della ter muitos scholares, eu tenho ora provido doutros dous mestres que hande começar a ler o primeiro dia d'octubro deste presente anno nas casas que o Cancellario já pera issa tem ordenado. E quanto aa *Livraria* que mandei pera essa Universidade e dizees que até hora se nã pos nas scholas avendo disso muita necessidade, vós vos informai de *Nicolão Leitão*, que levou os ditos livros, e vede as casas dos paços e escolhee a que milhor e mais auta vos parecer pera estar a dita livraria, e eu escrevo a *Vasco Ribeiro* que vol de, e mando provisão pera o Rd.or da Universidade fazer as estantes pera os ditos livros estarem pela ordenança que vos bem parecer.»

O estudo sobre a bibliotheca da Universidade de Coimbra na primeira metade do seculo XVI póde fazer-se sobre os magnificos catalogos achados por Gabriel Pereira na *2.ª parte do T. 2.º dos l.os da Un.de de Lix.ª de 1526 e 1537*, a fol. 62 e 63. A Livraria remetida de Lisboa por D. João III constava d'esse nucleo de que ha um recibo de 17 de fevereiro de 1513: «O dicto recebedor nos entregou cyncoenta e oyto volumes de livros de theologia, canones, lex e artes que deixou o L.do Diogo Lopes per sua morte ao dicto Studo todos encadernados, e bem assi entregou *setenta livros* de toda sciencia que estavam na dita livraria nas scolas velhas os livros asi todolos entregues lhe dey eu bedel hu conhecimento per mi feito e asinado per ambos...» O bedel que assigna é Nicolão Lopes juntamente com o bacharel Fernão Gonçalves. Se o Catalogo que se segue não é rigorosamente o da Livraria da Universidade organisada em 1541, é com certeza o dos livros que foram remettidos por D. João III para Coimbra; transcrevemol-o do *Boletim de Bibliographia portugueza*:

«Inventayro da Livraria do Studo

primeiramente na entrada da livraria da mão esquerda hachamos
huas *decretaes* de tortes
hu *decreto* de marqa grande
outro *decreto* manual solto
hu *sexto* de tortes de marqa grande
ha segunda parte de *dominico* sobre o *sexto* en hu velume
zabarella sobre as *crementinas* en hu belume
arcediaguo e isto na primeira estante. VIII.

na segunda stante sete velumes dabades. VII.
na 3.ª stante hu velume de *concelhos* dabade.
mais *antonio tursete* (cursete)
mais huas *decretaes* de tortes marqa grande
hu *sexto* com *crementinas* todo de pena.
hu volume de *dominico* em duas partes juntas no mesmo volume
zavarela sobre as *crementinas* en hu volume. VI.

Quarta stante

quatro volumes de *Johan andre*
huas duas partes s. primeira e segunda *danrique boym.* VI.

Quinta stante

quatro volumes do *especulador* e dous doles com reportoiros
ha primeira parte de *baldo* sobre as *decretaes*
ha primeira parte de *Innocencio* sobre as *decretaes.* VI.

Sexta stante

cinquo volumes *dabades* antiguos
ha 3.ª parte de *Johanes andre* en hu velume de pena. VI.

Setima stante

tres volumes de *Bartoquino* s. primeira, segunda, terceira partes en elles
hu volume que se chama *margarita baldi*
duas partes de *dominico* sobre o *sexto*
hu volume de pena sem nenhu titollo. VII.
RVI.

Oytava stante

tres partes de *fillino*
hu reportorio de *nicolas de milis*
dous livros de pena muito antiguos — II livros — VI.

Nona stante

hua *statuta* de tortes
hua parte de *baldo* de pena
hua repetiçam de *palacio rubyo*
hua parte de *alexandre*
hu velume de *azenonius* sobre o *codeguo*
hu reportorio com seus conselhos de *ludovico boloni.*

Decima stante

sete volumes de *bartolo* antigo. v de pena e dous de forma xiii.

Undecima stante

hus dous volumes de reportorios de *Pedro brigiensis*
hu velume de *Jacobum alvaroqum* com seu repertorio no cabo
hu velume sobre o *codeguo* de *Johanes de colonia*
hu velume de pena 2.ª parte de *bartolo* sobre o *digesto novo amgelus,* de maleficiis. vii.

Duodecima stante

ha primeira parte de *dominico* sobre o *sexto*
hu volume de *francisco maxencius* de poesia e reitorica
hu livro muito velho de purgaminho em lingoagem que falla dos casamentos e desposoiros.
xxx aqui estam vynte e nobe.

Na primeira stante da mão direita

hua *bribia*
hua segunda parte de *sã thomas de aquino*
hua segundo parte do mes. *tomas de aquino* sobre as *questões.*
hua primeira parte de *são tomas*

hu *voqabulairo* de cosasnotredo
hu volume de teologia *super potentiam divinam*
hu volume s. *sumairo dos casos de theologia*
hu volume de theologia de *são thomas* sobre as *castões.* VIII.

2.ª stante

hua parte de *são tomas,* em letra de pena, velho sobre as *eticas*
hu volume .s. *archidiaconus*
hu quaderno de pena em papel, muito velho sem titolo
hu volume de filosophia sobre os *Costumes e vida dos homens*
hu *brebiayro* romão
hu volume .s. *racional de theologia*
ha ultima parte da *vita cristi*
hua *arte* que se chama *usu ditaminis*
hu volume que se chama *dimeta* muito velho de purgaminho
hu volume de pena muito velho sem titollo. VII.

3.ª stante

sete volumes pequenos muito velhos sem sumarios soltos. VII.

Quarta stante

huas duas partes em dous volumes de gentill *medicina marsilius*
hu volume de *medicina,* de pena
hua parte de *graviell petri*
hu volume de pena velho. VI.

As B. stantes

volume de *nicoldo de lira* sobre a *bribria* e com ella seis volumes muito velhos de pena. VII.

As seis stantes

hu volume de *conselhos* de Pedro amcarrano, e com elle sinquo volumes de livros de purgaminho muito velhos. VI.

Setima stante

hu *sexto* de pena
hu volume de pena chamado *speculum judiciale*
outro volume de pena. III.
livros R e VII em esta lauda

Oytava stante

hua *suma sobre as decretaes* de purgaminho
hu velume chamado *vitalem de campanis*
outro livro de pena que nom serve de nada somente hũs items antigos
hu *sesto* de pena
huas *gestoes* de pena *sobre as decretaes*
ho quarto livro de huas *ordenações antigas* VI.

Nona stante

hu *digesto novo* de pena
hu tratado pequeno de *castoes*
ho primeiro das *decretaes Innocencio* sobre elle em hu volume
hu *aparato de gesalino* de pena
hua parte de *Joham amdre* de pena
hu tratado de pena chamado *barbarismo*
hu caderno de pena sem nenhum titollo que trata *gestoes*
hu velume chamado *berbyairo estravagante.* VIII.

Decima stante

hua *statuta* de purgaminho
hu quaderno de pena
hu *codeguo* de pena

hu velume de pena de items
outro qaderno de purgaminho de pena. B.

Undecima stante

seis velumes em esta stante sem sumas nem titollos nil valent. VI.

Duodecima stante

Azam em hu velume
hua parte de *nicolao*
hu velume de pena
ha quarta parte *dabade*
hua segunda parte *dabade* B.

aqui estam xxx livros em esta lauda xxx. acrecentaraose mais neste emventairo seis volumes de livros per restituiçaõ que se furtaraõ segundo se disse .s. 1.ª parte *de hoficis* e tres partes *dabade* e hua *vita xpi* e hu *vocabularium juris* e por que de todos me dou por entregue eu nicolau lopez o escrepvi asinei aqui oje VIII junho de 1 b^{c}xxxvi anos

nicolao
lopes bedel. »

Gabriel Pereira encontrou a fl. 60 do mesmo manuscripto um outro inventario mais antigo, que julgamos ser o fundo da livraria da Universidade de Lisboa, antes de enriquecida com o legado do Licenciado Diogo Lopes :

« Inventairo dos livros da livraria deste estudo e universidade feito per os padres luis cardoso e joaõ landeiro conselheiros no dito estudo e per mim bedel.

primeiramente achamos na dita livraria todos os terços de canones .s. duas *decretaes* de tortis de marca grande e dous *decretos* de tortis hu de marca grande e outro portell.
dois *sextos* hu de tortis e outro de pena

hu *dominico* a segunda parte delle sobre o *sesto*
hu *gradual sobre as clementinas*
archediaguo *sobre o decreto*
todos os volumes *dabade* e com seis *conselhos* e repertorio diguo seu reportorio
hu reportorio de *antonio cursete*
outra parte de *dominico* .s. a primeira
hu fr.º de *zabarellis sobre as decretaes*
quatro volumes de *joanes andreas* nas *decretaes*
dois volumes de *anrique bahia*
tres volumes de *guilhelmo espiculador* com seu repertorio
hu volume de *baldo* sobre o primeiro das *decretaes*
fl. 60 v. — cinquo partes *dabade* antiguo e na primeira parte hua obra de *antonio de butrio* .s. o titulo da *translatione epor.* (episcoporum) usque ad titulum *de offici*
hua novella de *Johanes andreas* sobre a terceira parte das *decretaes* em purgaminho de pena
tres partes de *bartochinos* .s. repertorios
outra leitura de *baldo* sobre as *decretaes* incipit *margarida*
dous volumes de *dominico* sobre o *sexto.* » [1]

Por estes inventarios se fórma uma ideia do estado da nossa litteratura juridica na primeira metade do seculo XVI; havia uma grande pobreza de livros impressos e a typographia achava-se profundamente atrazada, como o confessa André de Resende em uma carta de 16 de março de 1547.

Resta-nos apontar alguns dos costumes escolares que se procuraram introduzir na transplantação da Universidade para Coimbra. Pelo alvará de 26 de agosto de 1538, prohibiu-se aos estudantes « que naõ tragam punhal nem dagua. » Pelo alvará de 20 de junho de 1539, vê-se: « que alguns studantes dessa universidade nom esguardando o que cunpre a serviço de Deus e meu e aa honestidade de suas pessoas andam de noite com armas *fazendo musicas* e outros autos naõ mui honestos por essa cidade do que se segue escandalo aos cidadaons e moradores e pouqua authoridade e honrra aa universidade... » Estes costumes ainda hoje persistem sob o nome de *troça*. Pelo alvará de 23 de setembro de 1539 vêmos em que consistia a troça dentro das aulas: « alguns studantes

[1] Ap. *Boletim de bibl. portugueza*, vol. II, pag. 193 a 198. (1881). Coimbra.

nã esguardando ho que cumpre a seu habito e aa sua honra desses studos por alguãs leves causas que os a isso movem estando nas scholas ouvindo os lentes, *pateam com os pés e batem com os tinteiros aos que vão tarde a ouvir* e a outros. » Pelo alvará de 25 novembro de 1539 vê-se que já na Universidade figurava um grande *cabula* chamado o Araujo : « eu sam enformado que hũ studante dessa universidade que se chama Araujo he homem que nam vive honestamente nem studa, como deve fazer e despende mal o que lhe seu pai daa, e porque isto além de ser perda pera elle he mao exemplo pera os outros encomendo que ho mandees chamar e amoestai e aconselhai que se emende e stude como bom studante deve fazer, por que nam se emendando eu proverei nisso como ouver por bem e mandarei que naõ estee no studo, nem na cidade. » As trovas satyricas e invectivas insultuosas nos gráos dos doutorandos chegaram a provocar uma prohibição severa pelo alvará de 1 de julho de 1541 : « Eu el rei faço saber a vós lecenceado Estevaõ Nogueira, conservador da universidade de Coimbra, que eu hei por bem e me praz que quando se pozerem algumas *invectivas* ou *cartas* ou *trovas de mal dizer* aas portas das scholas que sejam defamatorias contra algũas pessoas, que possaes tirar devassa sobre quem as taes invectivas, cartas ou trovas fez e assi sobre quem as pos nas ditas schollas, e achando algũas pessoas culpadas as prenderees e procederees contra ellas como vos parecer justiça... » As cantigas latinas dos galiardos são o typo d'este genero de litteratura das escólas ; uma das mais celebres trovas que correram em Coimbra no seculo XVI foram as que se intitularam *da cutilada* dirigidas a D. Guiomar Nunes, filha do lente e cosmographo-mór Pedro Nunes. [1] Em carta regia de 4 de julho 1541, prohibem-se as *soiças* dos estudantes : « quanto aa *soiça* muito custosa que alguns studantes este anno fizerã de que vos escandalizastes por não ser cousa de studantes, ei por bem avendo respeito ao que dizees que se nam faça mais e vós lhe defendee. » Pela época da prohibição se infere que a *soiça* seria o divertimento por occasião do *ponto*, que ainda hoje se pratica, e a que se dá o nome de *tocar as latas*. Entre os costumes do seculo XVI que ainda hoje persistem na Universidade é o de dar um beberete aos lentes no exame privado ; Dom João III prohibira « que os lecenceados nos exames privados naõ dessem cêas, e somente dessem consoadas pera faze-

[1] Vid. *Cancioneiro popular*, p. 205.

rem menos gastos nas taes consoadas, se lhe accrecenta ora mais despeza pellas muitas fruitas que dã, e os doutores que estam aos ditos exames ficam mal contentes por lhes não darem de cear, e querendo a isso prover, ei por bem que os lecenceados dẽ de cear no cabo dos exames privados aos doutores que a isso forem presentes, e ficaram desobriguados das consoadas, e porẽ nam daram mais iguarias que hũa galinha ou perdiz assada a cada doutor e ate duas fruitas hũa na entrada e outra na sahida, e se for dia de pescado darã hũa soo iguaria de pescado e duas fruitas como dito he. » Mais ou menos ainda soffremos no nosso doutoramento em 1868 esta exploração regularisada por Dom João III por alvará de 2 de setembro de 1539. Foi este espirito de estabilidade e conservantismo que os Jesuitas exploraram, quando para se apoderarem do movimento humanista da Renascença se apoiaram nas Universidades.

THEOPHILO BRAGA.

O THEATRO MODERNO EM PORTUGAL [1]

DOIS DRAMAS NOVOS

(**O Duque de Vizeu**, drama em cinco actos, em verso, por *Henrique Lopes de Mendonça*. — **Germano**, drama em cinco actos, em verso, por *Abel Acacio*).

> Os leitores e os espectadores de hoje querem pasto mais forte, menos condimentado e mais substancial [do que a poesia]: é povo, quer verdade. Dai-lhe a verdade do passado no romance e no drama historico, — no drama e na novella da actualidade offerecei-lhe o espelho em que se mire a si e ao seu tempo, a sociedade que lhe está por cima, abaixo, ao seu nivel, — e o povo ha de applaudir, porque entende; é preciso entender para apreciar e gostar.
>
> ALMEIDA GARRETT — *Memoria lida no Conservatorio em 1843.*

I

Quando ha tres annos analysámos os primeiros vestigios do naturalismo na scena portugueza, afagavamos a esperança de vêr em breve resurgir o theatro nacional ao impulso vigoroso de novos talentos, sériamente educados nos processos da Arte moderna. O movimento intellectual brilhantemente representado na poesia, no romance, na critica e na sociologia, parecia-nos que no theatro deveria dar muito mais do que a infructifera tentativa de Teixeira de Queiroz, um dos nomes já aureolados do romance naturalista, e

[1] Vid. *Rev. de Est. Livres*, vol. I.

o drama de combate, defeituoso a muitos respeitos, de Cypriano Jardim. Infelizmente o theatro portuguez bem longe de corresponder á nossa espectativa continuou a viver aquella vida miseravel, em que se debatia quando os indicados dramaturgos o haviam procurado levantar. A scena proseguia a fazer emprestimos de obras de duvidosa qualidade, ou avariadas pelas traducções, quando sem plano e sem bussola, só por espirito de imitação ou por um requinte de immodestia da parte dos actores, não se abalançava a empresas muito superiores ás suas forças, tentando representar no palco portuguez as creações immortaes de outros povos e de outras eras. O povo, desgostado com um reportorio inteiramente estrangeiro pelo espirito, pelos costumes e pela linguagem, refugia-se nos theatros de terceira e quarta ordem, onde lhe fornecem espectaculos de infimo valor litterario, mas que estão mais no seu paladar, porque n'elles encontra, á falta de themas que verdadeiramente lhe interessem, a graça pesada e chula que o faz rir ou a critica desbragada dos homens e das cousas publicas de que é victima. D'este modo, emquanto a scena nacional morre de inanição, as *Revistas do anno* nos theatros populares contam as representações por centenas, e as enchentes pelo numero das representações.

Queixam-se depois as empresas theatraes da indifferença do publico pelos dramas e comedias que põem em scena, quando só se deveriam queixar da sua falta de criterio ou de bom senso, ou ainda da sua ignorancia pretenciosa, que as faz macaquear os theatros estrangeiros em vez de explorar e educar o gosto nacional.

Esperavamos que o movimento de renovação no theatro, iniciado com pouca felicidade por Cypriano Jardim e Teixeira de Queiroz, fosse em breve tentado com melhor successo ou por pulsos mais vigorosos, mas desgraçadamente nos enganamos, não tanto, — estamos d'isso convencidos, — por falta de talentos sufficientemente robustos para se abalançarem a uma tal empresa, mas sobretudo pelo horror que as sociedades dramaticas exploradoras dos nossos theatros votam a tudo quanto sáia um pouco da rotina consagrada pela imbecilidade do convencionalismo. Se não fosse um facto desde muito assente para nós a animadversão das empresas theatraes pelos trabalhos dos novos, facto longamente comprovado, bastar-nos-hia, para nos certificar de que essa supposição não era infundada, a recusa bastante recente da representação do *Germano* por uma empresa que pouco tempo depois levava á scena o drama inqualificavel intitulado *Os Portuguezes de 1640*. Ninguem ignora os obstaculos quasi sempre insuperaveis que qualquer dramaturgo novo tem diante de si; nada, porém, de admirar que o theatro portuguez prosiga n'um estacionamento degradante ao passo que a poesia moderna se firma sólidamente com as *Miragens seculares* de

Theophilo Braga e com o *Anti-Christo* de Gomes Leal e que o romance naturalista conta já uma bella pleiade de proselytos de grande merecimento. Os poetas e os romancistas têm sempre um editor ousado que se anime a sondar os mares da publicidade; os dramaturgos é que difficilmente encontrarão uma empresa que perfilhe a sua obra, se não fôr inteiramente vasada nos moldes gastos e safados do romantismo. E ainda n'este caso precisará o author de bons padrinhos, de protecções que o colloquem ao abrigo de um adiamento indefinido. Se não tivesse esta rara felicidade, nunca o snr. Henrique Lopes de Mendonça, apesar de todo o seu talento, conseguiria fazer representar o *Duque de Vizeu*.

Desde a representação do *Grande Homem* e do *Casamento civil* até á representação do drama em verso o *Duque de Vizeu*, não viu o palco de D. Maria obra alguma original que merecesse as attenções da critica. Um ou outro drama ou comedia de pequeno folego, e ainda de menos valor litterario, se acaso quebrou por instantes a monotonia do theatro de importação, não o fez de modo que désse em cheio na vista do publico ou que seja digno das honras de excepção. Depois d'aquellas duas comedias, de que em tempos aqui nos occupámos, só tem o critico a analysar duas outras peças theatraes, o drama do snr. Lopes de Mendonça, cuja representação foi segundo a tuba retumbante da fama um grande acontecimento litterario, e o do snr. Abel Acacio, que, pela questão suscitada em consequencia da empresa se recusar a represental-o, se tornou um acontecimento litterario não menos proeminente. O snr. Abel Acacio recorreu para o publico da sentença pronunciada pela empresa de D. Maria e para isso fez publicar o seu drama. O snr. Lopes de Mendonça tambem acaba de editar o *Duque de Vizeu*. É portanto occasião de fallarmos de um e de outro pelo estudo dos documentos. Fallaremos primeiro d'este ultimo.

II

O Duque de Vizeu do snr. Lopes de Mendonça é um drama historico em verso, completamente fabricado pelos processos romanticos e, portanto, atrazado uns bons trinta annos da nossa época profundamente naturalista. Formulamos assim sem mais preambulos o nosso julgamento sobre o drama, embora a nossa franqueza desagrade a muitos, á maioria mesmo dos que estudam as cousas do theatro.

Desde a primeira leitura feita pelo author a uma duzia de actores e de amigos começaram a correr no publico boatos assom-

brosos ácerca das bellezas e da sublimidade d'aquella obra dramatica, e depois da primeira representação choveram de todos os lados phrases feitas que eram como que a consagração do genio do dramaturgo. «Desde Garrett que se não ouvia uma cousa assim!» diziam uns attribuindo a exclamação a um critico de nome. Outros acrescentavam: «É como a musica classica; quanto mais se ouve, mais se gosta!» E a reputação litteraria de Lopes de Mendonça que até ahi vivera apenas escudada no justo renome de seu mallogrado tio, o author das *Memorias de um doudo*, fez-se de um dia para o outro. Nós, particularmente, apreciavamos já o illustre escriptor, não pelo seu drama em um acto, *A noiva*, ou pelos seus folhetins no *Diario Popular*, — futilidades litterarias em que a custo se revelava o seu talento, — mas por algumas poesias ineditas que viramos manuscriptas e datadas de Africa, nomeadamente por uma intitulada *Revolução*, muito antes de s. exc.ª vir conquistar um logar no nosso meio litterario.

Duas cousas, desde o começo, nos preveniram contra o drama do snr. Lopes de Mendonça, o ser um drama historico e o ser escripto em verso. Não somos de todo hostis ao drama historico e muito menos o poderemos ser á poesia. Mas a questão é esta. O theatro, como o romance, deve ser a representação da vida real, quer pelo assumpto, quer pelo estudo dos caracteres ou pela maneira da expressão. Quanto mais tocar de perto a realidade, sem comtudo se perder n'uma cópia servil, tanto mais se aproximará do ideal naturalista. O verso pelas suas condições especiaes de rythmo e de artificio, quanto mais perfeito, quanto mais sublime elle fôr, mais se distanceia da linguagem fallada e corrente em qualquer meio ou época social. Proprio para traduzir e descrever as emoções subjectivas, os sentimentos do coração, ou as aspirações intellectuaes, póde ser empregado com vantagem pelo artista moderno em determinados assumptos, mas não na representação fiel e real da existencia social como incumbe ao romance, á comedia e ao drama. O lyrismo, a epopêa e o drama são os tres generos distinctos da poesia; não se deve, no emtanto, confundir o drama poetico com o drama propriamente destinado ao palco, cujos processos de composição e cujo destino têm necessariamente de ser outros, muito differentes e por vezes mesmo oppostos. Não o entendeu assim a escóla romantica, o que aliás facilmente se comprehende, por ser a transição revolucionaria do classismo para o naturalismo. Os dramas lyricos de Victor Hugo pretendiam supplantar as insipidas tragedias pautadas pelas regras classicas e portanto tornava-se indispensavel oppôr verso a verso; mas o theatro do grande poeta, tendo tido um enorme papel na evolução litteraria do romantismo como arma de combate e bandeira de victoria,

não representa em caso algum o ideal do theatro moderno, não diremos já naturalista, mas nem sequer romantico.

Entre nós, onde o classismo não tinha as vigorosas raizes que lançára n'outros povos, não houve por assim dizer lucta entre a nova e a velha escóla. A implantação da nova escóla vinha antes como uma creação ou como um renascimento. Por isso Garrett, ao fundar o theatro romantico, não se viu na dura necessidade de supplantar os versos das tragedias classicas com os versos retumbantes dos dramas lyricos, e com a intuição do genio, elle, poeta inimitavel e inexcedivel, moldou em prosa as obras-primas do seu theatro, desde a *Sobrinha do Marquez* ou o *Alfageme de Santarem*, até ao sublime *Frei Luiz de Sousa*. O nosso eminente lyrico, desde que lhe passou pela idéa erguer o theatro nacional, percebeu admiravelmente que devia ser a prosa, a linguagem fallada no convivio de todos os dias, a que melhor se adaptaria ás condições da scena. E se a prosa foi usada de preferencia pelos romanticos nas peças theatraes, com muito mais razão será empregada pelos artistas novos que obedecerem aos processos naturalistas.

A historia, que foi largamente explorada pelos romancistas e dramaturgos romanticos, póde servir de base aos artistas do realismo, — bem o sabemos, — como prestou o seu concurso ao theatro classico. Porém, para tirar partido de uma época ou de um assumpto historico, só um artista consummado, porque tem de attender á descripção exacta do meio, dos caracteres, dos moveis d'acção e do espirito geral da sociedade e do tempo, e difficilmente conseguirá apanhar todos os elementos indispensaveis nos pallidos e incompletos documentos de que poderá dispôr. Assim, no romance, Gustave Flaubert, apesar do seu talento excepcional, não alcançou erguer a *Salammbô* ou a *Tentation de Saint-Antoine* ao grau extraordinario de verdade que possue a *Madame Bovary*. E porque? Porque n'este ultimo enthesourou o fructo das suas observações sobre a natureza, emquanto n'aquelles, a maior parte das vezes, teve de se cingir ás notas que pacientemente arrancou das obras litterarias das respectivas épocas. Muito mais difficil incontestavelmente será insufflar vida, — pensamentos, palavras e movimento, — a personagens historicos que ha muito desappareceram da scena do mundo e dos quaes nos ficaram em geral frouxos elementos, para uma reconstituição em rigorosas condições naturalistas. D'este modo o romance ou o drama historico, enormemente trabalhoso para o artista consciencioso, rarissimas vezes corresponderá nos seus resultados ao fim que o author tinha em vista.

Como os leitores vêem, estabelecidos estes principios, antes de assistirmos á representação do *Duque de Vizeu*, já o consideravamos uma obra nascida velha e em condições inteiramente oppos-

tas ás tendencias do theatro moderno. Não tivemos de mudar de opinião, antes mais e mais a confirmamos, primeiro com a representação, e agora com a leitura.

Não pretendemos avançar que o drama seja despido de merecimento; pelo contrario, apressamo-nos a confessar que o *Duque de Vizeu* possue bellas situações dramaticas e scenas artisticamente combinadas. Faltam-lhe, porém, todas as condições de um drama moderno; é uma regressão infeliz ao romantismo, sobretudo entre nós, pois que representa uma phase anterior ao proprio theatro de Garrett. O *Frei Luiz de Sousa*, de Almeida Garrett, tem mais uma feição do nosso tempo do que o *Duque de Vizeu* do snr. Lopes de Mendonça. Dir-se-hia que este foi escripto antes d'elle. Incomparavelmente mais moderno e inquestionavelmente superior pelo ponto de vista artistico podemos citar, embora lhe não faltem defeitos, o drama historico do snr. Cypriano Jardim, *Camões*, escripto para commemorar o terceiro centenario do nosso épico. Pois, apesar d'isso, não se levantou ao redor d'elle a celeuma que ergueram agora em volta do *Duque de Vizeu*.

Façamos agora abstracção da época litteraria em que vivemos, transportemo-nos mentalmente á época do pleno romantismo em que poderiam aceitar-se sem protesto esse romantico duque de Vizeu e essa Margarida, sua amante, typos de convenção como tantos outros que infectam a pretendida litteratura historica. Por acaso, n'esses tempos, o drama do snr. Lopes de Mendonça seria julgado uma obra-prima? Não, porque a execução poetica deixa muito a desejar e mesmo a urdidura do drama estaria longe de passar por impeccavel. O assumpto do drama é o assassinato do duque de Vizeu perpetrado por seu primo e cunhado el-rei D. João II. Partindo da morte do duque de Bragança no cadafalso, a conspiração contra o monarcha desenvolve-se, no decorrer da peça, no meio dos enlevos de um amor de fantasia puramente romantico e de uma serie ininterrupta de pequeninas traições e vilezas. De todos os personagens o caracter de D. João II parece-nos o mais feliz de correcção historica, assim como o primeiro acto o melhor, tanto pelo movimento, como pela disposição das scenas.

Nos outros actos teriamos muito que condemnar, se quizessemos fazer uma analyse minuciosa. Cremos sufficiente indicar como o cumulo do absurdo a disputa do acto 4.º entre a mãi e a amante do duque, por indigna da parte da primeira e insolentissima da parte da segunda, além de impropria quer do local, quer da época. O snr. Lopes de Mendonça só visou ao effeito dramatico d'aquelle duello entre o amor maternal e o amor sexual, sem reparar, além d'isso, que d'alli o caracter do duque sae tristemente effeminado.

Se deixarmos o enredo para estudarmos a factura do verso temos igualmente de fazer alguns reparos. O snr. Lopes de Mendonça é a cada passo infelicissimo na adjectivação, e não possuindo o dote raro de dobrar e mallear o verso a todos os caprichos e necessidades do discurso, ora deixa no vago um ponto que devia ser preciso, ora, pela urgencia da rima, tira com dois versos inuteis o vigor e a belleza da phrase que os antecede.

Vejamos um exemplo do abuso desastrado de adjectivos: Falla a infanta, mãi da rainha D. Leonor:

... A minha consciencia
'Stá-me accusando já de *barbara* inclemencia.
As lagrimas *gentis* dos olhos seus em vão
Cahiram sobre o meu *esteril* coração,
Como as torrentes sobre as dunas do deserto!... (p. 158).

Que serviço prestam esses adjectivos que pomos em italico aos substantivos que os acompanham?... Servem sómente de cunhas para a phrase se estender á medida dos alexandrinos, e sendo inuteis, em vez de augmentar a belleza do verso tiram inteiramente a força d'aquelles queixumes da infanta.

Outro exemplo: Na ultima scena do drama, quando o rei corre para Margarida para a prender e ella se suicida com o punhal com que assassinou o irmão, ha esta exclamação:

Ah! já não é mister!
Sobre o meu pobre amor extincto, eu vou morrer!
Fujo-te assim, algoz, mercê d'este punhal! (p. 284).

Estes dois longos versos, amesquinhando a energia lancinante da primeira exclamação, diminuem o effeito da scena porque demoram o desenlace sem outra necessidade a não ser a de ter rima para o verso final do drama. Os defeitos originarios da rima obrigatoria pullulam em todo o drama.

Como acabamos de demonstrar, o *Duque de Vizeu* não só é um drama velho para os nossos tempos, como, em caso algum, em plena época do romantismo, se poderia considerar uma obra-prima, embora revele no seu auctor certo merecimento.

Falla-se com insistencia, relativamente a este drama, em protecção palaciana que se traduziu na fundação de um premio para a melhor obra litteraria de cada anno, concedido pela Academia das sciencias e destinado a galardoar no corrente anno o illustre dramaturgo. Tudo póde succeder, e mesmo a ser verdade, nada teriamos de que nos admirar. O que, porém, affirmamos desde já e

muito folgamos de o poder deixar aqui consignado é que não são os premios das Academias, nem a vontade dos soberanos, que influem sobre o desenvolvimento das litteraturas. Não será por esse facto que o *Duque de Vizeu* adquirirá os fóros de obra-prima, nem tão pouco a evolução naturalista se extinguirá pela regressão officialmente protegida, do theatro ás origens do romantismo. O *Duque de Vizeu* está irremissivelmente condemnado como uma obra extemporanea e morta de nascença. Será votada ao esquecimento e com ella o soberano e os academicos que a premiarem, emquanto a litteratura moderna, profundamente scientifica e naturalista, seguirá ovante o seu caminho de triumphos e de glorias.

Se o snr. Lopes de Mendonça fôr com effeito um talento de primeira ordem, como por ahi apregoam, e se ambiciona conquistar um logar proeminente na republica das letras, terá de abandonar a errada trilha que segue, assoprado pelos mediocres e pelos nullos, e lançar-se afoutamente á conquista das regiões ainda inexploradas. O naturalismo, eis a floresta virgem para os novos dramaturgos.

III

Se o snr. Lopes de Mendonça, no *Duque de Vizeu,* adopta conscientemente todos os processos romanticos, pelo contrario, o snr. Abel Acacio, no *Germano,* empregando a maioria dos processos romanticos crê fazer litteratura realista. Se esta crença, um tanto ingenua do auctor, é emquanto a nós a melhor recommendação do seu drama, foi tambem ella que lhe fechou as portas do theatro de D. Maria. Os actores portuguezes têm ainda horror ao naturalismo. E depois o dramaturgo era um desconhecido. Sim, dizemos um desconhecido, porque a *Lyra insubmissa,* apesar de ser uma estreia promettedora, não sahiu de meia duzia de mãos, não encontrou a recommendal-a a guisalhada estulta do reclame.

O snr. Abel Acacio, publicando o *Germano,* appellou do julgamento dos actores para o *veredictum* do publico. O publico é a critica imparcial dos que na imprensa exercem o mister de analystas das obras litterarias. Pela nossa parte formularemos sem reticencias o nosso parecer. Somos pelo auctor contra os actores. Mas nem por isso deixaremos de julgar severamente o drama. O drama do snr. Abel Acacio, como o do snr. Lopes de Mendonça, é escripto em verso, portanto, o que dissemos a este respeito ácerca do *Duque de Vizeu* subsiste da mesma fórma em relação ao *Germano.*

Não devemos, comtudo, occultar quê o verso do snr. Abel Acacio é mais malleavel e se accommoda com mais facilidade ao cara-

cter de cada personagem, empregando com parcimonia os adjectivos e usando menos vezes phrases desnecessarias. Este facto, depondo a favor do talento poetico do auctor, não destroe a nossa opinião, desfavoravel ao uso do verso nos dramas naturalistas. Relativamente ao assumpto, preferindo o illustre escriptor descrever a sociedade contemporanea com todos os seus vicios e defeitos, mostrou melhor comprehensão do theatro moderno, mas por inexperiencia de principiante ou por falta de logica, luctando com a preoccupação dos lances de effeito, ao traçar o enredo do seu drama, abandonou o terreno sólido da observação para cahir redondamente nas regiões fantasiosas do romantismo. A acção passa-se em Lisboa e na actualidade.

Tentemos resumir o plano em poucas linhas. Germano, artista pobre e de grandes aspirações, aproxima-se de um millionario conselheiro que goza da fama de protector das bellas-artes, e em sua casa depara de subito com o ideal feminino que domina o seu coração, Maria, sobrinha do conselheiro. Esta, aborrecendo os galanteios apaixonados do primo Carlos, tambem sobrinho do conselheiro e amigo intimo de Germano, provoca e leva o artista a declarar o seu amor e a aceitar francamente o papel de rival d'aquelle. Germano pretende um logar na Academia, logar para que obteve o numero um na classificação do concurso, mas cuja nomeação depende do ministro. O conselheiro recommenda-o a uma viscondessa, sua velha amante, na actualidade amante do ministro. Carlos, que na sombra, traiçoeiramente, guerreia a pretenção de Germano, não só por ser rival no amor da prima, como por ser tambem pretendente ao mesmo logar da Academia, em cujo concurso alcançou má classificação, tenta e consegue exercer pressão no espirito da amante do ministro, com a ameaça de descobrir um antigo segredo que a compromette, a existencia de um filho illegitimo. A viscondessa que suppunha morto esse filho, fructo da sua quéda nos braços do conselheiro, sente renascer no seu peito o amor maternal e a tudo se sujeitaria para o descobrir. Como os leitores já adivinharam, o filho da viscondessa e do conselheiro é o protogonista do drama. Preterido por Carlos na nomeação para o logar da Academia, desprezado no baile pela mulher a quem ama, e sentindo-se esmagado pela revelação da sua desgraçada origem prepara-se para se suicidar, e é exactamente Maria, a mulher amada, que por um capricho romantico se introduz na sua mansarda, quem lhe dá a beber o veneno que lhe arranca a vida, entre a viscondessa, mãi peccadora que se arrepende, a amante desolada, o conselheiro e Carlos que veem em procura de Maria. Um final melodramatico!...

O assumpto, como se vê, não é novo. Os romancistas e os dramaturgos romanticos exploraram sempre com predilecção esse the-

ma. Filhos abandonados ou perdidos pelos paes, que mais tarde os vem a reconhecer nas circumstancias criticas da existencia, prostitutas arrependidas, paes cynicos e devassos, toda essa galeria estafada fez as delicias das nossas platéas nos tempos em que o romantismo se debatia nas mãos inhabeis de Mendes Leal, de Ernesto Biester, de Cesar de Lacerda, da ininterrupta série de pretendidos dramaturgos que aniquilavam a obra immorredoura de Garrett. Na sociedade contemporanea, no mundo real, não encontra o snr. Abel Acacio d'aquellas peripecias romanescas. Que as mães abandonem os filhos para encobrir a sua fraqueza ou a sua falta, não será difficil de achar, mas dos reconhecimentos tardios e piegas não rezam as chronicas das folhas diarias, nem os mexericos das senhoras visinhas. São exclusivamente bonitos lances para o theatro dos romanticos. As cousas na vida real passam-se sempre de outro modo. Portanto o drama do snr. Abel Acacio pecca por ter a urdidura gasta dos melodramas sentimentaes.

O illustre escriptor tocou um pouco mais de perto, mas ainda superficialmente, a realidade na architectura geral dos typos; o conselheiro está bem lançado; a viscondessa, á parte a corda do amor maternal serodiamente vibrada, tem alguns traços firmes; o visconde, no seu rapido perfil, indica observação da alta sociedade; o proprio protogonista tem certos laivos de verdade. Maria, cabeça voluvel, parece-nos porém incapaz de uma resolução como a do ultimo acto; é typo inteiramente de fantasia. Á sua acção, em todo o drama, falta-lhe a logica natural dos factos. Aborrecendo Carlos e entregando-se ousadamente a Germano no primeiro acto, como muda de repente de sentimentos ácerca d'este só por meia duzia de observações estultas que ouve ao primo? Conhecendo que Carlos a requestava e que não vira com bons olhos o apparecimento do rival, como não sente fortalecer-se o seu amor e não se indigna quando vê Germano ser por aquelle deprimido? O procedimento de Carlos, sendo pretendente ao logar da Academia e apresentando o amigo ao conselheiro para mais tarde o atraiçoar, tambem se nos afigura illogico. O roubo da medalha e a coincidencia de ir parar ás mãos de Carlos pertence ao numero dos recursos do velho theatro. Em todo o caso ha aqui e alli suas leves tinturas de precisão naturalista, que nos indicam um bom observador da natureza, mas por ora pouco profundo, demasiadamente superficial.

O snr. Abel Acacio, onde mais se preoccupou com o *naturalismo*, foi no phraseado, na adopção dos vocabulos correntes, vulgares, por vezes mesmo chulos, chegando a empregar plebeismos improprios do verso e dos personagens a quem os attribue. Esmerou-se em tirar á phrase tudo o que pudesse parecer amaneirado,

rhetorico, pretenciosamente levantado. Pretendendo fugir de um excesso, cahiu no excesso opposto; d'ahi aquella figura tão commentada e ridicularisada pelos inimigos do poeta:

> Lisboa é uma cloaca obstruida.
> Nem o *clyster aereo* da Avenida
> É capaz de a limpar. (p. 87).

Com effeito a imagem é tola; mas na bocca do visconde tolerar-se-hia se o nivel intellectual d'elle não fosse ainda mais baixo. Em resumo, o snr. Abel Acacio, não se elevando á verdadeira comprehensão do naturalismo na arte, tomou por processo completo o que não é mais do que uma das suas manifestações secundarias. Na representação da vida real uma das condições inilludiveis tem de ser de certo a linguagem vulgar e fallada, a terminologia trivial, muito embora choque o ouvido delicado dos rhetoricos e dos pedantocratas. Mas o vocabulario, o discurso não é tudo. O principal é a descripção dos caracteres, dos moveis de acção, da intriga, conforme os processos logicos revelados pela observação. É o experimentalismo na Arte, como o define a escóla de Zola, *o documento humano*.

O snr. Abel Acacio, no seu *Germano*, apesar das boas intenções que o moviam, não conseguiu fugir dos processos romanticos, e por isso deu-nos uma obra falha, incompleta, falsa, que não póde ser bem recebida pelos romanticos, nem pelos naturalistas, porque para aquelles falta-lhe o luxo opulento da phrase e para estes quasi nada tem do que caracterisa os trabalhos modernos, a observação rigorosa e precisa dos caracteres, dos temperamentos e da vida real.

Este drama mostra-nos, porém, que o snr. Abel Acacio é um talento aproveitavel para o theatro e que se estudar os novos processos da Arte, poderá talvez cumprir entre nós uma bella missão.

IV

O theatro portuguez, como vemos, continúa a viver miseravelmente de traducções e imitações de obras estrangeiras. Algum trabalho original que apparece não possue condições de vida para tirar o theatro da rotina em que se esterilisa. No emtanto, a nação vê dia a dia, surgirem novos talentos nos differentes ramos das bellas-artes e da litteratura. Porque não os tem o theatro? A culpa recae em grande parte sobre as nossas empresas theatraes, nomeadamente sobre a do theatro de D. Maria. O dramaturgo

novo que pretende quebrar os velhos moldes, sabe antecipadamente que achará fechadas as portas do theatro normal. Por isso ninguem se anima. Eis ahi o erro.

Quando Almeida Garrett metteu hombros á creação do theatro nacional não tinha á sua disposição uma empresa organisada, com actores e actrizes experimentados nas lides do palco, — mais ou menos orgulhosos por noites de triumphos e embriagados pelos applausos das platéas. O nosso grande dramaturgo teve de lançar os fundamentos do theatro, não só escrevendo as obras-primas que são hoje outras tantas côroas da sua gloria, como crear o pessoal da scena desde o primeiro actor e a primeira actriz até ao ultimo dos comparsas. Para isso encontrou um valente auxiliar em Emilio Doux.

Foi da escóla de Garrett e de Doux que sahiram o Tasso, a Manuela Rey, a Emilia das Neves, o Rosa, pai. Os actores que dominam hoje o palco de D. Maria são os ultimos reflexos d'essa notavel escóla. Vieram do romantismo e serão sempre romanticos de alma e coração. Não contem com elles, os novos dramaturgos.

Quem tomar a peito a fundação do theatro naturalista, tem de seguir o exemplo de Garrett. Porventura não se encontrará um Doux naturalista? Ha em Lisboa bastantes theatros e ha n'elles actores de merito que já pisaram o palco de D. Maria e que se tiverem quem os guie e quem lhes preste auxilio, poderão servir de nucleo para um novo grupo de artistas, o qual pelo estudo perseverante e por meio de esforços intelligentes facilmente conseguirá supplantar e vencer o grupo dos actores romanticos.

Conquistado o favor publico pela representação de bons dramas e comedias modernas com a intelligencia e a precisão que demanda o naturalismo no theatro, o menos difficil de alcançar será depois o theatro de D. Maria. Então os novos entrarão alli como vencedores, com a sua litteratura theatral e com o seu grupo de artistas. Ora o naturalismo não precisa de favores, não quer a protecção official. Deve-se impôr pela força do talento.

É este o caminho que aconselhamos aos novos dramaturgos.

TEIXEIRA BASTOS.

ROMANCISTAS NATURALISTAS

FIALHO D'ALMEIDA — C. CASTELLO BRANCO — GERVASIO LOBATO — ALBERTO BRAGA — LINO DE MACEDO — ARTHUR LOBO D'AVILA

Fialho d'Almeida. — Da chusma de rapazes que por ahi assaltam as redacções dos jornaes, usando umas vezes os seus proprios nomes, outras pseudonymos, como um luxo litterario que deve multiplicar a personalidade e o ruido produzido, Fialho d'Almeida é incontestavelmente o mais audacioso, o mais conhecido, o mais incensado.

É vêl-o entre a bohemia, conscio da sua superioridade, monoculisando os seus admiradores que lhe rogam uma opinião sobre qualquer producto litterario ou artistico que se annuncia, sobre qualquer individualidade; é observal-o em todo o seu *aplomb* de litterato pretencioso, sentenciando as pessoas e as cousas, deixando cahir da orbita o monoculo imprescindivel da litteratice pedante, para encarar a olho nú as physionomias ridiculas dos seus enthusiastas; é acompanhal-o, emfim, nas suas excursões artisticas, franzindo a todos os momentos os sobr'olhos como a simular uma meditação profunda.

Fêl-o assim o elogio banal, a incapacidade critica.

Em 1881 escreveramos d'elle, a proposito do seu primeiro livro de contos: « O meio em que este rapaz se desenvolveu prejudicou-lhe as faculdades creadoras, e não tardará que o vejamos

completamente esterilisado, o que deveras sentimos, porque Fialho d'Almeida começou a revelar-se-nos um talento aproveitavel, e um artista, que iria longe se o não incensassem antes do tempo [1]. »

Referiamo-nos aos seus primeiros trabalhos publicados no *Museu Illustrado,* do Porto, e especialmente ao conto intitulado *A Ruiva,* que apesar dos seus grandes defeitos litterarios e artisticos, e das indecisões de fórma e de processo, proprios de quem começa, merecia a attenção do publico.

O moço escriptor escrevia então sem que a critica louvaminheira envolvesse a sua personalidade. Os *genios* da terra não tinham ainda dado pela sua existencia obscura, e é mesmo muito provavel que vendo o seu nome não se dessem ao incommodo de lêr o producto do seu intellecto.

Era um desconhecido, vivia só na obscuridade, mas tinha as sympathias de meia duzia de individuos que pensam e trabalham, e que viam nos seus escriptos os primeiros ensaios d'um escriptor moderno e de força.

Veio á luz publica o seu primeiro volume e a imprensa do elogio-mutuo — essa imprensa que tem annullado algumas vocações, sem o sentir, saudou-o logo com as salvas do estylo. Esperavamos uma analyse sensata e deparamos apenas com os louvores inconscientes, talvez porque o livro era dedicado a Camillo Castello Branco, um romancista decadente.

Diario da Manhã, Diario de Portugal, Occidente, e outros, a que as mediocridades se acolhiam esperançosas, foram unanimes em declarar que o volume de Fialho d'Almeida era « uma novidade litteraria e uma perfeita obra d'arte. »

Não seria preciso mais para afagar a natural vaidade d'um principiante e para que elle concebesse uma falsa noção do merito.

Não é assim que se aproveitam os talentos, dissemos nós, é pelo contrario, d'este modo que elles se perdem. Elogiar demasiadamente um rapaz quando elle começa a manifestar-se como litterato ou como artista, é o mesmo que annullal-o.

A missão da critica — quantas vezes o temos repetido! — é apontar os erros, os defeitos, os pontos de vista falsos das obras, não esquecendo nunca os traços reveladores do talento ou do genio. E para que o exame seja consciencioso e as opiniões respeitadas, necessita-se dos conhecimentos scientificos, da hombridade e

---

[1] Vid. *A Vanguarda* n.º 70.

d'um impressionismo saudavel. A imparcialidade e a justiça nas apreciações só poderão derivar-se d'esses ornamentos intellectuaes e moraes do homem.

Ora, aos que por ahi se acham á frente da imprensa, falta-lhes, na generalidade, a educação scientifica, essa benefica educação que nos dá a firmeza de caracter e o espirito de sinceridade, e por isso os seus juizos, quer laudatorios, quer deprimentes, nunca podem servir para o julgamento de qualquer personalidade.

O moço litterato em questão, foi por esta imprensa proclamado um talento de primeira plana; o publico habituou-se a lêr o seu nome envolto nos mais rasgados encomios, fazendo-nos recordar o celebre periodo da pedantocracia portugueza, e o ingenuo escriptor julgando-se ingente teve a febre de gloria, essa mysteriosa febre que ainda não deu á medicina pratica indicações thermometricas.

A sua decadencia data da elevação da temperatura febril, podendo-se portanto dizer que elle é na litteratura contemporanea a maior victima da irresponsabilidade jornalistica.

Mas acompanhamol-o na sua evolução artistico-litteraria, expondo com a maxima franqueza que a critica requer, as nossas opiniões sobre a arte e a esthetica do festejado contista.

A sua primeira obra insere alguns contos anteriormente publicados em diversas revistas e entre elles esse quadro repugnante da vida humana a que já alludimos — *A Ruiva*. Nota-se aqui a influencia de Zola no espirito do novel escriptor, e por isso esse conto que tem quasi as proporções d'um romance, é o melhor do volume. *O tio da America*, a *Idéa da comadre Monica*, a *Desforra de Baccarat*, a *Expulsão dos Jesuitas*, pertencem a essa litteratura sem intuito a que muitos espiritos se dedicam por mera curiosidade e ostentação de processos que não comprehendem.

Ha uma fórma de que gostam, uns processos descriptivos que os surprehende, umas modernas phrases que os attrae como objectos da moda, e eil-os inconscientes, servis, a agarrarem-se a tudo isso n'um supremo esforço de imitação, produzindo as banalidades na arte,

Os contos intitulados *Os dois primos* e *Sempre amigos*, puderam em parte escapar a essa preoccupação das exterioridades frivolas, revelando assim os bons dotes intellectuaes do auctor n'uma fórma menos caprichosa e mais artistica, sem por isso deixar de ser moderna. Ás vezes um colorido vigoroso e inspirado nas realidades da natureza, dá a concepção nitida das cousas.

Ora, se no primeiro livro de contos de Fialho d'Almeida transparecem ainda n'alguns quadros luminosas faiscas de talento, e se n'outros chegamos a pasmar de tantas banalidades proferidas por um espirito que devia progredir, porque é que a critica jornalisti-

*

ca não teve a sinceridade e a franqueza de mostrar isto mesmo? O processo seria facilimo e não deslustraria o auctor dos *Contos*. Bastava estabelecer-se o confronto entre essas paginas realmente brilhantes e realmente mediocres.

Seria o maior serviço prestado ao moço escriptor, demais quando elle parecia já muito prejudicado por influencias litterarias contrarias a toda a manifestação de progresso. Era visual o pessimo effeito produzido pela local encomiastica no seu espirito juvenil, notava-se sem difficuldade a declinação prematura das suas concepções artisticas, mas aquelles que tambem d'elle precisavam para o engrossamento d'uma *claque* espaventosa e desordenada, continuavam a impôl-o ao publico como « *um dos talentos mais robustos da geração moderna!* »

Em 1882 sahia o segundo livro de contos sob o titulo *A Cidade do Vicio*. Este volume, como o primeiro, compõe-se na maior parte de contos dispersos por diversas folhas do paiz. Abre exoticamente com uma phraseologia que não exprime cousa alguma, subordinada á epigraphe: *Symphonia de abertura*. Percebe-se n'estas paginas nitidamente impressas os desvios d'um espirito desordenado, que apenas se contenta com palavras. Não ha alli uma idéa, nem a interpretação real d'um sentimento; ha a monomania dos adjectivos como se a melhor escolha d'esses unicamente podesse substituir todo o ideal moderno, ou para sermos mais explicitos, como se elles bastassem para a admiração da obra d'arte.

Fialho d'Almeida entende que a phrase é tudo, e n'essa convicção intima, esboça uns quadros sem intuito em que pretende mostrar o seu talento como um chinez nos desenhos e embutidos das caixas de charão ou nos recortes das peças de marfim.

A sua arte já não tem expressão, não traduz a vida; é uma arte arranjada nos botequins, bebida com o capilé ou a salsaparrilha, e que se resume na reproducção inconsciente das banalidades que não interessam a quem as lê nem a quem as ouve; é uma arte, emfim, que arranca immediatamente a pergunta: — Que pretende este homem com tudo isto?

Veja-se no volume a que acabamos de nos referir, os contos *A noite no rio, A camisa, A indigestão, Mephistopheles e Margarida, Jantar no moinho* e outros, para não citarmos senão os mais queridos da *réclame*, e digam-nos depois em que se funda a critica indigena para considerar primores d'arte o que não passa de frivolos devaneios d'um rapaz sem disciplina mental, revelando a mais completa ignorancia do moderno ideal artistico.

Se nos argumentarem com o seu processo, esse processo é o de todos que por ahi se dizem naturalistas *à sensation*, queremos dizer, de todos os que não comprehendem o hodierno movimento

litterario, cahindo por isso nos exageros, que longe de nos irritarem, nos provocam o riso mais franco e sincero...

A ausencia de conhecimentos, de senso moral e esthetico, e uma pretenciosidade que attinge o ridiculo, fizeram d'estes moços, aliás muito palradores e alegres, as personificações mais completas da insciencia e da pedanteria.

Fialho d'Almeida é o pequeno idolo adorado por esses litteratos, porque o seu nome sôa mais que o de qualquer d'elles, e porque a incapacidade confunde o talento com a habilidade vulgar. Como não podem distinguir a concepção elevada da concepção mediocre, esperam sempre as opiniões dos outros para emittirem as suas, e essas opiniões acceites são geralmente as dos mais sinceros thuriferarios.

Damos um exemplo de quanto póde essa admiração inconsciente pelo moço escriptor, reputado *como o mais brilhante dos que em Portugal hoje cultivam a escóla naturalista.* Publica um jornal de vida ephemera: « O snr. Fialho d'Almeida escreve encantadoramente e as suas paginas são ás vezes mais nobres que uma couraça armoriada, mais viris que uma musculatura de bronze, mais luminosas que uma lamina d'alfange turco, mais florescentes que uma magnolia aberta, mais vibrantes que uma sonata de rouxinoes a um alvorecer de floresta. Os seus cantos são poemas em que a alma se estampa desolada, núa, triste como a rama d'um cypreste, alegre como a canção d'um pastor, revelada no que ella tem de mais nobre, de mais grandioso, de mais sentido, de mais real, desde a subtileza idyllica de um amor que desponta, até ás grandes raivas hystericas, que a prostram e esterilisam, nos fluxos ardentes das lagrimas, e nas contemplações mudas e serenas das esperanças e dos extasis. A arte d'este cinzelador do estylo é requintada e luxuosa. »

Como se vê não é possivel tecer-se maiores louvores por meio da rhetorica banal, a um litterato-artista. Isto escreve um dos mais salientes thuribularios da bohemia contemporanea, atacando o bom senso n'um desvairamento que dá toda a medida do valor da personalidade.

Um ultra-romantico dos mais exaltados, não escreveria melhor, e isso nos basta para aquilatar das faculdades intellectuaes dos admiradores do incensado contista. E é assim embalado, que elle vai vivendo e adormecendo.

(Continúa).

REIS DAMASO.

A FUNCÇÃO HISTORICA DA ECONOMIA POLITICA [1]

> ... Dans les études sociales, comme dans toutes celles relatives aux corps vivants, les divers aspects généraux sont, de toute necessité, mutuellement solidaires et rationnellement inseparables.
>
> AUGUSTE COMTE: *Cours de philosophie positive*, vol. IV, pag. 198.

I

Nós, os homens d'este declinio de seculo, vivemos em uma época atormentada. O nosso tempo é sobretudo de analyse, de dispersão, de desfibramento, de especialisações, de pesquizas independentes e multiplas, de pontos de vista concretos. O espirito da synthese, as preoccupações de conjunto, apenas pairam, por cima d'esta época, como um bocado de materia amorpha, como uma nebulosa que está em via de condensar-se, e é muito raro que no meio da febre que nos escalda algum cerebro um tanto generalisador se lembre de construir systematisações, mesmo provisorias, para obter aquelles *repousos mentaes* de que fallou, com tanta propriedade, o biologista Charles Robin.

---

[1] O presente artigo é um extracto da dissertação inedita que eu havia escripto para ser apresentada á faculdade de direito do Recife, por occasião do concurso a que se devia proceder em novembro, afim de dar um lente substituto ás cadeiras de direito administrativo e economia politica da mesma faculdade. O concurso tendo sido adiado, resolvi apresentar outro trabalho á congregação da escóla, e deixar de lado o primitivo, do qual agora publico uma parte.

Por isso é que em cada um dos departamentos do mundo pensante vêmos, na hora actual, lavrar uma actividade intensamente revolucionaria, e é ainda por isso que toda a enorme extensão do nosso horisonte intellectual está presentemente semeada de milhares de theorias e de uma infinidade de disciplinas, algumas das quaes, rigorosamente, não podem ser chamadas scientificas.

O seculo presente, nem por ter sido portador para a intelligencia humana do *estado positivo*, póde livrar-se da herança metaphysica que os seculos anteriores (do XIV ao XVIII) lhe haviam preparado. O espirito do detalhamento *à outrance*, das indagações multiplas e quintessenciadas, que havia sido o apanagio do *segundo estado*, penetrou em nossa era e determinou essa exuberancia de creações scientificas particulares que nós estamos presenciando e cuja integração final ainda vem longe.

É assim que, como se não tivesse ficado satisfeito com a constituição da biologia e da sociologia abstractas, como se Bichat e Comte não lhe houvessem correspondido inteiramente ao appello fechando a série das sciencias fundamentaes, como se comprehendesse que ainda eram e são precisos muitos elementos, muita materia prima, para a plena architectação do seu edificio; o seculo XIX embrenhou-se pela região asperrima, embora illuminada, das indagações parciaes, e começou a cavar o sólo até descobrir novas stratificações de factos que lhe déssem ensejo a outras tantas *sciencias novas*.

Ora, em frente da grande somma de productos que surgiu, após isso, no ponto de vista concreto, em face do *Folk-Lore* complexo e fecundo que se tem ultimamente constituido, comprehende-se facilmente a necessidade que sente, quem quer que se abalance a estudar uma dada materia, de determinar antes de tudo a posição justa do objecto das suas especulações, relativamente á sciencia abstracta de que depende e ao conjunto de que faz parte.

Por outras palavras: Em taes condições ha necessidade inilludivel de delimitar-se o campo das investigações a fazer, comparando-o com os que lhe são confinantes, submettendo-o ás influencias geraes, *classificando*, emfim, a sciencia de que se trata.

O pensador, portanto, que tiver hoje de enunciar-se sobre um ramo qualquer dos conhecimentos humanos, deve, como um naturalista methodico, fazer préviamente a *taxinomia* do assumpto escolhido, tornando saliente a *classe*, a *ordem*, o *genero* e a *especie* a que está preso esse organismo *sui generis*.

Sem um trabalho preparatorio d'essa natureza, corre-se o risco de não attingir o alvo desejado, de confundir elementos diversos, de trazer para uma certa ordem de phenomenos considerações e factores estranhos a ella; emfim, de, como os primitivos navega-

dores, á falta de bussola, descrever na superficie do mar das idéas uma *linha loxodromica* esteril e sem fim.

Convencido d'essa verdade, é que eu busco estudar aqui a *funcção historica da economia politica*, trabalho genetico preliminar que eu considero preciso para a determinação do logar que cabe á economia, no conjunto das sciencias encarregadas, hoje, de nos dar uma concepção geral e positiva do mundo.

II

A *filiação* é o methodo ou processo logico que mais fecundos resultados produz nas indagações sociaes.

Sirvo-me, pois, d'elle para mostrar o modo como a economia politica nasceu e se constituiu, cumprindo logo uma missão historica que, racionalmente, devia ter ficado circumscripta á primeira metade do nosso seculo.

Durante todo o largo periodo que foi de 1700 a 1826 [1] a alma da Europa esteve em uma ebullição constante, em um estado de fermentação singular. Elaborava-se n'ella o grande desenvolvimento affectivo, intellectual e pratico que se ia desdobrar no decurso da nossa idade, e as entranhas do velho mundo occidental soffriam todas as dolorosas contracções a que dá logar uma gestação phenomenal e difficil. A grande crise de 1789 mostrou até que ponto chegava aquella concentração semi-latente de todas as energias imaginaveis.

Estavam fundadas desde muito as mathematicas e a astronomia; a physica e a chimica vinham de ser constituidas, e a biologia despontava no limiar do presente seculo...

A par d'isso a corrente de idéas metaphysicas que desde o seculo XIV começára a assediar as instituições do velho regimen, alargava-se cada vez mais, e tendo como centro a encyclopedia, irradiava-se por todo o orbe pensante, abrindo brechas fundas na velha intuição catholica e nos seus moldes de organisação social.

Sentia-se a necessidade de alguma cousa nova, embora se não

---

[1] O anno de 1826 recorda a abertura do *Curso de philosophia positiva*, por Comte

soubesse em que ia consistir esse *quid* tão anciosamente esperado.

Rompida a unidade espiritual e quasi totalmente eliminado o ascendente moral que o catholicismo lograra estender e conservar sobre a idade média, presentia-se a vinda de uma outra disciplina geral que pudesse dar aos espiritos revolucionados e vacillantes uma unanimidade relativa de idéas e de sentimentos, de aspirações ou de ideaes.

Era que já então se impunha a necessidade de uma sciencia social, destinada a fechar o circulo abstracto dos conhecimentos humanos e a provocar o estabelecimento de uma poderosa systematisação philosophica sobre as seis classes fundamentaes de phenomenos observaveis.

Mas não tardaram muito as tentativas inconscientes, no sentido de apressar o advento do facto sociologico. Umas de ordem abstracta, outras de ordem concreta, essas tentativas nem por isso se deixaram de patentear claramente.

Indicarei as principaes, começando pelas abstractas.

*

Temos em primeiro logar a que foi produzida por Montesquieu. A obra que recebeu o titulo de *Esprit des Lois* é effectivamente um esplendido attestado de que a noção de *lei positiva* applicada aos factos sociaes, e portanto a instituição de uma especie de *physica da sociedade* era já de uma urgencia inilludivel no meiado do seculo XVIII. [1]

A proposito d'esse livro diz Jules Rig, resumindo a 47.ª lição do *Cours de philosophie positive*:

« Ce qui caracterise la force de ce dernier ouvrage (o *Espirito das Leis*) c'est la tendance de l'auteur à concevoir les phénomènes politiques comme assujettis à des lois naturelles. L'idée générale de *loi* se trouve enfin definie, suivant l'acception que l'intelligence humaine s'était déjà habituée à lui attribuer dans les plus simples recherches positives... On doit s'étonner qu'un pas semblable ait pu être fait en un temps où la methode positive n'embraissait en-

[1] O *Espirito das Leis*, de que Secondat (o mesmo Montesquieu) disse que era *prolem sine matre creatam*, foi publicado em 1748.

core que les plus simples phénomènes, sans avoir penetré dans l'étude des corps vivants, et sans même être devenue preponderante dans les phénomènes chimiques. » [1]

Isto basta para caracterisar a tendencia da obra citada.

Depois das tentativas de Montesquieu veem as de Turgot, Kant e Condorcet.

Jacques Turgot, o *economista physiocrata*, o mais valente dos cerebros que aceitaram as theorias de Quesnay e que o seguiram como discipulos, não era só um especialista, encerrado na estreiteza dos seus estudos concretos sobre a propriedade territorial e as producções agricolas. Era um philosopho e um pensador de raça, a quem eu penso que profundas meditações sociologicas atiraram para o campo da *physiocracia*.

Em seu *Deuxième discours sur les progrès successifs de l'esprit humain* elle assignalou, antes de qualquer outro em França, o encadeamento das gerações e a filiação das cousas, provando, d'esse modo, o quanto seu espirito levava vantagem ao seu tempo. [2]

O referido *Discurso* tem a data de 1750, e só vinte e quatro annos após elle foi que Kant, o philosopho admiravel de Kœnigsberg, pôde trazer a sua contribuição, que nem por isso deve ser considerada tardia, á faina pre-sociologica do tempo notavelmente accentuada.

Em 1784 appareceu na Allemanha um opusculo intitulado *Idéa de uma historia universal no ponto de vista da humanidade*, no qual o citado philosopho, que foi chefe do *criticismo racionalista*, ia mais longe ainda do que os seus predecessores Montesquieu e Turgot.

Effectivamente: n'essa obra emprehendia Kant uma historia «conforme a um plano determinado da natureza», e fazia votos para que apparecesse um homem que soubesse «conceber o encadeamento dos factos historicos.»

Esse homem não foi, decerto, Nicolas Caritat, o marquez de Condorcet, que logo depois se manifestou genialmente; mas o que é exacto é que o *Esboço de um quadro historico dos progressos do espirito humano*, — obra concebida no meio dos terrores da grande Revolução e, por assim dizer, executada nas vesperas de um

---

[1] *La philosophie positive*, par Auguste Comte; resumé par Jules Rig. Tomo II, pag. 57 e 58.

[2] Vid. E. Littré: *Auguste Comte et la philosophie positive*, cap. III.

suicidio premeditado e inevitavel — foi um portentoso attestado de que vinha muito proxima a hora da constituição definitiva da sociologia.

Augusto Comte fez a devida justiça a Condorcet, e analysando a *Esquisse d'un tableau historique des progrès de l'esprit humain* affirmou que o seu author tinha descoberto a concepção geral do trabalho proprio a fazer da politica uma sciencia de observação. [1]

Firmando-se sobre a alludida «concepção geral» e depois de ter fortalecido a sua potente mentalidade com os estudos biologicos de Bichat e Blainville, pôde emfim o organisador da philosophia positiva fundar a sciencia abstracta da sociologia, preenchendo assim a lacuna reconhecida, na segunda metade do seculo XVIII, pelos seus illustres precursores a que me tenho referido e, em principios do seculo actual, por Saint-Simon e o dr. Burdin. [2]

Não me cabe aqui a tarefa de indagar se a construcção philosophica de Comte, as enormes syntheses — objectiva e subjectiva — que elle constituiu, foram ou não fecundas e correctas.

O meu fito é outro. Tendo constatado a tendencia geral dos melhores pensadores do seculo XVIII para o estudo abstracto dos phenomenos historico-sociaes, em um sentido novo e rigorosamente scientifico; tendo provado assim que a *élite* dos cerebros d'aquelle tempo se encaminhava para uma sciencia ainda não formulada, mas cujo evento era fatal; eu quero mostrar que, de um ponto de vista mais especial e concreto, os primeiros economistas foram apenas servidores inconscientes, ainda que utilissimos, da referida sciencia, a qual elles não poderiam nem saberiam fundar.

Dir-se-ha que a minha affirmação não é nova? — que ella nada mais significa do que a intima e conhecida relação existente entre a economia e o complexo das varias sciencias de applicação social? Acrescentar-se-ha que já o proprio Augusto Comte, em sua grande obra dogmatica, considerára os trabalhos economicos como manifestações prodromicas da aspiração sociologica?

Talvez; mas o que é certo é que o ponto de vista em que eu me colloco, n'esta materia, é perfeitamente novo.

Nenhum escriptor, sem exclusão de Comte, tem até hoje encarado a economia politica e os economistas do final do seculo pas-

---

[1] *Cours de philosophie positive*, tomo IV, lição que aprecia as tentativas feitas para constituir a sciencia social; *Système de politique positive*, pag. 132 e seg.

[2] Littré: obra cit., pag. 73 a 94.

sado como um producto exclusivo do seu tempo e do seu *meio*, como uma creação e um resultado das necessidades mentaes d'aquelle periodo.

Entretanto é d'esse modo que eu penso.

Para mim, postos de lado os economistas e financeiros empiricos dos seculos XVI e XVII, que não tinham um corpo de doutrina assentado e methodico, e que, todos, andavam mais ou menos presos á miragem estreita da *balança mercantil;* os escriptores *physiocratas*, isto é, os economistas francezes do seculo XVIII, e após elles o author da *Wealth of nations*, não devem ser comprehendidos como o são geralmente.

Não só a brilhante *troupe* dos Quesnay, Turgot, Dupont, Mirabeau, Gournay, Baudeau, Mercier, Le Trosne, etc.; como, principalmente, o escossez Adam Smith, o chamado patriarcha da sciencia economica; — foram, não *economistas*, no sentido em que essa palavra é tomada actualmente; mas antes de tudo *politicos* e *philosophos* que, sob a dupla impulsão do genio ou espirito do tempo e das necessidades praticas dos paizes em que viveram, atiraram-se aos problemas sociaes, forjando theorias provisorias mais ou menos largas, mais ou menos completas, em que occupava maior espaço o *phenomeno de nutrição* da sociedade.

É a meu vêr uma verdade incontestavel que Quesnay e Adam Smith nunca pensaram em fundar uma *sciencia moral da economia politica*, com todos os refinamentos metaphysicos a que os seus pseudo-seguidores attingiram no correr d'este seculo.

Mesmo Malthus, o celebre Thomaz Roberto Malthus, author do conhecido *Ensaio sobre o principio de população*, não me parece que tenha pretendido erigir sobre o facto biologico que elle estudou uma perfeita disciplina scientifica denominada *Economia*. Os seus *Principios e definições* appareceram já no seculo XIX, ao passo que o *Ensaio sobre a população* é de 1798.

Vejamos os *physiocratas:*

As obras principaes que as melhores cabeças dos da seita produziram, não foram de modo algum trabalhos versando sobre economia politica propriamente dita. Mercier de la Rivière publicou um livro intitulado *Ordre naturel et essentiel des sociétés politiques*, e por sua vez o abbade Baudeau deu á luz um bom estudo com esta denominação: *Première introduction à la philosophie economique ou analyse des états policés.* [1]

---

[1] Vide, entre outros, J. Garnier: *Traité d'économie politique;* pag. 650 da 5.ª ed. franceza.

Se Turgot, o mais notavel dos consocios, escreveu a *Memoire sur les prêts d'argent* e o pequeno tratado que teve por titulo *Reflexions sur la formation et la distribution des richesses*, deve-se attribuir isso antes á sua vocação para a politica financeira do que a um designio assentado de crear a *sciencia economica*.

Passemos a Adam Smith, áquelle mesmo que Augusto Comte chamou « illustre et judicieux philosophe ».

É sabido que a grande obra do pensador de Kirkaldy, publicada em 1776, teve o titulo seguinte: *An inquiry into the nature and causes of the wealth of nations*.

Este conscienciosо trabalho não teve nem tem um intuito didactico e exclusivo; é, como diz o titulo, uma investigação paciente e larga no dominio dos factores e energias multiplas que actuam em uma sociedade organisada, auxiliando ou impedindo-lhe as funcções nutritivas.

Quem quer que compulse o livro de Smith verá, ao primeiro relancear de olhos, que elle não é um tratado, e menos um compendio, da presumida sciencia dos economistas.

Quanto a mim, só no principio do nosso seculo, com João Baptista Say e David Ricardo (1803 e 1816) foi que a actual *Economia politica*, — a *litterature ennuyeuse* de que fallava Thiers e a *sciencia sinistra* a que se referiu Carlile — appareceu, pretenciosa e grave, consagrando a classica divisão geral da *producção, distribuição* e *consumo* das riquezas, e abrindo caminho a todos os desvarios theoricos em que têm sido ferteis os modernos economistas liberaes.

Coherente com esse meu modo de vêr, eu divido o complexo das obras que se referem á chamada economia politica em duas porções distinctas. Na primeira reuno todos os trabalhos que vão desde 1750 até 1798, comprehendendo os escriptos da escóla physiocratica e mais os de Smith e Malthus; [1] na segunda abranjo toda a immensa litteratura economica que vai desde Say até Yves Guyot e Paul Carvès, na França; Marescotti e Luzzato, na Italia; Cairnes e Mill, na Inglaterra; Roscher e Schæffle, na Allemanha.

---

[1] Se eu não me refiro aos theoristas e advogados praticos da *balança do commercio* ou *systema mercantil*, bem como a alguns outros proto-economistas dos seculos XVI e XVII, é que elles não são considerados geralmente senão como « precursores da sciencia economica ». Vide a obra cit. de Garnier, pag. 655.

III

Parece-me ter ficado fóra de duvida, pelo ligeiro estudo que fiz das circumstancias no meio das quaes se produziram as ultimas manifestações intellectuaes do seculo XVIII, que Quesnay e os seus discipulos, Smith e Malthus — contemporaneos de Montesquieu, Kant e Condorcet, e, como estes, inhalando os effluvios da mesma atmosphera moral — só se entregaram a pesquizas sobre os phenomenos do trabalho, da população e da riqueza, porque sentiam a necessidade e presentiam o advento de uma sciencia social que désse principios directores ao regimen industrial nascente.

Decorre d'ahi que as indagações economicas que foram feitas por taes escriptores, não tendo passado de *tentativas* na direcção alludida, tiveram simplesmente um caracter provisorio e limitado, cuja influencia devia naturalmente cessar com a constituição da sociologia abstracta. E se essa influencia perdurou, alastrando-se pela segunda metade do nosso seculo, é que os neo-economistas não comprehenderam a evolução que se tinha operado e que tornava inuteis os seus esforços incongruentes de hoje.

Com effeito: Elles, os economistas modernos, não souberam vêr que as primeiras construcções theoricas dos seus predecessores, para se tornarem verdadeiramente uteis e fecundas, deviam ser encorporadas ao grande edificio da sciencia social, e puzeram-se a prolongar e a especialisar uma disciplina e funcção transitorias, cuja missão historica estava cumprida.

Essa missão tinha sido pura e unicamente esta: — annunciar e auxiliar o evento da sociologia.

Mas deu-se o erro que eu assignalo, e de tal erro vieram os vicios constitucionaes dos presentes corpos de doutrina economica e veio tambem essa formidavel anarchia que actualmente divide os espiritos em *economistas liberaes* e *socialistas, socialistas cathedraticos* e *economistas nacionaes, proteccionistas* e *livre-cambistas, collectivistas, communistas,* etc. etc.

É um tanto mais para lamentar tudo isso, quanto é certo que uma tal anarchia difficulta nimiamente a caracterisação da influencia exercida pela economia politica nas sociedades contemporaneas avançadas, e difficulta tambem, n'esta materia, o *problema taxinomico,* isto é, a classificação da economia no quadro gigantesco dos conhecimentos humanos.

Recife — Dezembro de 1885.

ISIDORO MARTINS JUNIOR.

AS CONFERENCIAS NA ACADEMIA

I

Ás nove horas da noite de 6 de abril de 1886 reuniu-se a academia real das sciencias, debaixo da presidencia do snr. D. Luiz I, para ouvir a leitura d'uma conferencia ácerca da circulação da materia.

É auctor d'este trabalho o snr. José Maria da Ponte e Horta, socio effectivo d'aquelle instituto, lente da escóla polytechnica, par do reino, etc.

O illustre conferente quiz-nos dar no seu estudo de hoje a continuação da *Memoria sobre os infinitamente pequenos*, ha dois annos escripta e impressa, e lida por essa occasião na mesma assembléa.

O snr. José Horta possue incontestavel talento e instrucção variada; não tem dotes alguns d'orador, mas dispõe d'um estylo formoso, posto que incorrecto por vezes, com o qual amenisa a exposição das principaes descobertas scientificas, que é o fim das suas conferencias academicas.

Quando os ministros de D. Maria I fundaram a academia real das sciencias, certamente não esperavam que ella se tornasse em sociedade propagadora de conhecimentos, mais ou menos verdadeiros, mais ou menos uteis. Era elevada a sua idéa. Depois da refor-

ma da universidade de Coimbra, onde se professavam todas as sciencias, desde a theologia e o direito, até á medicina, mathematica e philosophia, tornava-se indispensavel a creação d'um instituto, em que se cultivassem as sciencias, não debaixo do ponto de vista do ensino, mas para lhes preparar os progressos, e discutir entre os sabios os inventos e descobertas, que se podessem fazer ou aperfeiçoar. O auctor dos novos estatutos da universidade tinha tido já a concepção, quando creou a congregação geral de sciencias, composta dos lentes das tres faculdades naturaes; mas limitou-se a expôr o importante assumpto do adiantamento das sciencias, e não escreveu alli as disposições regulamentares.

Reduzir, pois, as funcções elevadas da instituição de D. Maria I ás acanhadas proporções de propaganda, menos ainda que ás prelecções de uma qualquer escóla de ensino superior, em vez de manifestar vida academica, é um signal evidente da mais deploravel decadencia.

O escripto do snr. José Horta não devia fazer objecto d'uma conferencia na academia. Podia ser um excellente folhetim scientifico, para mostrar com verdade ou verosimilhança o estado actual da sciencia. Comprehendia-se tambem como discurso de abertura nos institutos d'ensino. Applaudia-se ainda nos saraus, onde qualquer dos concorrentes vai dar provas litterarias, e receber felicitações da assembléa, a quem por alguns minutos recreou com pensamentos e phrases de escóla.

Nas academias de sciencias lêem-se memorias sobre pontos, que os sabios investigaram, e esclareceram com superioridade, para o fim de augmentar o repositorio dos nossos conhecimentos. É das academias, que devem partir para as escólas de ensino as novas descobertas, ahi feitas pelo trabalho assiduo e pelo genio dos inventores. Ás academias pertence a direcção scientifica e litteraria nos diversos ramos do saber humano.

Reunir, porém, um instituto d'esta natureza, pedindo ao rei de um paiz catholico para tomar a presidencia; convidar jornalistas, professores e senhoras para assistir á conferencia; lêr depois um folheto de 33 paginas, para exaltar o materialismo; e promettendo uma demonstração, chegar ao fim para concluir com um *provisorio ignoramos*, é certamente rebaixar muito as attribuições da academia real das sciencias, e fazer bem fraco juizo do auditorio escolhido.

Veremos como a analyse da conferencia justifica o nosso asserto.

II

Abre a conferencia um prologo de seis paginas, no qual o auctor mostra o insaciavel desejo de saber, que se apoderou do espirito humano. Declara que o impulso da curiosidade, que é o *Deus interior que nos governa*, leva a tudo inquirir e examinar; que se estabelece a duvida para se alcançar o conhecimento; que em nada se acredita, para melhor se fundamentarem crenças; e que n'este *lidar incessante, e inquebrantavel das energias do nosso tempo, se vão excavando e aluindo os cimentos do antigo edificio scientifico, e logo creando inopinadas perspectivas, arreboes de novas épocas, ao futuro pensar e sentir* da nossa especie.

Aqui está a linguagem habitual confundida com a que deriva das cogitações do conferente. A curiosidade arvorou-se no *Deus interior que nos governa;* mas em compensação permittiu-se que a *familia humana pense e sinta.*

É verdade que pela exposição d'outras partes do trabalho vem a perceber-se, que o auctor julga a vida o resultado de combinações da materia ordinaria; e que apresenta unicamente duvida ácerca do modo como *ella, sendo cega, apenas posta em movimento, se resolve a pensar, a estabelecer o livre arbitrio, a inventar a consciencia e a fundar a razão!*

Lembra logo perguntar ao illustre conferente, que sem explicações emprega a palavra *materia,* qual é o verdadeiro sentido em que a toma. Para os da sua escóla não ha noções vagas nem metaphysicas. Comprehendem-se os corpos, que affectam os sentidos; avaliam-se os pesos; medem-se as forças; apreciam-se os volumes; comparam-se as massas; desaggregam-se as moleculas. D'aqui em diante acabam os processos mecanicos e principiam as concepções metaphysicas. Em que sentido, pois, emprega o snr. José Horta a palavra *materia?* É o *desconhecido,* que imagina existir em todos os corpos? É um composto de *atomos?* É ella que os origina? O que são estes? Teem ou não realidade objectiva? E a *energia?* E o *movimento do proprio movimento da materia?*

Ouçamos o illustre conferente.

«... a traça geral do plano dos phenomenos do mundo mantem-se *una* e inalteravel. É porque nas mil transformações e giros de que a natureza é o theatro, predomina como causa efficiente de toda a sua famosa urdidura, a *Materia* que é eterna, agitando-se pela *Energia,* que o é igualmente, n'um perpetuo e ininterrupto circulo.»

«... tudo que importa effeito, transformação ou resultado,

tem por causa generica e unica a *materia agitada pelo movimento*, assim nos mundos como nos atomos que os formam. »

«... os atomos são os primordios dos mundos. »

«... a materia é como que a tela indestructivel e universal; sendo o movimento que a anima o pintor inconsciente, que sob o imperio das leis physicas vai desenhando e apagando os seus quadros nunca findos. »

«... nem um atomo de materia, nem uma parcella de energia podeis acrescentar ou subtrahir ao capital circulante do mundo. A *materia* é o *fatum*, a necessidade objectiva do universo; e a *energia* com que ella se manifesta e em que se consubstancia, pois que importa em seu final conceito o *movimento do proprio movimento da materia*, é o eterno *Protheu* que modifica, altera, revolve, coordena e transforma por mil modos e apparencias o accidentado espectaculo das coisas. E até a propria vida, senhores, em que peze aos nossos mais diuturnos preconceitos, não se exime, *como teremos occasião de o demonstrar*, a esta lei immortal da circulação da materia pelo universo. »

Vê-se por estes periodos, que para o illustre conferente:

1.º a *materia* é eterna;

2.º a *energia* é tambem eterna;

3.º a *materia* é agitada pela *energia* n'um perpetuo e ininterrupto circulo;

4.º a *materia* agitada pelo *movimento* é a causa generica e unica de todos os effeitos, transformações ou resultados, que se observam tanto nos mundos, como nos atomos que os formam;

5.º a *materia* é semelhante a uma tela indestructivel e universal em que o *movimento* é o pintor inconsciente;

6.º a *materia* tem atomos e a *energia* parcellas; o que fórma o capital circulante dos mundos, ao qual se não póde augmentar nem diminuir nada;

7.º a *materia* é o *fatum*, a necessidade objectiva do universo; e manifesta-se com *energia*, e consubstancia-se n'esta, que produz o *movimento do proprio movimento* d'aquella, e fica sendo o eterno Protheu do espectaculo das coisas. A vida tambem se não exime á lei immutavel da circulação da materia pelo universo;

8.º os atomos são os *primordios* dos mundos.

Os leitores ficaram percebendo o que é a materia? Nós destacamos as conclusões do illustre conferente, para melhor serem comprehendidas; mas em verdade pareceu-nos vêr ahi antes um capitulo de metaphysica, e da mais transcendente, que uma exposição clara e methodica dos factos, como é obrigação nos adeptos da escóla do auctor.

Mas o que é a materia? O que são os atomos, esses *primor-*

dios dos mundos? Não se fica sabendo. Agita-a a *energia*, e agita-a tambem o *movimento* (conclusões 3.ª e 4.ª). Parece que são diversos os dois agentes; a conclusão 5.ª, porém, deixa antevêr, que são uma e a mesma cousa, porque a *materia* é ahi comparada a uma tela, em que o *movimento* é o pintor inconsciente. Formosa imagem, sem duvida, ainda que pouco verosimil; porque os pintores são mortaes, e a *materia* é eterna, conforme a 1.ª conclusão do auctor.

A *energia* ou o *movimento*, na segunda hypothese, produz o *movimento do proprio movimento da materia*. É sublime de mais, não obstante a imagem do eterno Protheu, que nada esclarece a concepção do inventor.

A *materia* compõe-se de *atomos* e é infinita e eterna (conclusões 1.ª e 7.ª); a *energia* compõe-se de parcellas, é tambem infinita e eterna, segundo as mesmas conclusões; e ambas, a *materia* e a *energia*, combinadas de certo modo, *consubstanciadas* uma na outra, a primeira agitada pela segunda ou pelo movimento (conclusões 3.ª, 4.ª, 6.ª e 7.ª); formam o *capital circulante dos mundos*, que é infinito, visto que se lhe não póde acrescentar nem subtrahir nada!

Acostumados ás doutrinas da escóla positivista, custa-nos na realidade a perceber o rigor de taes raciocinios, e a aceitar da mão do illustre academico estas proposições, que repugnam ao nosso espirito.

É verdade que o nobre conferente, para em tudo se mostrar um perfeito metaphysico, já tinha dito na propria introducção do seu trabalho, *que os clarões do presente e do passado vão alumiar, como uma prophecia, os longiquos horisontes do futuro; porque o tempo que figura na natureza como o eterno estofo onde tudo se debuxa e grava, comquanto offereça miragens segundo as distancias, conserva-se identico comsigo mesmo na mobil successão dos seus aspectos.*

A opulencia das imagens está n'este ponto arriscando um pouco, tanto a verdade scientifica dos factos, como a noção abstracta do tempo. Em linguagem intelligivel dizia-se até aqui: a historia na mais generica accepção é a mestra da vida; é subsidio indispensavel para todos os estudos. Agora, n'este estylo figurado, viria a confundir-se com o Apocalypse de S. João ou com as Prophecias do Bandarra. A identidade, que o tempo fica tendo comsigo mesmo, faz com que o termo seja desviado da sua significação natural, ou exprima conceito incomprehensivel.

O talentoso conferente parece tambem que não possue idéas bastante claras ácerca das funcções da *energia*. A pag. 9 da sua conferencia diz o seguinte:

*

« E assim como a *materia*, a *energia*, quer seja na sua fórma *cinetica* ou apparente, quer na sua fórma *potencial* ou occulta, terá tanta realidade objectiva, pelo facto do movimento, como a propria *materia*, a que anda associada. A energia não é um puro sêr de razão, metaphysico e abstracto, senão uma realidade palpavel e concreta. »

O que vem a ser, pois, a energia? Aqui não se confunde com o movimento; pelo effeito d'este é que tem a mesma realidade objectiva, palpavel e concreta que a materia. Lá se vão embora algumas das outras conclusões do illustre academico; mas não fazem grande falta.

Ainda teem outra particularidade as *energias* do snr. José Horta. « Em todos os systemas materiaes de qualquer natureza que sejam, e em quaesquer circumstancias em que se apresentem, as suas energias *cinetica* e *potencial* compensam-se e substituem-se integralmente sem a menor quebra ou desfalque na sua somma inicial. »

D'estas propriedades conclue-se evidentemente, que não são forças no sentido mecanico da palavra. O que serão, pois?

No mesmo periodo lê-se ainda:

« As vibrações, que os nossos mais secretos pensamentos imprimem nas moleculas cerebraes, o universo inteiro as sente e transmitte. »

Esta sim, que é uma perfeita definição da *energia*. D'aqui em diante acabaram os segredos. Um individuo pensa; as moleculas cerebraes vibram; o universo inteiro sente, transmitte as vibrações, e o pensamento torna-se conhecido! E ainda havia incredulos, que duvidavam dos phenomenos do somnambulismo, e se riam dos auruspices! A ultima palavra da sciencia manda entrar na ordem esses democritos ignorantes! Curvem-se todos em nome da verdade, que dimana da circulação da materia! A adivinhação fica sendo uma preciosa conquista do seculo XIX!

O peor é a lei da *degradação da energia*, de que nos falla no final da introducção o illustre conferente. « As energias do universo tendem sempre a transitar de especies mais facilmente transformaveis, ou *superiores*, para outras mais *baixas*, ou mais estaveis. Quando as transformações se effeituam no sentido da queda, que é o seu natural pendor, executam-se por si mesmas, sem estorvos nem compensações; quando porém succede o caso contrario, que é o anti-natural, então ellas tem de ser compensadas por transformações inversas e simultaneas. Quer dizer que todas as energias do universo tendem fatalmente a assumir um unico typo... todas as energias do nosso systema planetario se volverão por fim, de degradação em degradação, na energia atomica deno-

minada *calor*, com o que se extinguirá toda a sua actividade dynamica perfazendo-se assim o circulo fatal da sua existencia, como um todo especifico e organisado. »

Que prophecia de terriveis desventuras! Que vibração de moleculas cerebraes produziria tão crueis communicações nos ouvidos do illustre conferente? Faz lembrar aquelles bellos versos de Soares de Passos:

> Então mundos, estrellas, soes brilhantes,
> Qual bando d'aguias na amplidão disperso,
> Chocando-se em destroços fumegantes,
> Desabarão no fundo do universo.

Nós, porém, diremos com Horacio:

> Si fractus illabatur orbis,
> Impavidum ferient ruinæ.

III

O snr. José Horta applica a sua lei, ou para melhor dizer a hypothese da *circulação da materia* pelo universo, á formação dos mundos, ao apparecimento do nosso systema planetario, á theoria da arte, ao estudo e á origem da vida. Apaixonado pela generalidade, que julga ter descoberto n'aquelle principio, considera-o tão amplo e tão fecundo, que pretende com elle dar a explicação de todos os phenomenos, assim d'ordem material, como das complicadas funcções do organismo e das faculdades intellectuaes.

Ouçamos a linguagem imaginosa do illustre conferente:

« Na origem das coisas, que *póde ser* desde toda a eternidade; porque a natureza no seu conjuncto não conhece principio nem fim; e o que importa começo ou nascimento n'este lugar é logo morte ou terminação n'aquelle, porque o tumulo e o berço são solidarios na mesma obra; *reinava* pelos espaços indefinidos, como hoje ainda reina por muitas regiões da immensidade, a materia diffusa e tenue, que devia mais tarde constituir a individualidade organica do nosso systema. Vivificada essa materia primitiva pela attracção universal, *lei d'amor que prende em eterno laço os destinos da materia;* o cahos originario, como se fôra compellido por instinctos de fórma, *lá se foi dispondo e coordenando* em volta de um centro, que devia constituir o nosso futuro *sol*, em massas

mais ou menos poderosas e definidas. Tal é, senhores, a lei generica e incontrastavel da formação dos mundos. »

Quem lêr com attenção este bello trecho, fica admirando mais o insigne litterato, que o distincto homem de sciencia. Aquella formosa imagem, que figura a attracção universal, como *lei d'amor que prende em eterno laço os destinos da materia,* faz honra ao primoroso escriptor; mas não resiste á analyse de qualquer alumno da aula de mecanica, sabedor da immortal descoberta de Newton, e é uma contradicção no systema adoptado, em que a *degradação da energia,* depois de ter decorrido um certo numero de seculos, ha de reduzir tudo ao estado primitivo. Lá se vae então a *eternidade do laço,* com que a attracção universal vivificára a materia!

« *Na origem das coisas, que* PÓDE SER *desde toda a eternidade, reinava a materia diffusa e tenue* », proferiu em tom dogmatico o sabio cathedratico. Como? PÓDE SER? Pois não é?! Um philosopho, que suppõe *eterna* a materia, não conhece a *origem das coisas,* mas sim das fórmas, de aggregados de primordios, de corpos organisados e inorganicos. Esta hesitação parece mostrar a fraqueza das convicções do abalisado epicurista, fervoroso cultor de Tito Lucrecio Caro.

« *Reinava pelos espaços a materia diffusa e tenue.* » Talvez; á parte a impropriedade do verbo. O grande mathematico Laplace, que tantos annos levou a estudar o assumpto, offereceu modestamente, debaixo da reserva que merece uma hypothese, *que não tem por base nem os dados da observação nem os resultados do calculo,* a sua theoria cosmogonica, origem de quantas depois se inventaram; mas nunca se lembrou que poderia considerar-se como demonstrado, o que elle por analogia imaginára, e escrevera n'uma nota da *Exposição do systema do mundo.* É verdade que vão decorridos já muitos annos desde a publicação d'esse monumento scientifico; até hoje, porém, nenhum geometra digno d'este nome, a não ser o snr. José Horta, deu como assentada a verdade em tão arrojados emprehendimentos.

Aceitando as observações, feitas por Herschell a respeito de muitas nebulosas, Laplace concebeu a idéa de que, antes de haver no céo estrellas, sol, planetas, satellites e cometas, podia ahi existir a materia cahotica, tenuissima, espalhada pela immensidade, com a apparencia de extensissima nebulosa. Pouco e pouco esta se iria condensando, e seguidamente dividindo em muitas outras nebulosas, que attrahidas pelos diversos nucleos, ahi successivamente formados, adquiririam movimento em volta d'elles, e continuariam a condensar-se. D'aqui proviriam as estrellas simples e as multiplas; d'aqui todas as que se encontram conjunctamente com

o sol na via lactea; d'aqui ainda essa multidão de nebulosas, resoluveis em estrellas, que povoam a amplidão do espaço.

Se, pois, o sol era o nucleo d'uma nebulosa, animada pelo movimento de rotação em volta d'uma linha, que lhe passava pelo centro, e se estendia além da orbita do planeta mais afastado do nosso systema, admittindo que houvesse um resfriamento progressivo, esse nucleo deveria constantemente engrossar pela precipitação das materias condensadas, e a velocidade na rotação augmentaria igualmente em virtude do principio, conhecido em mecanica pelo nome de conservação das áreas.

As maleculas da nebulosa, situadas nos pontos, em que a força centrifuga começava a exceder o seu peso, seriam lançadas fóra, e mover-se-hiam no espaço, por effeito da velocidade, que tinham no instante da sua separação da nebulosa. Este phenomeno, que só poderia succeder no equador da grande massa, mostra a existencia de anneis de vapores, que se haviam de mover no mesmo sentido, e no plano d'esse equador.

Ficariam assim encurtadas continuamente as dimensões da nebulosa, e succeder-se-hiam phenomenos identicos, destacando-se diversos anneis de vapores, até final condensação da nebulosa, e sua transformação em sol.

Os differentes anneis só poderiam conservar essa fórma excepcionalmente, quando houvessem tido grande regularidade na sua condensação; e d'aqui resultaria que as moleculas se viriam a agrupar em volta dos centros de attracção, e assim ficariam como nos asteroides existentes entre os planetas Marte e Jupiter; ou a final se reuniriam em redor do centro de maior attracção, e formariam todos os outros planetas.

Pela condensação successiva das massas dos planetas se explicaria por modo analogo a formação dos satellites.

Os cometas pertenceriam a nebulosas que atravessariam differentes systemas planetarios.

Expondo por esta maneira a sua engenhosa theoria, Laplace apresenta as seguintes hypotheses:

1.ª A nebulosa, origem do systema planetario, com dimensões desde o sol até á orbita de Neptuno.

2.ª Resfriamento progressivo da mesma nebulosa, em consequencia da differença de temperatura dos espaços celestes.

3.ª Poder attractivo da nebulosa e seu movimento de rotação.

4.ª Grande acceleração n'este movimento, para explicar a separação dos anneis vaporosos.

5.ª Condensação regular excepcional das zonas de vapores, para explicar a formação dos anneis de Saturno.

6.ª Separação das zonas em fragmentos, para explicar a existencia dos asteroides lançados entre Marte e Jupiter.

7.ª Reunião de todos estes fragmentos em corpo unico, para explicar a formação de cada um de todos os outros planetas e satellites.

IV

Alexandre Humboldt, F. de Boucheporn, e outros homens de sciencia, respeitando muito o genio de Laplace, apresentaram comtudo grande numero de objecções contra a sua theoria cosmogonica.

A atmosphera do sol, resto da nebulosa primitiva, não chega actualmente á orbita de Mercurio, e na primitiva devia ter-se estendido a distancia cem milhões de vezes maior, até á orbita de Neptuno. Para isto era indispensavel achar-se toda aquella materia reunida. Portanto, antes de se haver operado a transformação, quando o nucleo tinha muito menos grossura do que hoje; quando a massa estava submettida a uma força expansiva de calorico considerabilissima; quando ainda se oppunha á attracção a velocidade, com que se effeituava o movimento de rotação, e que igualava ao da revolução sideral de Neptuno; quando tudo isto acontecia na época anterior á formação do astro, a nebulosa tinha em volta do nucleo um poder attractivo muito maior do que tem agora o sol!? Este facto seria de explicação difficilima.

Custava a comprehender tambem, como ficariam differentes a temperatura da nebulosa e a dos espaços celestes, deixando de se verificar ahi a lei do equilibrio, e conservando-se o immenso calor e a brilhante luz do sol? Quaes seriam as causas que produziram o termo da condensação? Arago provou em numerosas experiencias, sobre a polarisação da luz, que a photosphera d'aquelle astro é gazosa; porque não continuou, pois, a condensar-se até ser primeiro reduzida ao estado liquido, e depois ao solido? Falta uma theoria physica, para explicar satisfatoriamente a formação da materia nebulosa, e para dar conta d'estas anomalias.

E a successiva acceleração do movimento de tão prodigiosa massa? Quando o annel vaporoso, de que sahiu o planeta Neptuno, se destacou da nebulosa, a rotação era de 60:127 dias médios; passando em seguida por enormes variações, até chegar a 88 dias médios proximamente, quando foi abandonado o annel que produziu Mercurio, e a 25,5 dias que é a rotação do sol! Como se pode-

rá conceber tão espantosa acceleração, quando hoje essa rotação e as de todos os planetas e de todos os astros são reputadas constantes?

E como descobrir as causas, que umas vezes produziram a condensação regular das zonas de vapor, originando a formação dos anneis de Saturno; outras vezes partiram essas zonas em diversos fragmentos, de que sahiram os asteroides situados entre Marte e Jupiter; outras ainda, a maxima parte d'ellas, reuniram n'um só corpo esses numerosos fragmentos, para lançar no espaço cada planeta, desde Neptuno, Urano, Saturno, Jupiter, Marte, Terra, até Venus e Mercurio, e todos os satellites?

São hypotheses sobre hypotheses, que mostram o grande engenho e fecunda imaginação de seu illustre auctor, de que justiça é dizer as não tinha em maior consideração.

Continuemos. A nebulosa foi rodando, e despedindo os anneis vaporosos, desde Neptuno até Mercurio, em successiva acceleração. Devia, portanto, diminuir a rotação de cada planeta, ao passo que augmentasse a sua distancia ao sol; mas dá-se a anomalia de que na Terra, que está mais perto, é menor do que em Marte, que fica mais afastado; e o mesmo acontece com Saturno e com Jupiter, este mais proximo e aquelle mais distante do sol. A grandeza relativa das massas explicará o facto, por ser a Terra maior do que Marte, e Jupiter maior que Saturno?

Nos planetas interiores, Mercurio, Venus e Marte, não ha satellites, emquanto na Terra, tambem planeta interior, ha apenas um, a Lua; mas os planetas exteriores, Jupiter, Saturno, Urano e Neptuno, teem o primeiro quatro, o segundo oito, além dos anneis, Urano outros oito, e Neptuno dois. Não é facil a explicação de taes anomalias.

E porque se não formaram outros satellites de segunda, terceira ou quarta ordem, em volta dos primeiros? Que circumstancias physicas ou mecanicas a isso obstaram?

Laplace pretendia com a sua engenhosa cosmogonia satisfazer aos cinco phenomenos mais notaveis do nosso systema planetario:

1.º Movimento dos planetas no mesmo sentido e quasi no mesmo plano.

2.º Movimento dos satellites no mesmo sentido dos planetas.

3.º Movimento de rotação d'estes astros e do sol no mesmo sentido do movimento de projecção, e em planos pouco differentes.

4.º Pequena excentricidade das orbitas dos planetas e dos satellites.

5.º Grande excentricidade, e irregularidade de inclinação, nas orbitas dos cometas.

A theoria de Laplace suppõe, que os planetas e os satellites, formados primeiramente, devem ser os menos densos. Ora Neptuno, o primeiro sahido da nebulosa, é mais denso que Urano, que foi o segundo n'essa ordem de formação; este é mais denso que Saturno, o terceiro separado; Venus e Marte são ambos menos densos que a Terra, que está entre elles! O sol é menos denso que um qualquer dos planetas interiores! A densidade da Lua é inferior a seis decimas da observada na Terra; a densidade do segundo satellite de Jupiter é maior do que a d'este planeta, e a do terceiro satellite igual á d'elle!

Alguns asteroides, comprehendidos entre Marte e Jupiter, teem excentricidades muito consideraveis, e fortissimas inclinações sobre a ecliptica. As excentricidades em Juno e Polymnia, por exemplo, só podem ser comparadas ás das orbitas dos cometas. Mercurio tem 7°, Ceres 10°, Juno 13°, Vesta 7°, Pallas 34° de inclinação! As orbitas do quarto e sexto satellites de Urano são quasi perpendiculares á ecliptica, porque formam com esta 79° de inclinação.

Todos os astros do nosso systema planetario movem-se do occidente para oriente; pois os satellites de Urano movem-se em sentido opposto, do oriente para o occidente!

Juno e Iris não são solidos de revolução; e, se tivessem sido primitivamente fluidos, necessariamente haveriam tomado essa fórma, consequencia infallivel das leis da hydrostatica!

Tantas anomalias, tão multiplicadas hypotheses, grandes e pequenas inclinações dos planetas, excentricidades variadas nas suas orbitas, irregularidades notaveis de fórma, tudo concorreu para tentar a simplificação da theoria de Laplace, ou a substituição por outra, que explicasse satisfatoriamente os phenomenos.

V

Na *Cosmogonie et Géogenie* de Voizot, encontra-se uma tentativa bastante engenhosa da muito desejada modificação da theoria de Laplace. Vamos diligenciar pôr em relêvo os pontos de contacto, que ella apresenta, com as idéas do snr. José Horta.

«Na origem das coisas, Deus lançou no espaço um fluido subtil, a que os astronomos chamaram *ether*, e que na opinião dos physicos gera a luz por meio das suas vibrações, da mesma fórma que o som é produzido pelas vibrações da materia.

«N'este fluido em estado inerte estão disseminados os *atomos* de todos os corpos simples, que pelas suas combinações infinitas

deviam organisar o mundo, tal como existe hoje. Foi assim que o cahos succedeu ao nada, e uma nebulosa illimitada encheu o universo.

« As leis da reacção igual e contraria á acção; as leis da gravitação; as leis das attracções e das repulsões electricas, das repulsões do calorico; emfim todas as *forças* inherentes aos corpos ponderaveis e imponderaveis: estes diversos operarios do grande architecto do mundo, começaram instantaneamente as suas funcções para realisar o plano do Creador.

« Na mesma occasião, com o jogo das forças da natureza, principiaram tambem o *movimento* e o *tempo*, inseparaveis um do outro, pois que são reciproca medida um do outro.

« Os atomos, banhados pelo calorico e pela electricidade, *elementos do ether*, attrahiram a si estes fluidos imponderaveis, e reciprocamente foram por elles attrahidos. Envolvidos assim em calorico e electricidade os mesmos atomos, por via da attracção reuniram-se em *moleculas*, no estado de vapor excessivamente raro, á temperatura dos espaços celestes. Grupos de moleculas formaram depois globulos, que pela attracção a distancia geraram globos, os quaes precipitando-se uns sobre os outros produziram com o andar do tempo immensas nebulosas, destinadas a formar estrellas, visiveis e invisiveis, com as quaes se povoaria o universo. »

Passa Voizot a expôr, que pela influencia das acções moleculares se compuzeram os globulos; que pela força das attracções centraes estes se foram agglomerando e tornando em globos immensos; que regiões vaporosas do espaço, por assim dizer infinitas, attrahiram a si incalculaveis massas de vapores, as quaes ahi accumuladas dividiram a nebulosa n'uma infinidade de nebulosas parciaes. E o universo inteiro foi por este modo separado n'essa infinidade de cahos parciaes, de milhares de legoas de diametro, situados a milhões de legoas de distancia entre si, gravitando incessantemente uns para os outros, devendo cada um d'elles com o decorrer dos tempos separar-se tambem, e em seguida tornar-se n'um firmamento.

« Em cada cahos parcial assim desembaraçado, as espheras geradoras das estrellas attrahiram-se, arrastaram-se, chocaram-se mutuamente; as mais pequenas abysmaram-se e desappareceram nas agigantadas atmospheras das maiores, até que um vazio immenso, reduzindo a muito pouco as attracções centraes, se fez em redor de cada estrella gerada por esta maneira. Após essa conflagração geral de todos os elementos, que excede os limites da imaginação mais poderosa, e que foi executada com extrema lentidão, ficou um cahos em parte desembaraçado; as suas estrellas separaram-se no estado de nebulosas, e estabeleceu-se o equilibrio do interior d'um firmamento.

« A agglomeração de prodigioso numero de globos de variadissimas dimensões, precipitados com velocidades enormemente desiguaes, em todas as direcções concebiveis, produziu em cada estrella uma abundantissima quantidade de choques, a resultante dos quaes necessariamente ahi devia crear um duplo movimento de translação no espaço, e de rotação em volta de um eixo, salvo os dois casos infinitamente pouco provaveis, ou de ser nulla essa resultante, ou de passar pelo centro de gravidade do astro.

« Por effeito da queda de cada estrella d'um firmamento sobre todas as outras, e d'estas sobre aquella, o movimento de translação d'uma estrella interior, influenciado pelo immenso numero d'attracções centraes, já diminuidas consideravelmente pelas distancias, effeituou-se necessariamente em curva de dupla curvatura, dentro dos limites da esphera de attracção do astro. As estrellas, porém, que estavam situadas na peripheria, porque sómente eram attrahidas para o interior do firmamento, em virtude do seu movimento de translação, deviam traçar uma curva de circulação ao redor d'esse firmamento, á semelhança da que a observação mostra, que os planetas descrevem em redor do seu astro central.

« O movimento de rotação d'estes immensos globos gazosos tambem produziu necessariamente, por effeito da força centrifuga, desenvolvida no seu equador, systemas analogos aos do nosso systema solar. Em certas condições, com relação a massas, velocidades angulares e volatibilidade de substancias, muitos globos se dividiram dando origem a systemas d'estrellas duplas. Mostra com effeito a observação que entre quarenta estrellas simples ha aproximadamente uma dupla.

« Considerando agora um firmamento, não isolado, mas sujeito á attracção dos astros, que por elle são tambem attrahidos, estas acções reciprocas, tanto interiores como exteriores, hão de imprimir-lhe uma fórma dependente d'ellas, da mesma maneira que a atmosphera d'um corpo celeste toma constantemente fórma que depende das attracções exercidas no interior e no exterior sobre todas as suas moleculas. Move-se em massa, nas profundidades do espaço, em volta do centro de gravidade do universo, debaixo da influencia das attracções de todos os outros firmamentos, do mesmo modo que uma estrella se move, no seu firmamento, debaixo da influencia de todas as outras estrellas do seu systema.

« É assim que pela attracção reciproca da materia, força diminuida pelas distancias, mas renovada de longe em longe por grupos formados de innumeraveis massas, o universo inteiro, em cada uma de suas partes como em seu conjuncto, está sem cessar effeituando movimentos; cada firmamento, cahindo sobre todos os outros, revoluteia lentamente sobre si mesmo, levado em massa ao redor

do centro do mundo; cada estrella circula em volta do centro do seu firmamento. É assim, repetimos, que o universo inteiro, em constante movimento no espaço infinito dos céos, debalde procura fixar-se, o que não é permittido á materia conseguir, porque o repouso absoluto d'uma só de suas moleculas, incompativel com a infinidade d'attracções, incessantemente exercidas sobre ella, só poderia ser obra infinitamente rara do auctor da natureza. »

N'esta hypothese foi Deus que lançou no espaço o ether, e n'elle disseminou os atomos; do *nada* fez o cahos, e creou a nebulosa illimitada, que abrangia o universo.

Na formação dos mundos pelo snr. José Horta, Deus é substituido pelos *primordios* de Epicuro, cantados por Tito Lucrecio Caro!

O plano concebido pelo Creador, e executado pelas numerosas forças, que foram os seus officiaes e operarios, no dizer de Voizot, são na theoria do illustre conferente substituidos pelos *instinctos de fórma*, que tinham *compellido o cahos originario!*

Voizot expõe que na época da creação principiaram tambem o movimento e o tempo, que são medida reciproca um do outro; o snr. José Horta affirma « que tudo que importa effeito, transformação ou resultado, tem por causa generica e unica a *materia agitada pelo movimento*, assim nos mundos, como nos atomos que os formam »!

Na conferencia de 1884, ácerca dos infinitamente pequenos, o snr. José Horta tirava aos atomos as qualidades da materia; agora parece que reconsiderou, porque já declara, que nos atomos que formam os mundos ha *materia agitada pelo movimento!*

É um progresso que applaudimos. Nas sciencias ha o dever de precisar os termos, e de abandonar o tom dogmatico e mysterioso, que mancha os escriptos d'alguns auctores, porventura talentosos e eruditos.

(Continúa).

JUNIO DE SOUSA.

DOS FUNGOS

SUA DESCRIPÇÃO E CLASSIFICAÇÃO

(Estudos botanicos)

III

RECEPTACULOS. — Chegado ao estado adulto, o mycelio dá origem aos corpos reproductores, isto é, aos *sporos;* em algumas especies, porém, além dos sporos formam-se verdadeiros *ovulos* resultantes d'um acto de reproducção, em que se reconhece claramente a existencia de sexualidade.

Os sporos — provenientes de geração assexuada — são pequenissimas cellulas revestidas de membrana cellulosica e contendo um protoplasma granuloso. Formam-se em producções ou apparelhos especiaes, que têm o nome de *receptaculos.*

O receptaculo póde ser constituido por um simples filamento, que n'esse caso toma o nome de *filamento fructifero* ou *receptaculo filamentoso.*

N'este ultimo caso póde a formação do sporo effectuar-se por dois modos diversos: ou o filamento é unicellular, e então a sua extremidade se entumece, separando-se do resto do filamento por meio d'uma parede que se fórma, originando assim o sporo; ou o filamento fructifero é constituido por uma fila de cellulas sobrepostas e então é a cellula terminal, que modificando-se, dá lugar á formação do sporo. Na maior parte dos casos a formação do sporo dá fim á vida do filamento que a produz.

Os receptaculos propriamente ditos, isto é, não filamentosos, consistem em producções d'aspecto diverso, formadas de pseudo-parenchyma, e são por De Bary divididos em duas classes, *gymnocarpos* e *angiocarpos,* segundo sustentam os sporos a descoberto, ou encerrados em cavidades.

Os receptaculos gymnocarpos encontram-se nos *Hymenomycetas* e *Tremelineas* (ordem dos Basidiomycetas) e nos *Discomycetas* (ordem dos Ascomycetas); os receptaculos angiocarpos encontram-se nos *Gasteromycetas* (Basidiomycetas), e nos *Pyrenomycetas* e *Perisporiaceas* (Ascomycetas), e nas Uredineas.

Receptaculos gymnocarpos. — Receptaculo dos Hymenomycetas e Tremelineas. — N'estas familias os receptaculos variam muito de fórma segundo as especies, umas vezes reduzem-se a formações planas, mais ou menos membranosas, cobertas pelo hymenio; outras vezes apresentam-se como producções volumosas constituidas por pseudo-parenchyma e que se elevam do mycelio sob a fórma de cupula ou chapéo proeminente sustentado por um supporte ou *stipe* (Agaricus, etc.).

Para a formação d'este orgão, um certo numero de cellulas myceliaes visinhas, tomam um desenvolvimento maior, ramificando-se abundantemente; os filamentos resultantes reunem-se e entrelaçam-se, dando lugar á formação d'uma especie de tuberculo, o qual continuando no seu desenvolvimento, augmenta consideravelmente de volume e apresenta diversos aspectos: nas *Agaricineas, Polyporeas, Hydnaceas,* toma a fórma do chapéo; os bordos d'este podem, em outras especies, recurvar-se para cima ou para baixo, tomando assim a fórma de taça ou de campanula, etc. Sobre este receptaculo é que se acham implantados os corpos reproductores, os quaes se formam na parte superior das *basides,* cellulas-mães especiaes e caracteristicas da ordem das Basidiomycetas, á qual dão o nome. São estas cellulas que constituem o hymenio, o qual póde occupar toda a superficie do receptaculo, cobrindo-o d'uma camada lisa e continua, ou limitar-se apenas a cobrir todas as proeminencias da parte inferior do chapéo, proeminencias que apresentam a fórma de dentes (Hydnaceas), de laminas irradiantes (Agaricineas), de laminas encruzadas em fórma de rêde (Dœdala), de tubos cerrados uns contra os outros (Boletus, Polyporus), etc.

Este genero de receptaculo, completamente aberto (gymnocarpo) no estado adulto, é, em muitas familias, fechado nos seus primeiros tempos. O véo ou membrana, que então o envolve, rompe-se mais tarde quando distendido pelo crescimento do stipe, que sustenta o receptaculo em fórma de chapéo. Um segundo véo, emanando da parte superior do stipe, envolve completamente o chapéo, mas pelo crescimento d'este, rompe-se tambem e fica ligado ao stipe, formando em volta d'elle como que um annel. Os restos da primeira membrana ficam tambem adherentes ao stipe, mas envolvendo-lhe a base.

Por este facto, De Bary considera este receptaculo como angiocarpo, mas segundo parece, com pouca razão, visto ser aberto no

estado adulto. Seria talvez melhor consideral-o como uma transição entre os dois generos de receptaculos.

Receptaculo dos Discomycetas. — Este receptaculo é tambem gymnocarpo e o seu hymenio livre é formado por cellulas-mães especiaes, denominadas *thecas* ou *ascus,* no interior das quaes se formam os sporos. O receptaculo tem o nome especial de *Peritheca.*

Na sua fórma mais simples (Saccharomyces), este orgão reduz-se a uma unica theca produzida pelo desenvolvimento particular d'uma cellula do mycelio. Esta fórma, porém, não póde propriamente considerar-se como um verdadeiro receptaculo, mas como um simples filamento fructifero.

A partir d'esta fórma rudimentar, encontra-se uma perfeita gradação, até chegar ás especies mais elevadas das *Pezizaceas* e *Ascobolaceas.*

Na primeira d'estas familias, a peritheca é formada pelos filamentos do mycelio, ramificados e emmaranhados de modo a constituirem um macisso, susceptivel de adquirir grande volume, e apresentando uma fórma determinada segundo as especies. A superficie superior d'este macisso é coberta pelo hymenio formado pelas thecas, que emanam das ramificações do mycelio conjuntamente com as *paraphyses* ou thecas estereis.

Nas Ascobolaceas, os filamentos myceliaes ramificam-se excessivamente, dando origem a uma especie de tuberculo pseudo-parenchymatoso. As thecas, porém, não se formam sobre todos os filamentos indifferentemente; ao centro do tuberculo um unico filamento ou *ramo ascogeneo* toma maior desenvolvimento e recurva-se ou contorna-se em espiral; continuando no seu crescimento, comprime o pseudo-parenchyma, o qual, cedendo á pressão, se dilata para os lados, dando lugar á formação d'uma larga abertura na parte superior do tuberculo. Depois d'isto, uma unica das cellulas constituintes do ramo ascogeneo augmenta de volume, ramifica-se, e as suas ramificações, vindo á parte superior do pseudo-parenchyma, emittem filamentos perpendiculares em fórma de maça, que em breve se constituem em cellulas independentes, formando cada uma d'ellas uma theca.

Qualquer d'estes processos de formação do receptaculo soffre varias modificações, conforme as especies.

Este receptaculo, fechado nos seus primeiros tempos, fórma por assim dizer, a transição para o receptaculo angiocarpo dos Pyrenomycetas e Perisporiaceas.

Receptaculos angiocarpos. — Receptaculo dos Gasteromycetas. — É constituido por um tuberculo pseudo-parenchymatoso, formado pela abundante ramificação do mycelio, e adquirindo fórmas diversas segundo as especies.

Interiormente é perfurado de numerosas cavidades ou camaras, cujas paredes são revestidas de hymenio formado por basides, sobre as quaes se formam os sporos em numero de 2, 4, 6 ou 8 segundo as especies. Umas vezes estas camaras abrem directamente para o exterior na occasião da dehiscencia, mas no maior numero de casos, o receptaculo é coberto por uma camada de substancia mais firme e como que membranosa denominada *Peridium*. (A porção interna tem o nome de *Gleba*). N'este caso, a dehiscencia opera-se por meio d'uma abertura que, na occasião propria, se fórma na parte superior do receptaculo.

Receptaculo das Perisporiaceas. — O receptaculo dos fungos da ordem dos Ascomycetas tem a denominação especial de *Peritheca*: assim chamámos ao receptaculo gymnocarpo dos Discomycetas, assim chamaremos aos receptaculos angiocarpos das Perisporiaceas e das Pyrenomycetas.

A peritheca das Perisporiaceas consiste n'um tuberculo de fórma variada, que encerra no seu interior os orgãos de reproducção. Para a formação d'este tuberculo, as extremidades de um ou dous filamentos do mycelio enrolam-se em espiral, ao mesmo tempo que da sua base partem muitos outros filamentos, que se applicam sobre os ramos d'esta espiral. Em seguida, estes filamentos soffrem uma grande ramificação e dividem-se em muitas cellulas por meio de septos transversaes, formando por este processo, em volta do ramo espiralado, um macisso pseudo-parenchymatoso.

Chegando a época propria, tem lugar no seu interior o apparecimento das thecas, que se produzem sobre o filamento espiralado.

Este processo de formação varia muito nos seus detalhes, segundo o genero que se considera.

Nos fungos da familia das Tuberaceas não se conhece por emquanto o modo de formação da peritheca. Depois de attingir, porém, o estado adulto, offerece grande analogia com o receptaculo dos Gasteromycetas. Como este, é constituido interiormente por uma massa lacunosa, coberta, pela parte externa, por uma especie de peridio. O interior das lacunas é preenchido por uma porção filamentosa e as suas paredes são revestidas pelo hymenio fructifero.

N'um córte através d'um tuberculo de Tubera (Tuber) vê-se uma massa acinzentada, que é o tecido hymenial fructifero, pelo meio do qual serpeiam duas especies de nervuras, umas escuras que são as paredes de separação das lacunas, e outras brancas, que são o tecido que preenche estas lacunas.

Na occasião da dehiscencia, o tecido do peridio destroe-se, ou em toda a sua extensão, ou sómente na parte superior, pondo assim em liberdade os sporos.

Receptaculo dos Pyrenomycetas. — Este receptaculo, que, como vimos, recebe tambem a denominação de perithese, é constituido por um pequeno corpo espherico, ou alongado em fórma de garrafa, e formado por tecido pseudo-parenchymatoso resultante das ramificações do mycelio. A sua parte interna é nos primeiros tempos cheia, mas em breve o tecido que a enche é reabsorvido, formando-se uma cavidade, ou *conceptaculo*, dentro do qual se originam as thecas, que na maior parte dos casos dão nascimento a 8 sporos.

As perithecas são primeiro fechadas, mas na época da dissemináção dos sporos, abrem na parte superior um orificio, que tem o nome de *ostiolo*. Muitas vezes acham-se implantadas directamente sobre o mycelio, constituindo por si só um receptaculo; outras vezes reunem-se em grupo sobre um macisso pseudo-parenchymatoso, que recebe o nome de *Stroma*.

Pycnides e Spermogonias. — Grande numero d'Ascomycetas, além das perithecas, produzem, em condições mesologicas particulares, outras especies de receptaculos a que se tem dado o nome de *Pycnides* e *Spermogonias*.

As pycnides não se encontram tão geralmente como as perithecas; em muitas especies faltam completamente, outras só em determinadas circumstancias as possuem.

São constituidas por corpos arredondados, de estructura pseudo-parenchymatosa muito analoga á das perithecas. Tem na parte superior um orificio, que dá sahida aos sporos que se formam no seu interior, e que receberam de Tulasne o nome de *Stylosporos*.

Estes sporos, porém, não se formam no interior de cellulas-mães, como nas perithecas, mas sobre cellulas-mães mais ou menos fusiformes e que por este facto se podem considerar como basides. São sempre acompanhadas de filamentos estereis ou paraphyses.

A medida que se formam os sporos, as cellulas que lhes dão origem, vão-se gelificando; mas em seguida novos sporos são formados pela camada subjacente, que por seu turno se gelifica, continuando este processo até restar de toda a massa pseudo-parenchymatosa, apenas a camada externa cuticularisada. A mucilagem resultante vai-se tumefazendo até trasbordar pelo orificio, arrastando comsigo os sporos, que germinam em seguida.

As *spermogonias* são conceptaculos especiaes, de estructura pseudo-parenchymatosa, analogos ás pycnides, das quaes se differençam apenas pela fórma e propriedades dos sporos, que no seu interior se originam. O hymenio, que forra internamente estes conceptaculos, é formado por cellulas filamentosas que na sua extremidade produzem sporos pequenissimos, ordinariamente alongados

em fórma de bastonetes, e a que Tulasne deu o nome de *Spermatias*.

Receptaculos das Uredineas. — Além dos sporos produzidos livremente sobre filamentos fructiferos do mycelio, as Uredineas produzem tambem outros sporos, no interior de receptaculos especiaes, analogos ás spermogonias dos Ascomycetas.

Estes receptaculos affectam duas fórmas diversas, que têm o nome de *Æcidios* e *Æcidiolos*.

Estas duas fórmas de receptaculo foram outr'ora consideradas como individuos independentes e pertencentes a dois generos differentes, um ao genero *Æcidium*, outro ao genero *Æcidiolum*, mas hoje sabe-se que são apenas os apparelhos reproductores de varias especies d'Uredineas, que no decurso da sua evolução apresentam outras fórmas ainda. Os nomes, por que se ficaram conhecendo, recordam ainda estas idéas.

As Uredineas sendo parasitas dos vegetaes, desenvolvem no interior d'estes o seu mycelio, e vem formar os seus receptaculos sobre as folhas da planta hospedeira.

Os *œcidios* apresentam-se no meio do parenchyma da folha, junto da pagina inferior. São primeiro constituidos por tuberculos arredondados e pseudo-parenchymatosos, envolvidos por uma especie de peridio, formado d'uma unica camada de cellulas hexagonaes.

Interiormente o hymenio é constituido por um grande numero de filamentos cellulares, que se dividem por estrangulamentos successivos, a partir da sua extremidade livre, em um grande numero de pequenas cellulas, que são outros tantos sporos, que apresentam a fórma polyedrica, em virtude das pressões, que uns sobre outros exercem.

Augmentando de volume quando chega a época da dehiscencia, este tuberculo arredondado rompe primeiro a epiderme da folha, e depois o seu proprio peridio, abrindo-se os bordos d'este para os lados, de modo a apresentar a fórma d'uma taça.

Os sporos, livres de toda a pressão, tomam a fórma espherica, libertando-se em seguida. Estes sporos de côr alaranjada, receberam o nome de *œcidiosporos*.

Os *œcidiolos*, mais pequenos que os *œcidios*, apparecem na parte superior da folha, encravados tambem nos tecidos d'esta; tem a fórma de garrafa, e as suas paredes são constituidas por uma camada de filamentos cerrados, formando um pseudo-parenchyma e atapetadas interiormente por pêllos, que sahem para o exterior em fórma de penacho, depois de destruida a epiderme.

O hymenio é formado por filamentos cellulares curtos, em cuja extremidade se formam sporos arredondados; em seguida por baixo d'estes formam-se novos sporos, e assim por diante, até se forma-

*

rem filas de sporos, que em breve se isolam, accumulando-se no interior do receptaculo, d'onde sahem por fim pela abertura terminal.

Estes sporos, que têm o nome de *œcidiolosporos*, germinam sobre a mesma planta hospedeira, reproduzindo constantemente a mesma phase do parasita.

Os œcidiosporos não podem germinar sobre a mesma planta, em que foram produzidos, e a sua missão consiste em irem desenvolver sobre uma outra planta, a nova phase da evolução biologica do parasita.

Esta simples descripção basta para se reconhecer, que estes receptaculos são inteiramente analogos ás spermogonias, não só pela sua fórma e estructura pseudo-parenchymatosa, como pelo modo de formação dos sporos.

Os œcidios e œcidiolos differençam-se entre si, pelas differentes propriedades dos sporos que produzem.

No paragrapho seguinte trataremos de todos estes corpos reproductores.

(Continúa).

FILIPPE DE FIGUEIREDO.

AS EPOPEIAS DA HUMANIDADE

NA POESIA PORTUGUEZA CONTEMPORANEA

VISÃO DOS TEMPOS

Este titulo, com que Theophilo Braga baptisou o primeiro tentamen da sua epopeia cyclica da Humanidade, estendeu-o mais tarde a toda a obra como o definitivo. Foi em 1864 que veio á luz esse primeiro volume e no mesmo anno appareceram ainda as *Tempestades sonoras,* seguidas pela *Ondina do Lago* em 1865, e pelas *Torrentes* em 1869. O quinto volume, *Miragens seculares,* traz a data de 1884, e apesar do auctor dizer em nota que com elle fica realisado o pensamento de uma epopeia cyclica da Humanidade, sabemos que ha inedita materia para outro volume, a qual provavelmente só virá a publico na edição integral, onde os poemas publicados e os ineditos serão coordenados de modo conveniente e de accordo com a série das civilisações humanas.

Coube á *Visão dos tempos,* assim como ás *Odes modernas* de Anthero de Quental, a gloriosa missão de iniciarem a revolução na litteratura portugueza, que se estiolava vergonhosamente no romantismo falso ou degenerado dos pedantocratas thuribularios do poeta Castilho com a producção de poemas como o *Dom Jayme* ou

o *Poema da mocidade*. O apparecimento do livro de Theophilo Braga, sendo a revelação de um talento superior, apanhou de surpreza a tribu do *elogio mutuo*, que no primeiro momento confessou espontaneamente a sua admiração pelo joven poeta; mas em breve a sympathia converteu-se em animadversão e aos applausos succedeu-se a guerra desapiedada, logo que perceberam que o novo escriptor em vez de pagar com reclames empolados o louvor incondicional, conservava a sua independencia em face de todos e de tudo. O escriptor, distincto desde a sua entrada na arena das letras, ergueu-se pelo estudo e pelo trabalho. Os seus detractores, pelo contrario, diminuiram de proporções, tornaram-se pequenos e humildes. Entretanto a mentalidade portugueza transformava-se.

A *Visão dos tempos* deu-nos a conhecer o auctor; da sua leitura data o nosso enthusiasmo pelo poeta. Agora que já decorreram tantos annos e que a esse enthusiasmo se veio juntar a admiração pelo critico, pelo historiador e pelo philosopho e a estima pessoal pelo professor e amigo, voltamos a consideral-o como poeta, mas inteiramente disposto pela frieza do raciocinio e pelo rigor dos methodos scientificos a julgar com independencia do merito real da sua obra e da razão de ser d'aquelle nosso enthusiasmo.

Estudaremos a epopeia no seu desenvolvimento, no seu plano e na sua execução poetica.

I

Theoria da epopeia cyclica da Humanidade

Para se comprehender a theoria da epopeia da Humanidade, que Theophilo Braga vem realisando desde a publicação do primeiro volume da *Visão dos tempos*, e acompanhal-a no seu desenvolvimento desde a idéa fundamental até á concepção definitiva, convém lêr os prologos syntheticos com que abrem os volumes publicados entre 1864 e 1869 e a nota final das *Miragens seculares*. É nos prologos e na nota que se encontram os germens da theoria e os seus desdobramentos posteriores. A historia da epopeia será ao mesmo tempo a historia intellectual de Theophilo Braga, porque, nascendo no periodo metaphysico da juventude, completa-se no pe-

riodo positivo correspondente á idade viril. A influencia de Hegel dá origem á epopeia, fornece-lhe a idéa primordial do encadeamento cyclico das civilisações historicas; a influencia de Vico ensina-lhe os processos de idealisação das idades passadas; e emfim a influencia de Comte, alargando-lhe e completando-lhe a idéa da epopeia humana, define-lhe o ideal da humanidade. Assim a theoria, originariamente metaphysica, fortaleceu-se e integrou-se ao contacto da doutrina positivista.

Eis como Theophilo Braga comprehendia a poesia moderna, na *Generalisação da historia da Poesia,* que serve de prologo á segunda edição da *Visão dos tempos* (1869): «Desde Goëthe a poesia vai occupando a parte synthetica de reconstrucção, sobre o immenso trabalho analytico de todas as sciencias; é a poesia que nos póde fazer sentir viva a historia retalhada pelos analystas, que nos póde fazer communicar com a natureza acanhada no laboratorio, que nos póde dar a fórma communicativa e universal das verdades e conclusões mais abstractas. A alliança da poesia com a philosophia, tal é o ponto de partida da ultima phase da Arte, encetada pelo seculo XIX — o *periodo metaphysico.*» (p. XI) O espirito do poeta achava-se em plena phase metaphysica e assim considerava que o metaphysismo caracterisava a ultima phase da Arte, quando de facto a synthese de reconstrucção que se dava na philosophia e que devia necessariamente reflectir-se sobre a poesia era positiva ou naturalista. A alliança da poesia com a philosophia não era tambem, na sua accepção mais lata, um phenomeno caracteristico da phase artistica iniciada pelo seculo XIX, porquanto em todos os tempos a concepção do universo influiu e dirigiu a inspiração artistica, podendo mesmo avançar-se que por detraz de cada obra poetica se destaca um systema cosmogonico ou philosophico, desde Hesiodo até Leopardi, desde Homero até Victor Hugo. Se através dos versos de Leopardi se divisa o pessimismo de Schopenhauer como através das poesias de Victor Hugo deparamos com o ecclectismo de Maine de Biran e de Victor Cousin; a ultima phase da Arte, inaugurada na segunda metade d'este seculo, será representada pela alliança da poesia com a philosophia, mas com a philosophia contemporanea, positivista, naturalista, evolucionista. Na moderna poesia portugueza, a philosophia de Hartmann deu um eminente lyrico em Anthero de Quental (*Sonetos*) e um notavel épico em Gomes Leal (*Anti-Christo*), e a philosophia da Historia de Hegel e Vico, reforçada e completada com a philosophia de Comte, produziu a grande epopeia cyclica de que estamos fallando. Se Theophilo Braga errava na denominação da ultima phase da Arte, não se enganava emquanto aos seus principaes caracteristicos. Era isto devido á influencia salutar de Hegel e Vico, porque estes dois espiri-

tos de eleição, aquelle na *Esthetica* e este na *Scienza Nuova*, foram na realidade precursores da systematisação das leis da historia effectuada mais tarde por Comte com a fundação da Sociologia. Assim se explica tambem a facil transição da phase metaphysica para a phase positiva, que poucos annos depois veio a dar-se no cerebro do distincto escriptor. O poeta aproximava-se d'este modo das novas tendencias philosophicas e estheticas trazidas pelo desenvolvimento das sciencias. « O livro da *Visão dos tempos*, escrevia elle, é um passo dado n'esta via: é uma recomposição animada e sentida dos argumentos frios e geometricos, a que chegaram os modernos iniciadores da sciencia da historia; é uma palingenesia, a reproducção do ideal que a humanidade tem formado pelo sentimento da natureza. » (loc. cit., p. xi).

O primeiro tentame, brilhante pela execução, foi muito restricto. O poeta não tomou mais do que tres phases da evolução humana para as idealisar na sua poesia; formavam essas phases a « tricotomia mais caracteristica da poesia da humanidade, » mas viriam a ser apenas tres élos da grande epopeia, porque com effeito não synthetisavam toda a marcha historica do homem através dos tempos e das civilisações. Representavam: « a poesia grega ou a fórma, o objectivo, o visivel » (*Bacchante*); a « poesia hebraica ou a adoração do absoluto, o invisivel » (*Harpa de Israel*); e a « poesia do christianismo ou a transubstanciação, a passagem do visivel para o invisivel, do real para o ideal subjectivo » (*Rosa Mystica*).

Nas *Tempestades sonoras* alarga-se o quadro da epopeia, graças á influencia de Michelet (*Histoire de la République Romaine* e *Origines du Droit français*). Se na primeira série da *Visão dos tempos*, as manifestações poeticas da alma humana, nas suas principaes fórmas de voluptuosidade, de graça divina e de aspiração mystica dirigiram o estro do poeta, na segunda série orienta-o a poesia do direito, como transluz do interessante estudo, que a acompanha, *Sobre a evolução da Poesia determinada pelas relações entre o sentimento e a fórma*. As idéas contidas n'este prologo resume-as o illustre poeta n'este summario:

« 1.° Harmonia do sentimento com a fórma de modo que mutuamente se completam — *Arte classica*.

« 2.° Desaccordo entre o sentimento e a fórma, que só o revela pela antithese — *Arte symbolica*.

« 3.° O sentimento não podendo ser contido, ultrapassando a fórma contingente — *Arte romantica*. » (p. xxx).

Essas idéas levam-no a idealisar o orbe romano (*As Ceias de Nero*), o mundo oriental (*A Perola de Ophir*, *O Mastodonte* e a

Odalisca) e a idade das aventuras maritimas (*O Rosario* e *A dôr do leite*). Com a *Ondina do Lago* entra na plena phase medieval, a época dos cyclos cavalheirescos, do culto da força e do amor. No prologo d'este livro estuda a *Poesia da historia nos cyclos cavalheirescos,* obedecendo á mesma ordem de idéas, ás mesmas influencias doutrinarias. O volume das *Torrentes* termina a série de poesias do periodo metaphysico. O auctor diz que são « os ultimos versos » e explica: « não que desapparecesse a veia occulta que os produziu, mas porque elles vem fechar o cyclo poetico da *Visão dos tempos.*» As *Torrentes* não desenvolvem o plano anteriormente traçado, apenas trazem novas pedras para o edificio, dando-lhe para remate a *Vertigem do infinito,* reminiscencias da vida de Goëthe. Assim em 1869 dava o illustre poeta por terminada a epopeia cyclica da historia.

Mas a philosophia positiva, disciplinando o espirito do escriptor e fornecendo-lhe elementos para o seu talento desabrochar e mostrar-se em todo o vigor, levou Theophilo Braga a revêr o plano primitivo da *Visão dos tempos,* a alargal-o e a conformal-o com as indicações da nova doutrina, tanto em quanto ao ideal da Humanidade, como relativamente a uma melhor concepção da epopeia humana. A epopeia cyclica da historia converteu-se portanto n'uma epopeia da Humanidade ao sôpro creador da philosophia de Comte. Eis o destino da Poesia segundo o grande philosopho, no *Systema de Politica positiva:* « Ella cantará consecutivamente o poder material da Humanidade, o seu aperfeiçoamento physico, o seu progresso intellectual e sobretudo a sua perfeição moral. Antipathica a toda a analyse, a Arte nos explicará a natureza e a condição da Humanidade, representando-nos o seu verdadeiro destino, a sua lucta continua com uma dolorosa fatalidade, convertida em fonte de felicidade e de gloria, sua lenta evolução preliminar e suas altas esperanças vindouras. » Para se conformar com a theoria positiva, Theophilo Braga não necessitou mais do que alargar os quadros do plano primitivo da *Visão dos tempos,* dando-lhe uma nova coordenação, introduzindo novos élos nas séries publicadas e produzindo séries novas afim de preencher o vasto plano de uma epopeia da Humanidade.

II

Plano da epopeia

Acabamos de assistir á evolução do pensamento de uma epopeia, desde a primeira série da *Visão dos Tempos* até ás *Miragens seculares*, que são a quinta série. É occasião agora de considerarmos o plano definitivo.

A epopeia da Humanidade, como nós a comprehendemos, deve ser a synthese das grandes emoções humanas na nossa época, abrangendo de um lado a interpretação artistica de cada uma das phases que nos precederam e do outro a idealisação das aspirações que nos afagam a mente e que desejamos vêr realisadas n'um futuro proximo. Theophilo Braga viu a necessidade de conter a epopeia moderna todos esses elementos, mas synthetisando em particular cada um dos cyclos ou das feições predominantes da civilisação humana, desde as suas origens tradicionaes até ao estado normal da Humanidade. Em vez de reunir todos os elementos n'um só poema, ligou-os dogmaticamente por um encadeamento philosophico, sendo cada um representado por um poemeto distincto.

«A simples comprehensão da Historia, escreve Theophilo Braga no *Prologuio* das *Miragens seculares*, é o thema fundamental de uma vasta epopeia; a Historia — *a lucta da liberdade contra a fatalidade* — dá logar á seguinte trilogia:

«A Fatalidade, ou o conjuncto das forças naturaes que o homem teve de vencer; os instinctos e as instituições staticas da sociedade, taes como as castas, as religiões e os odios nacionaes.

«A Lucta, ou o conjuncto dos esforços empregados para alcançar os progressos successivos na ordem juridica, moral, artistica, philosophica, economica, industrial e scientifica, constituindo cada conquista uma dada civilisação.

«A Liberdade, ou o momento em que o sentimento e a razão, accordando-se no mesmo fim scientifico, tendem pela disciplina positiva a reunir o maior numero de relações para a verdade, eliminando da consciencia e da constituição social as noções absolutas ou subjectivas da mentalidade theologica e metaphysica.» (p. IX-X).

Nas *Miragens seculares* traçou Theophilo Braga o encadeamen-

to dogmatico dos poemetos, dividindo a epopeia em tres cyclos — da fatalidade, da lucta e da liberdade — cada um dos quaes é precedido por um hymno — á tradição, á historia e á philosophia. O *Cyclo da Fatalidade* é representado por um poema intitulado *Os seculos mudos*, comprehendendo cinco cantos: *Prima Deorum Tellus*, *Os Troglodítas*, *A Tetrápole*, *A ira de Deus* e a *Migração das Raças*. É a idealisação das épocas prehistoricas. O *Cyclo da Lucta* divide-se em duas partes — *Diluculo oriental* e *A Aurora do Occidente*, subdividindo-se a primeira em duas secções — *A Linguagem dos Mythos* e *Harpa de Israel*, e a segunda em quatro — *Antiguidade homerica*, *Orbe romano*, *Rosa mystica* e *Os Paladins do Amor*. Cada secção abrange varios numeros. Os poemetos publicados entre 1864 e 1869, isto é, nas quatro primeiras séries da *Visão dos Tempos*, entram n'este cyclo, á excepção da *Vertigem do Infinito* que pertence ao *Cyclo da Liberdade*, e dos dramas: *Auto por desaffronta* e *Poeta por desgraça*, publicados nas *Torrentes* e que o auctor excluiu do plano definitivo.

O *Cyclo da Lucta* é a idealisação das civilisações historicas que vêm desde o antigo Oriente até á idade moderna; faltam-lhe ainda alguns numeros que o illustre poeta tenciona incluir n'uma futura edição. Igualmente concluirá então o *Cyclo da Fatalidade* com o augmento de alguns cantos. Entre os poemetos ineditos lembramo-nos dos seguintes: *A expulsão do Eden*, exprimindo o fim das concepções fetichistas, *Nectar e Necros* ou a morte de Abel, interpretada como acto de sacrificio religioso, e *O primeiro amigo* ou a domesticidade do cão.

O *Cyclo da Liberdade* é formado pelo *Banquete dos livres*, idealisação do negativismo do seculo XVIII, pela *Vertigem do Infinito*, a que já nos referimos, e pelos *Grandes gritos*, poemetos que são o protesto da consciencia humana contra as reacções do militarismo napoleonico no decurso do corrente seculo. Para completar este cyclo faltam ainda dois ou tres poemetos, de que o eminente poeta possue os elementos, se porventura lhes não deu já a redacção definitiva, um relativo ao renascimento das nacionalidades occidentaes e á viagem de Byron pelas nações da Europa e á sua morte na Grecia, e outro ao desenvolvimento industrial da civilisação moderna. A este referia-se já Theophilo Braga na nota ás *Miragens seculares*, quando escrevia que o *Cyclo da Liberdade* « só poderá tornar-se completo tomando por thema a *actividade industrial* que caracterisa a idade moderna. » (p. 237). A epopeia, segundo o pensamento do auctor, ha de terminar por um hymno á *Humanidade*, onde serão devidamente idealisadas as aspirações do cerebro humano para uma phase superior de civilisação, para o estado normal, que Comte denominou *Sociocracia*.

Tal é o plano da epopeia cyclica da Humanidade, um monumento grandioso, que se acha quasi realisado, e cuja parte effectuada passamos a analysar seguindo a ordem definitiva dos poemetos que fica delineada.

III

Analyse critica da epopeia

O *Cyclo da Fatalidade*, primeira parte da *Visão dos Tempos*, abre com um hymno á *Tradição*, escripto em verso solto, o nosso antigo endecasyllabo cuidadosa e admiravelmente trabalhado, mas onde, apesar d'isso, o philosopho supplanta o poeta. Já não diremos o mesmo, no seu conjuncto, dos *Seculos mudos*, bello poemeto em alexandrinos, rimando dois a dois, onde se, n'alguns trechos a erudição abafa a emoção poetica, em muitos outros o poeta iguala o homem de sciencia pelo sentimento da natureza, como no primeiro canto, *Prima Deorum Tellus*, notavel evocação á Terra, quando exclama:

> O Tempo! o Tempo, o Tempo, o Tempo nunca exhausto,
> É este o demiurgo, o Prometheu, o Fausto,
> Que vagaroso fez o tellurico berço
> D'onde o homem surgiu, no animal immerso.
>
> (*Miragens*, p. 25).

Ou mais adiante:

> Varre a face da terra um vento aspero e fresco,
> As aguas sécca, agita, e do horisonte afasta
> Os nimbos que o vapor no horisonte empasta;
> Varre o vento do alto os vastos continentes,
> Arrebata em tropel folhagens e sementes,
> O primeiro signal da migração dos séres!
> A vida se desdobra em festivaes prazeres;
> Sobre a putrefacção para ninguem immunda,
> O germen se organisa e o germen se fecunda;
> A morte a produzir mysteriosa a vida!
>
> (*Ibidem*, p. 27).

Nos cantos seguintes — *Os Trogloditas, A Tetrápole* e *A ira de Deus* — Theophilo Braga poetisa de uma fórma surprehendente as épocas prehistoricas, insufflando vida nova ás tradições genealogicas da humanidade e interpretando os Mythos, quer dando-lhes o sentido natural, quer idealisando-os pela aproximação da sua expressão real. Assim Nuah (o *Noé* da Biblia) é o que dirige a barca da colonia errante, a Torre de Babel é o symbolo da alliança das Cidades, a Ira de Deus é o começo das luctas religiosas. A descripção do banquete cannibalesco que precede a eleição do novo chefe e o suicidio usual do velho Troglos, assim como a da fuga das raças diante dos degêlos, são trechos de poesia realmente scintillantes. O canto da *Migração das raças,* epilogo dos *Seculos mudos,* escripto em quadras de alexandrinos, liga, por assim dizer, os tempos prehistoricos com os tempos modernos, estabelecendo a continuidade da civilisação humana:

> Cada povo vibrou o grito de anciedade,
> Esse grito de Ajax, dos Deuses contra a ira!
> Na vastidão do tempo a Historia o repetira,
> O ecco hoje se torna a voz da Humanidade.
>
> (*Ibidem,* p. 75).

Eis como elle termina. A alliança da poesia com a sciencia ficaria n'este poemeto solidamente firmada, se o não estivesse já ha muito, pelo menos desde Lucrecio.

A Historia, hymno que serve de introducção ao *Cyclo da Lucta,* segunda parte da trilogia de Theophilo Braga, está como *A Tradição,* escripta em verso solto, mas aqui o poeta e o philosopho unem-se mais intimamente pela belleza das imagens com que adorna a idéa philosophica, por exemplo:

> E como a abelha que fecunda as flôres
> Levando em si no incerto vôo o polen,
> Diffundiram os Arabes a Sciencia
> Nos thesouros da Grecia recolhida.
>
> (*Ibidem,* p. 85).

A Linguagem dos Mythos, primeira secção do *Diluculo Oriental,* comprehende sete poesias. *Quando as pedras fallavam* (*Miragens,* p. 87) é uma bella poesia em que o auctor se refere aos tijolos cobertos de caracteres cuneiformes da Chaldéa, e notavel sobretudo pela repetição typica em todas as estrophes do segundo verso:

Amolda o homem por sua mão o barro.

O Mastodonte (*Tempestades*, p. 173), dialogo philosophico no deserto do Egypto entre a Pyramide e a ossada do Mastodonte, e *O pesadêlo dos tumulos* (*Miragens*, p. 89), lamentos da Mumia contra a inercia em que a deixaram:

... fóra do cyclo da existencia,
Muda como os mysterios de hierophantes,
Immovel mais que a fixidez dos dogmas,

representam na grande epopeia a civilisação egypcia e são duas prosopopeias brilhantissimas. *Primus in orbe fecit Deus timor* (*M. S.*, p. 88), soneto aqui deslocado por idealisar a tatuagem, uso selvagem e portanto de época anterior a toda a historia, ficaria melhor encastoado em poesia de maior folego, como estão tantos outros do illustre poeta. Com *A muralha* (*M. S.*, p. 98) leva-nos o auctor á civilisação chineza, poetisando n'um episodio palaciano a causa do seu estacionamento.

A leitura da *Perola de Ophir* transporta-nos a um mundo inteiramente diverso; sahimos das trevas para a luz, do sepulchro para a vida, para o amor. A poesia severa e triste das cousas mortas, — da mumia e do esqueleto, da pyramide e da grande muralha — cede o passo á poesia da natureza luxuriante do Hindustão. Esta transição brusca, inesperada, é, devemos confessal-o, desfavoravel para as poesias de que anteriormente fallamos. Theophilo Braga deve, na edição definitiva, abrir para ella uma nova secção entre a *Harpa d'Israel* e a *Antiguidade homerica*. Idealisando a civilisação que nos seus primordios produziu os hymnos magestosos dos *Vedas* e no apogeo o maravilhoso drama *Sacuntala*, cabe perfeitamente ahi, como cyclo de transição para a poesia epica da Grecia.

A Perola de Ophir (*T. S.*, p. 129) esplende como um brilhante do mais fino quilate; é um drama de amor nas margens do Cabul ligado ao symbolismo do annel esponsalicio. Que mimo e que paixão a d'este dialogo:

VAMADHEVA

Dá-me a conta das estrellas
Dar-te-hei outros tantos beijos.

MAGHAVAN

Bella! as estrellas são tantas
Como eu sinto de desejos.

VAMADHEVA

Conta as areias dos mares,
Dou-te outros tantos abraços!

MAGHAVAN

Ai! as areias são tantas
Como a ti me prendem laços.

VAMADHEVA

Ganhaste a apósta tão cêdo!

MAGHAVAN

Porque não ris, e só córas?

VAMADHEVA

Teus abraços dilaceram,
Nos teus beijos me devoras!

(p. 151).

Teem a simplicidade ingenua da alma popular, mas tambem que sentimento e que grandeza!

Vamadheva, encantadora filha de Virupa, o velho eremita que acolheu Maghavan ferido e desthronado, apaixona-se por elle e recebe secretamente o annel de esposa, mas violando o segredo promettido, pressente graves infelicidades. Tendo reconquistado o throno, Maghavan envia uma embaixada a buscar a esposa, porém, quando Vamadheva chega, sabe-se que o rei não volta do campo da batalha, e julgando-o morto, ella apresta-se para se lançar á fogueira. O rei, no emtanto, volta no corcel a toda brida e chega ainda a tempo de a suster:

Oh Vamadheva! oásis na existencia!
Desce a meus braços! chama-te a agonia
De vêr-te assim da sepultura á borda!
Vem abrazar-te n'esta chamma ardente
Do amor em que os teus olhos me inflammaram.

(*Loc. cit.*, p. 171).

Que esplendidos versos estes, com que fecha o poemeto!

A *Odalisca* (*T. S.*, p. 179) é uma linda canção de amor insaciavel no gyneceu entre o eunucho e a grega captiva, que, como o poemeto antecedente, não se liga pela ordem de idéas com as demais poesias da *Linguagem dos Mythos*.

A segunda secção, *Harpa de Israel*, pertencem oito poesias, sendo a primeira a *Stella matutina* (*V. dos T.*, 2.ª ed., p. 125), na qual o poeta transforma o mytho para exprimir uma outra comprehensão do sentimento. A emoção poetica é bastante profunda. Cantam os córos suspensos nas alturas.:

Se o anjo mais puro e lindo
Que esmalta o solio de Deus,
Fica demonio — caindo
Lá dos céos:

Mulher! perdida nas trevas,
Chorando tua quéda assim,
Abre-se o empyreo e te elevas
Seraphim!

(*Ibidem*, p. 128).

Na *Stella matutina*, como nos poemetos que a seguem, Theophilo Braga tenta imitar a poesia dos prophetas e dos sacerdotes da Judeia na sua abstracção religiosa e sublime. «Na poesia hebraica, escreve o auctor, ha o luxo de imagens como em toda a poesia do Oriente; mas só apparecem onde a palavra e o pensamento não podem seguir a abstracção.» (*Ibidem*, int. p. XXVIII.) N'alguns trechos d'esta idealisação semita o eminente poeta attinge a sublimidade que nos encanta no *Cantico dos Canticos*. Assim na curta poesia intitulada *Na torrente do Cédron* (*T. S.*, p. 125); assim principalmente no esplendido poemeto *A sombra do Propheta* (*Torr.*, p. 1). Falla Cyro, o potente monarcha da Babylonia, á virgem de Sião:

« Jahel! Jahel, inclina-te em meus braços
Como se deixa ao sol caír o bago
Das vinhas de Engadi na sésta ardente.
Vem! das formosas foste a escolhida!
No fulgor d'esse olhar abre-me a aurora.
É rico o ouro em pó que em teus cabellos
Espalharam aqui; rico o arminho
Com que quero elevar-te á realeza,
Mas é mais bello ainda o que me escondes! »

(*Ibidem*, p. 8).

No retrato da virgem de Sião ainda o poeta mais se eleva:

Como Jahel coroada estava linda,
Viva, dengue, engraçada, pequenina,
Quasi á altura de um beijo! os olhos negros
Incendiando a paixão, nadando vagos
Na humida pupilla adormecida!
Leve, flexivel como uma vergontea,
Era um pômo doirado pelas calmas
Do céo oriental; falta colhel-o:
Só não sabia o que era esse desejo,
Que deixa sempre uma anciedade n'alma.

(*Ibidem*, p. 9).

Jahel canta os bellos threnos de *Samyaza ou o Amor dos anjos*, poesia do soffrimento, do mysterioso laço do Amor e Morte, onde o auctor se inspira na historia dos anjos que se esqueceram do céo pelo amor das filhas dos homens, a que se refere o capitulo VI do *Genesis*. O thema já servira anteriormente a Lamartine e a Thomaz Moore, mas Theophilo Braga dá-lhe uma outra interpretação, a nosso modo de vêr mais bella.

A Estrella dos Magos (*V. dos T.*, 2.ª ed., p. 135), onde a lenda recebe o espirito novo, *Sémida* (*T. S.*, p. 101), graciosa pastoral biblica em que o poeta idealisa a resurreição do filho da Viuva de Naim, *Ave Stella!* (*V. dos T.*, 2.ª ed., p. 149), onde a inspiração apocalyptica de Pathmos é idealisada sob o ponto de vista da liberdade humana, e o *Fim de Satan* (*Ibidem*, p. 169), nova concepção do Mal, são os poemas que Theophilo Braga põe a seguir á *Sombra do Propheta*, continuando com elles a caracterisar a poesia hebraica e o espirito de um povo que tanto veio a influir depois nos destinos da humanidade. O *Deserto de Deus* (*M. S.*, p. 95), ultimo numero da *Harpa de Israel*, synthetisa a vida historica dos judeus; o monotheismo egoista e solitario do povo eleito, condemnou-o á vagabundagem no meio das nações.

A *Antiguidade homerica*, primeira secção da *Aurora do Occi-*

dente, abre um novo mundo poetico, onde em vez da abstracção religiosa, ha o culto da fórma, o goso pleno da vida, a mocidade eterna de que falla João Paulo Richter. A objectividade substitue a abstracção. Eis *A Bacchante* (*V. dos T.*, p. 1), o poema admiravel, que deu a Theophilo Braga o justo renome de poeta distincto nos proprios arraiaes do romantismo. Como é grandiosa a evocação á Grecia com que abre o poema!

Oh Hellade! irmã gemea da harmonia,
Lindo sonho do amor, virgineo seio,
Alva concha do mar, deusa engraçada,
Tens por nymphas as Cycladas dispersas,
É teu docel esplendido um céo puro,
Quando te ergues risonha e deslumbrante
Do azul da vaga ionia!
Oh Musa antiga,
São teus soltos cabellos, ondulando,
Sonoras cordas de maviosa lyra,
Tua falla é gemido de harpa eólia,
Tua alma o riso, a infancia, Anacreonte,
O beijo da poesia. És aureo cinto
Que em mimoso tropel confunde as graças!

Oh lirio sobre a lápide nascido
Dos seculos preteritos! floresce,
Abre o calice ás lagrimas da aurora,
Deixa aspirar-te o matinal effluvio,
Grecia, lirio singelo, immarcessivel.

O poema é o amor de Clytia e de Naïs. O pensamento que o auctor desenvolve encontramol-o n'estas palavras da introducção: « O *amor* é como a chlamyde de Djanira, que incendeia e devora o corpo de quem a veste; foi o *amor* que venceu a validez de Hercules, e a chamma que ao abrazal-o lhe fez sentir que se ia tornando um deus. » (p. XIX) A perfeição inexcedivel da execução rivalisa com a dos melhores poemetos de Theophile Gautier, Theodor de Banville, Leconte de Lisle e dos parnasianos francezes. Vae, porém, além d'elles na emoção profunda que os anima. Confronte-se, por exemplo, a Grecia cantada por Theophilo Braga com a Grecia dos poemetos de Leconte de Lisle, aquella luxuriante e transbordando de vida, esta de uma impassibilidade de morte, — uma Grecia fria e archeologica. O nosso poeta sentiu melhor a alma d'aquelle grande povo; sentiu-a talvez tanto senão mais do que Chenier. Como brilhantes, engastados em joia do mais alto preço, ha n'este poema a *Nayade* (p. 14), a *Hospitalidade antiga* (p. 51), o *Cyclope* (p. 81), poemetos em alexandrinos primorosos, e canções delicadissimas e inimitaveis como a *do marinheiro grego:*

Já lancei ferro em Coryntho;
Terra assim de gregas bellas
Nunca vi!
Por divas e por donzellas
D'amor por todas, não minto,
Me perdi.

(*Ibidem*, p. 19)

e *á sésta*:

Estavas distrahida
No banho á tarde respirando aromas;
Ah, vi-te! hora de vida,
Eu vi-te; n'esse instante
Pareciam suster-te n'agua as pomas
O corpo fluctuante.

(*Ibidem*, p. 103).

Que rythmo voluptuoso o d'esta canção, cujas estrophes caprichosas terminam sempre pelo gentil retornello:

n'esse instante
Pareciam suster-te n'agua as pomas
O corpo fluctuante!

Esta canção, por si só, colloca Theophilo Braga, como lyrico, a par de Garrett, o sublime poeta das *Folhas cahidas*. As bellas poesias *Cascaes* e *Os cinco sentidos* emocionam tanto, e não mais, do que as canções *do marinheiro grego* e *Á sésta*. A corda do sentimento não póde ser vibrada com mais delicadeza.

A Velhice de Homero (*T. S.*, p. 91) e a *Infancia de Homero* (*Torr.*, p. 39) poetisam as idéas de Vico ácerca do grande epico grego. Homero não existiu, diz o philosopho italiano, mas a Grecia toda falla d'elle, porque na *Iliada* e na *Odyssea* está o caracter da sua nacionalidade. Theophilo Braga mythifica as idéas consignadas por Vico na *Scienza nuova*. O canto de Naïs, na *Infancia de Homero*, mostra os rios, as cigarras, as brisas, as ondas, e as ilhas testemunhando a sua existencia:

Tudo fallava do sublime Aédo!

mas o Vesuvio, symbolisando a voz do philosopho napolitano, vem perturbar o silencio:

Não existiu Homero, foi um mytho,

*

elle clama; prosegue no emtanto o « placido concerto »:

Nós o vimos! nós todos o sentimos,
Disputâmol-o ainda em doce briga;
Nós lhe démos o ser, dentro em nós canta
ALMA PARENS de toda a Grecia antiga!

(*Torr.*, p. 50).

Com a *Fuga de Eschylo* (*M. S.*, p. 104) termina o cyclo da poesia homerica. N'este poemeto aproveita Theophilo Braga um facto historico para a vulgarisação de novas noções moraes. É grande a idéa que traduz esta bella imagem:

Nós ficamos o humus fecundante!

A segunda secção, *Orbe romano*, comprehende *As Ceas de Nero*, *O sepulchro de Virgilio* e *O Gladiador*. *As Ceas de Nero* (*T. S.*, p. 1) representam a devassidão do imperio no seu maior auge. É esse um dos melhores poemetos da epopeia. Celia, apaixonada por Licinio que a despreza por amor de uma christã, Eurydéa, entrega-se ao sensual imperador afim de se vingar do seu amante fazendo esta perecer no circo. O verso solto, sempre de uma correcção impeccavel, encanta por vezes, como pintando Celia:

Para o banho se despe! Alvas roupagens,
Como a pétala avara se desdobra
E mostra a flor setinea, luxuriante,
Deixam vêr perfeitissimos contornos,
Tumido seio, alvissimo de neve!

(*Ibidem*, p. 22).

Intercalados no poema ha trechos lyricos de primeira ordem, como *O Pardalzinho de Lesbia*, o *Canto nocturno do bairro de Suburra*, a parabola *Jesus peregrino*, o *Canto de Petronio*, o de Licinio e acima de todos o *Brinde a Celia*, que não resistimos á tentação de transcrever:

Celia! na vida o thalamo,
Na vida — atro deserto,
É paraizo aberto,
Seio feliz de mãe!
Rosal todo aromatico,
Onde és vergontea airosa;
É luz, tu mariposa
Que n'ella cahir vem!

Rôla engraçada e timida
Vem ser puro holocausto!
Deixa teu peito exhausto
Pender no altar de amor!
Entremos!! noite esplendida!
Oh, vem d'olhos enxutos,
Troca por doces fructos
A pudibunda flôr!

São deliciosamente bellos!

O *Sepulchro de Virgilio* (*M. S.*, p. III) é a adaptação da lenda á expressão da synthese historica, a antinomia entre a Justiça e a Graça. Paulo, o apostolo, vindo a Roma prégar o Verbo novo, senta-se extenuado sobre o tumulo de Virgilio e chora por chegar tarde para conquistar

O melhor coração da antiguidade.

Mas uma voz responde-lhe:

Não vieste tarde! E vê se poderias
Ao maximo pontifice do *Justo*
Leval-o a crêr na *Graça* do Messias?

Não pudera esquecer a todo o custo
Essa harmonia eterna das vontades,
Pelo dogma de um privilegio augusto.

O ideal christão da Graça só poderia triumphar quando o grande ideal da Justiça, do Direito, ficasse de todo abafado sob a gangrena do imperio. Foi o que succedeu; o christianismo tornou-se romano quando a devassidão aniquilou todas as virtudes civicas, desenvolveu-se nas ruinas; transformou-se em catholicismo.

O *Gladiador* (*M. S.*, p. 118), poesia em que Theophilo Braga synthetisa o reinado de Marco Aurelio e no vaticinio do Cimbro a invasão do imperio pelas raças do Norte, fecha o cyclo romano.

A terceira secção da *Aurora do Occidente* intitula-se *Rosa mystica* e representa a feição religiosa da Edade-média. Contém oito poesias. *A vinha do Senhor* (*M. S.*, p. 124), mythificação da influencia do christianismo sobre a civilisação occidental, distingue-se pela verdade philosophica que encerra. Com effeito a religião christã paralysou a vida intellectual e expansiva da Grecia e de Roma, foi como que uma embriaguez de vinho que a todos mergulhou na pro-

funda lethargia da penitencia. O *Baptismo de fogo* (*T. S.*, p. 189), filho da mesma ordem de idéas, é um poemeto finamente lavrado, no qual o distincto escriptor synthetisa a aberração moral do celibato, consequencia logica da doutrina christã, sem as declamações impertinentes dos reformadores do christianismo. Na *Alma mystica* (*M. S.*, p. 131), delicadissima allegoria, concretisa o auctor a emoção dolorida da aspiração irrealisavel do amor. Estaremos em erro interpretando-a como a queixa sentida da clausura, essa monstruosidade moral? *Dilexit multum* (*M. S.*, p. 133), admiravel poesia em latim no genero dos hymnos christãos da Edade-média, quando a quantidade das syllabas foi substituida pelo accento e pela rima. O thema é a negação da sepultura em sagrado aos suicidas pelas leis canonicas. Eis o terceto final:

Corpus, non fano sepultum,
Tenet palmam cor inultum,
Heu! quoniam dilexit multum.

O poemeto *Arabesco de uma janella gothica* (*Torr.*, p. 51) foi inspirado por uma leitura do *Inferno*, conforme nos conta o auctor (*Ibidem*, p. VII). Dante, para salvar uma criança que se afogava no baptisterio de San João de Florença, quebrou a grade, pelo que foi accusado de sacrilegio por seus inimigos. O baptismo, fonte de vida, segundo a crença, é innumeras vezes origem da morte, senão natural, pelo menos moral e intellectual. No poemeto uma pobre mãi vai confiadamente entregar ao sacerdote seu filho para receber a vida pelo baptismo, mas a criança escorregando das mãos do padre morre na piscina baptismal. Ás justas imprecações da mãi, no auge da dôr, responde a multidão, bestialisada pelo fanatismo, arrastando-a á fogueira. A poesia *Spasimo* (*V. dos T.*, 2.ª ed., p. 179) reproduz-nos os extasis amorosos do monge artista na cella do mosteiro. A Virgem é o ideal dos poetas e dos pintores:

Desce á terra, a meus braços docemente,
Bella, como a sonhei no alto empyreo,
Bella, como inda a tenho aqui na mente.

É do celeste val candido lirio;
Vem dar-me a respirar a essencia pura,
Nardo santo das chagas do martyrio.

Suave recordação dos arrobos amorosos de S. Francisco de As-

sis, de Santa Thereza, de Frei Luiz de Leon e de San Juan de la Cruz! *Savonarola ou o extasis do propheta* (*Ibidem*, p. 187) synthetisa a Reforma. O Apostolo, no extasis prophetico que precede o seu supplicio, antevê o novo dia e tem esperança no futuro. Com o *Dithyrambo dos mortos* (*Ibibem*, p. 209) termina a *Rosa mystica*. N'este poemeto dramatisa o auctor as tristezas e os dissabores da clausura, onde tudo fallava de morte e penitencia quando o fogo da mocidade só pedia amor. As virgens do mosteiro antigo e abandonado levantam-se do tumulo por altas horas da noite, como no *Roberto o Diabo*,

> E em bandos vagam a pedir castigo
> Contra quem as arroja ao eterno somno,
> Revoltas folhas do gelado outomno.
>
> (*Ibidem*, p. 212).

Os Paladins do Amor é o titulo da secção quarta e representa o cyclo cavalheiresco e o das grandes navegações. São em numero de oito os poemas e poesias de que se compõe. A *Ondina do Lago*, poema n'um volume, abre a secção e idealisa o periodo medieval do heroismo e do amor. É linda a *Invocação:*

> Oh languidas virgens dos sonhos da infancia,
> Deixae essas valsas de magico ardor;
> Que passa a guitarra gemendo com ancia...
> Abri as janellas,
> Eu canto d'amor!

Seguem-se duas estrophes com o mesmo retornello: *Eu canto d'amor!* e a ultima com a variante: *Que eu morro d'amor!* O poema, escripto em verso solto, é a cada pagina cortado de trechos lyricos, principalmente sonetos de um subjectivismo apaixonado. Poema de aventuras no gosto medieval, tem descripções primorosas, como o cahir da noite, o torneio, o espectro, a peste negra, a Roma dos papas e a noite final do millenario, etc. e referencias ás lendas das feiticeiras e do Sabbat, do Judeu errante, do doutor Fausto, de D. Juan, de Merlin, do Dragão, dos Vampiros, etc. No *Satyro da Renascença*, notavel poemeto intercalado na primeira parte da *Ondina do Lago*, symbolisa Theophilo Braga de um modo pittoresco o choque da civilisação grega com a civilisação catholica, do ideal de vida e de gosos com o ideal de morte e de soffrimentos. É o advento de uma época de tolerancia pela influen-

cia moral do paganismo. O Satyro, descollando-se da pintura da cathedral deserta, vai de noite ao clarão dos relampagos, correr a igreja e visitar os altares. Pára diante da capella de uma santa e, contemplando a imagem linda, exclama ebrio de amor:

> Oh Numes,
> Deoses da Grecia antiga, já não tendes
> Culto d'amor e risos de alegria!
> Como é que assim deixastes,
> Sem ouvir os queixumes,
> Roubar a casta nympha,
> A mais bella, que viram vossos rios?

(*Ibidem*, p. 61).

Visita outras capellas, saúda de passagem o *irmão diabo* e vai ao altar-mór desbruçar-se para dentro do tumulo de Jesus:

> Oh! como póde
> Chamar-se um Deus, o que não tem as fórmas
> Da perfeição suprema?

(*Ibidem*, p. 67).

Jesus, embrulhado no sudario, sae pela chuva, pelo vento, a bater ás portas dos sacerdotes, mas no meio da orgia ninguem o ouve, ninguem o attende, e elle «compassivo, resignado, em silencio», volta de novo para o feretro. O Satyro então

> De novo espreita, e ri com rir convulso:
> «Ao menos sabes ser já tolerante!»

(*Ibidem*, p. 69).

Na segunda parte da *Ondina do Lago* intercalou o auctor a engraçada historia de um Anachoreta tentado pelo Diabo, o qual lhe propõe o seguinte caso:

> — Attende! eu quero que a razão me digas
> Porque é que se não vê nos Santos Padres
> Citado o espirro, que soltou a Virgem
> Quando *Dominus tecum* disse o Anjo?

(*Ibidem*, p. 149).

A canção do ecco (p. 7), a relação do naufragio (p. 74), o canto de Fatima (p. 83), Bertha acalentando o filho (p. 86), o conto da feiticeira: *Anninhas, Anninhas! vem cá, minha filha* (p. 96), a barcarolla do remador (p. 122), vozes de uma harpa eolia (p. 126), a lagrima de Eva (p. 130), a ballada do peregrino (p. 180) e ao clarão da lampada (p. 191) são peças lyricas de um lavor esmerado. Dos vinte e nove sonetos mettidos no poema, todos elles de uma correcção impeccavel e de um sentimento espontaneo, não sabemos a quaes dar a preferencia, desde os primeiros: *Porque te amo? Não sei, visão celeste* (p. 9), *Dás-me a vida no olhar teu distrahido* (p. 12), *A ostia santa occulta-se na urna* (p. 13), *Não sei teu nome! como hei de eu chamar-te* (p. 15), até aos ultimos: *Se não sabes amar, se amar não queres* (p. 156), *Levo horas a mirar tua janella* (p. 161), *Se brincamos, amor, logo o receio* (p. 169), *Sinto em mim a harmonia de um concerto* (p. 170). Transcreveremos um ao acaso:

O que o psalterio diz! Dedos de fada
Percorrendo nas cordas levemente...
Cada som que suspira é confidente
Do amor que me desperta essa toada.

Vêr-te nos ares, languida, levada
Fóra do mundo, aérea! a pobre mente
Tresvaira, ouvindo a nota vehemente
Na vertigem do enlevo transportada.

Mal sabes que harmonias vás tirando,
Vibras cá dentro vozes interiores,
Que deliram por ti de quando em quando.

Vozes que se emudecem pois são dôres,
Desvarios... não ouças! vai tocando,
Quero sonhar, sentir, morrer d'amores.

(*Ibidem*, p. 93).

O lyrismo amoroso d'estes sonetos faz-nos recordar frequentes vezes o dos mais insignes poetas, taes como: Petrarcha ou Camões.

O *Bravo de Uiraçaba* (*Torr.*, p. 57) é o poema das navegações portuguezas, esse segundo cyclo cavalheiresco do fim da Edade-média. Theophilo Braga ligou n'elle todos os elementos que caracteri-

sam o apogeo d'essa época gloriosa, não esquecendo o veneno que a corroe e que em breve trará a decadencia — a influencia dos jesuitas. O lyrismo de alguns sonetos de amor e de outras poesias como *A Salve dos Mareantes*, a *Ave Maria*, e varias no genero dos romances populares não desmerece do juizo feito a proposito de outros poemetos. A *Phrase de Miguel Angelo* (*M. S.*, p. 135), dois primorosos sonetos em que se estabelece o contraste do amor ideal do artista por Vittoria Colonna com o amor febril de Paulo e Francesca descripto pelo Dante; o *Poema de Camões* (*M. S.*, p. 137), bella interpretação moral da restauração de Portugal pela tradição de Camões, idealisada no vaticinio de Philippe II; o *Riso de Cervantes* (*M. S.*, p. 143), dramatisação philosophica da contradicção entre a doutrina de Jesus e a pratica da Igreja de Pedro pelo confronto com os devaneios de D. Quixote e o senso commum de Sancho; e emfim *A Confissão de Calderon* (*M. S.*, p. 147), interpretação moral dramatisada da missão da Arte, continuam a idealisação do cyclo de transição do mundo antigo para o mundo moderno. Com as poesias *O Rosario* (*T. S.*, p. 187) e *A dôr do leite* (*T. S.*, p. 183) que cantam o soffrimento moral das mães, cujos filhos andam nas aguas ou são arrebatados para a escravidão, scenas de uma época de navegação e de conquista, termina Theophilo Braga a secção dos *Paladins do Amor* e fecha o *Cyclo da Lucta*.

O hymno *A Philosophia* (*M. S.*, p. 151), que serve de introducção ao *Cyclo da Liberdade*, escripto como *A Tradição*, *A Historia* e muitos outros poemetos de Theophilo Braga em verso solto, é uma notavel allegoria em que nos pinta a Humanidade

> Na grande caravana da existencia,
> Sem saber para onde, vae levada
> Na corrente vital, por entre dôres,
> Miserias, decepções, luctas e morte.

O endecasyllabo, sempre correcto, perde, comtudo, n'esta poesia muito do seu vigor poetico, quer por encerrar grande numero de phrases curtas, quer por coincidir frequentes vezes o fim da oração com o fim do verso, o que não é de bom effeito no verso solto. Theophilo Braga, inexcedivel geralmente na factura do verso branco, conhecendo melhor do que ninguem os segredos do seu rythmo, sacrificou n'esta poesia a fórma á idéa, como já fizera no hymno á *Tradição*, e como ainda o faz em parte no *Banquete dos livres*.

N'este poemeto — *O Banquete dos livres* (*M. S.*, p. 157), soberbo pela somma de idéas que contém, synthetisa o illustre poeta e philosopho o negativismo do seculo XVIII e a aurora da Revolução.

O banquete symbolico da communhão das novas idéas, da lucta contra

Reis e Padres! satanica alliança,

realisa-se nos salões d'Holbach, no parque de Grand-val, tendo por thema

O Amor, o immenso amor da Humanidade.

Ao redor da mesa estão Diderot, Galiani, D'Alembert, Helvetius, Raynal, Buffon, Rousseau. Na palestra philosophica do canto primeiro distinguem-se como trechos poeticos — *O sonho do Oriente* (p. 163), dramatisação do advento dos prazeres moraes, *O prisioneiro* (p. 169), expressão do sentimento de liberdade pelo desdobramento da imagem, e a *Parabola da semente* (p. 176), mythificação do desenvolvimento das idéas novas. O canto segundo abre com a entrada de Voltaire no salão. O philosopho vem

Pela tristeza immensa quebrantado

e annuncia que um grande terremoto subverteu Lisboa. É o prenuncio da Revolução:

... o enorme abalo
Na alma moderna repercutiu, lançando
Ao vacuo as ficções vans do theologismo,
E as ôcas subjectivas entidades.

(*Ibidem*, p. 182).

Diderot saúda a éra nova. D'Alembert vê que é chegada a grande hora da lucta decisiva. Voltaire,

... o athleta da ironia
Que vem da segurança do bom senso,

vaticina a emancipação moral e religiosa. *A Barca de Pedro* (p.

185) symbolisa esse facto. Diderot vê melhor: a emancipação politica ha de acompanhar a religiosa. Mas,

> O banquete de Holbach era o reflexo
> D'este banquete fraternal dos livres,

que se estendia á Inglaterra, á Allemanha. No canto terceiro, Kant, abysmado em funda e estranha meditação, traça a elaboração cosmica no esplendido poemeto — *O Firmamento* (p. 191), pelo desdobramento da imagem da lucta entre o Cosmos e o Cahos:

> Como se abarcam dois athletas fortes,
> Peito a peito, oscillando n'um vae-vem,
> Ambos iguaes no embate, como cohortes
> Que se esmagam no espaço que as retem,
> Trocando os fundos córtes:
> Cahos e Cosmos, soltos degladeiam,
> Assim como os irmãos quando se odeiam,
> Como no mytho lucta o Mal e o Bem!
>
> (*Ibidem*, p. 192).

A integração e a dissociação, os processos universaes de Herbert Spencer, são os idealisados n'esta lucta. Esta poesia, o melhor trecho, emquanto a nós, do *Banquete dos livres*, lembra-nos as seguintes palavras de Empedocles, onde de facto se encontra já resumida a doutrina evolucionista: «A vida terrestre está suspensa inteiramente das alternativas que conduzem o Universo espherico, pela força do *Odio*, a uma dissolução crescente, ou pela força do *Amor* a uma formação organica, cada vez mais completa e mais perfeita.» Theophilo Braga, attribuindo ainda a Kant a synthese suprema da unificação do cosmos e da consciencia, empresta-lhe no poema *A Fabula moderna* (p. 202) da cigarra e a formiga, d'onde tira a expressão critica da Revolução franceza. O *Banquete dos livres* termina com o *Cantico das creanças* (p. 210), saudação a Pestalozzi e a Frœbel, que se eleva das montanhas da Suissa como o annuncio do novo sér moral.

A *Vertigem do Infinito* (*Torr.*, p. 289), episodio da vida de Goëthe, idealisa o culto da arte moderna, a sêde insaciavel do ideal que supplanta e abafa todos os outros sentimentos.

Os *Grandes gritos* (*M. S.*, p. 212) cantam a regressão do homem livre ao bruto sanguinario, isto é, ao militarismo canibalesco de Napoleão. Comprehende: *A sepultura do Heroe* (p. 212), *Napoleão moribundo* (p. 216) e *Os semeadores da Peste*, todos os tres cantos com a fórma estrophica dos *Lusiadas* e cuidadosamente trabalhados. No primeiro, Napoleão escolhe para tumulo o leito da civilisação que tenta desviar do seu curso regular. No segundo,

elle, acordando d'um somno largo e pesado, quasi na agonia da morte, conta a Las Casas o sonho terrivel que acaba de ter e no qual a sua missão destruidora e reaccionaria se symbolisa n'um bloco enorme, que cahindo interrompe o trabalho dos mineiros do progresso. No terceiro e ultimo canto, como os miasmas infectos de cadaver, a lenda militar, propagada inconscientemente, traz o segundo imperio — e os dias nefandos de *Dois de Dezembro* e de *Sédan*. Com estes poemetos — *Os grandes gritos* — termina a parte publicada da *Visão dos tempos*.

Quando virá o hymno da *Humanidade* pôr o remate indispensavel a este monumento grandioso?

TEIXEIRA BASTOS.

BIBLIOGRAPHIA

Folklore català — **Ethologia de Blánes** per D. Joseph Cortils y Vieta, Barcelona 1886. 1 vol. de 201-VI pag. 12 rals

Com este titulo acaba de vêr a luz o 3.º tomo da Bibliotheca popular da «Associació d'excursions Catalana», que vem enriquecer a importante contribuição da Catalunha para a colleção folklorica da peninsula hispanica, apesar de se referir a uma povoação de 5:395 habitantes.

A *Ethologia de Blánes*, trabalho modestissimo é comtudo bastante curioso por abranger os costumes correspondentes ás diversas festas do anno, as superstições, os contos, as adivinhas, as canções populares, com a respectiva musica, os jogos infantis e outros, os idiotismos, a onomatologia, etc. etc. O snr. D. Joseph Cortils mostra assim praticamente a conveniencia scientifica que haveria se os «numerosos socios delegados com que conta (a Associação) em differentes povoações da sua terra, lhe fizessem conhecer os usos e costumes dos habitantes das suas localidades respectivas, assim como os jogos, canções populares, adagios, sentenças, maximas, superstições, particularidades da linguagem, modismos e locuções n'ella usuaes; afim de mais tarde se publicar um diccionario completo e um tratado de ethologia catalã...»

N'esse volume, sobretudo nas superstições, adivinhas e jogos infantis, ha innumeras aproximações das tradições portuguezas, algumas das quaes o snr. Cortils tem o cuidado de citar dos trabalhos folkloricos publicados por Theophilo Braga e Leite de Vasconcellos na nossa revista *Era Nova*. N'outros trabalhos dos mesmos auctores encontraria o illustre folklorista

catalão numerosissimos documentos para um confronto mais desenvolvido entre as tradições d'estes dois povos da peninsula.

TEIXEIRA BASTOS.

Histoire de la Littérature Portugaise *depuis ses origines jusqu'à nos jours* par A. LOISEAU, professeur agrégé au Lycée de Vanves (Seine), etc. — Paris, Ernest Thorin, éditeur, 1886 — 1 vol. de 404 pag.

O apparecimento d'este livro foi saudado pela imprensa diaria do nosso paiz com o servilismo aviltante do mendigo de estrada que agradece uma esmola. A consciencia do homem independente e do litterato revolta-se diante da bajulação inconsciente ou má, mas sempre abjecta, de improvisados jornalistas. É a revolta converte-se em indignação, quando, como no presente caso, o elogio envolve uma affronta á dignidade da imprensa. Por melhor que fosse o livro do snr. A. Loiseau, fecha com uma affirmação que não devia passar sem protesto. Diz elle: « ... *Dom Luiz Ier, poète et écrivain, donne l'exemple et étend sa royale protection sur tous ceux dont l'esprit pense, la main écrit, le cœur bat pour la grandeur de la nation portugaise.* » Protestamos em nome da geração nova, em nome dos dissidentes, de todos os que pensam e escrevem, todos os que trabalham para o engrandecimento moral e intellectual da nação portugueza. D. Luiz I, um traductor menos ainda do que mediocre, — a avaliar por uma versão do *Hamlet* que um dia nos cahiu nas mãos, não só não protege as letras patrias, como nenhum escriptor distincto e independente, nenhum dos que são a gloria e a esperança do Portugal contemporaneo, acceitaria a regia protecção. Saiba-o o snr. Loiseau, já que desconhece inteiramente toda a nossa litteratura moderna, o movimento revolucionario e naturalista dos ultimos vinte annos.

Aqui fica o nosso protesto. Vejamos agora se a *Histoire de la Littérature Portugaise* possue qualidades que a recommendem como um sério trabalho critico sobre a nossa litteratura. Considerando o livro no seu conjunto, facilmente se descobre a deficiencia de um ponto de vista geral que permitta ao seu auctor estudar as obras dos escriptores portuguezes nas suas relações com o meio social e com a evolução intellectual da humanidade. Falta-lhe o criterio philosophico, indispensavel hoje em todas as obras de sciencia, de arte ou de litteratura. Considerando-o relativamente ás suas partes ou capitulos, notamos em primeiro logar a ausencia de criterio na escolha das fontes e na determinação do valor relativo a cada um dos livros consultados. Resulta d'isto consideravel numero de erros palmares, absolutamente inadmissiveis depois dos notaveis estudos analyticos

de Theophilo Braga sobre a litteratura portugueza. Tal é, por exemplo, o considerar como documentos primitivos da nossa lingua a canção de Hermingues e as de Egas Moniz Coelho, que indubitavelmente pertencem aos fins do seculo XIV, para não fallarmos na admissão como verdadeiras das phantasiosas côrtes de Lamego em 1143!

O snr. Loiseau, fallando dos *Cancioneiros*, escreve a pag. 18: «Les poésies portugaises, appartenant à l'ecole des Troubadours, sont contenues dans trois recueils allant du XIIIe au XVIe siècle et appelés *Cancioneiros*. Ce sont le *Cancioneiro* du roi Diniz, ou de la Vaticane, parce qu'il fut decouvert dans la bibliothèque du Vatican, sous le règne de João III, le *Cancioneiro* du collège *dos Nobres*, ou plutôt *Nobiliario*, presque tout entier composé des œuvres du comte de Barcellos, fils naturel de Diniz; enfin le *Cancioneiro geral*, de beaucoup le plus considérable des trois, et dû aux soins patients de Garcia de Rezende.» O illustre professor, além de reduzir a tres os Cancioneiros portuguezes, confunde o *Cancioneiro de D. Diniz* com o grande *Cancioneiro da Vaticana*, onde aquelle está intercalado, e o que é peor, o *Cancioneiro da Ajuda* ou do collegio dos Nobres com o *Nobiliario* e com o *Livro das Cantigas*, do conde de Barcellos. O snr. Loiseau evidentemente não conhece o *Cancioneiro da Vaticana*, publicado por Monacci e do qual Theophilo Braga deu uma edição interpretativa, e emquanto ao do collegio dos Nobres confundiu-o com o Nobiliario, quer pela aproximação d'estas duas palavras, quer porque, junto ao *Cancioneiro da Ajuda*, andava um fragmento de um Nobiliario (Vid. *Manual da litt. port.* de Th. Braga, pag. 89). Como se não fosse sufficiente este embroglio, o snr. Loiseau ainda reduz a um os quatro *Livros de Linhagens* ou *Nobiliarios* (pag. 28), dizendo «conter as biographias dos Trovadores, que cantaram na côrte de D. Diniz», e mais adiante (pag. 39), occupando-se do conde de Barcellos, denomina-o «auctor *da Linhagem dos homens*» (sic)!

Não seremos exagerados avançando que o snr. Loiseau não comprehende bem o portuguez e que é esse talvez o principal motivo dos seus erros e inexactidões. Fallámos da sua confusão ácerca dos *Nobiliarios* ou *Livros de Linhagens;* vamos agora descobrir a origem d'essa confusão na má interpretação da nossa lingua. Para isso basta pôr face a face o texto de Loiseau com o do auctor que n'este ponto lhe serviu de guia. Foi Theophilo Braga no seu *Manual da Historia da litteratura portugueza*.

«Ce n'est pas dans ce but uniquement littéraire que le *Nobiliario* a été composé. Il doit son origine au désir qu'avait alors la royauté de s'affranchir de la noblesse. Aussi chercha-t-elle à lui donner une existence politique en lui octroyant des chartes communales, qui continssent ses droits et en fissent un troisième corps dans l'Etat.» (pag. 29).

«Todas estas causas da elaboração dos *Livros de Linhagens* são exteriores, e taes como o poder real tentou justificar-se perante a fidalguia que pretendia submetter ao seu fôro...

«No seculo XIV o poder real procurava constituir-se independente, submettendo á sua unidade legal a arbitrariedade dos barões; para isto tratou de dar existencia politica ao servo tornando-o povo, concedendo-lhe cartas communaes e foraleiras em que ficava escripto o seu direito consuetudinario, e depois que o tornou *terceiro estado*, fortaleceu-se com elle contra os barões...»

(Th. Braga. *Manual*, pag. 91).

O snr. Loiseau attribue á realeza a pretenção de se libertar dos nobres, por meio de cartas communaes concedidas a estes, dos quaes fez um terceiro corpo de Estado; não reparou que esse terceiro corpo não podia ser outro senão o povo, e que a evolução que se dava em Portugal era um reflexo da evolução communalista por que passava n'essa época a Europa occidental. Este equivoco é imperdoavel desde que o facto a que se refere, longe de ter um caracter isolado na Historia de Portugal, toma uma feição geral e commum a todos os povos novo-latinos.

Outro exemplo:

« C'est seulement pour mémoire que nous parlons du *Cancioneiro de l'abbé Dom Martim*, aujourd'hui perdu, auquel Garcia de Resende fit d'importants emprunts pour composer son *Cancioneiro geral*, signalé plus haut. » (pag. 48)

« *Cancioneiro do abbade Dom Martinho* — Este Cancioneiro está perdido; estava formado antes da collecção de Garcia de Resende, que o desejou consultar para extractar algumas composições: « Trova sua a Diogo de Mello, que partia de Alcobaça e *havia-lhe de trazer de lá um Cancioneiro d'um Abbade que chamam Frey Martinho:* etc. »
(Th. Braga. *Manual*, pag. 143).

Pela rubrica transcripta por Theophilo Braga do *Cancioneiro geral* e pelas palavras com que o auctor a acompanha sabe-se que Garcia de Resende tencionava consultar o referido *Cancioneiro de Dom Martinho*, mas não se póde concluir se com effeito o chegou a consultar e muito menos se fez d'elle transcripções importantes como affirma o snr. Loiseau.

Daremos ainda um exemplo mais palpavel de que o pouco conhecimento da lingua portugueza é em grande parte a causa dos disparates que maculam a *Histoire de la littérature portugaise* do snr. Loiseau. O illustre professor do lyceu de Vanves trata da nossa litteratura no seculo XVIII, seguindo ainda d'esta vez o *Manual* de Theophilo Braga, e depois de fallar de Bocage escreve:

« Quand nous aurons nommé *José Agostinho de Macedo*, originaire de Beja, qui fit des vérités religieuses métier et marchandise, et de la prédication son gagne-pain; *Theodoro de Almeida*, qui donna un libre cours á ses passions politiques dans les *Anes* (Os Burros), poème heroi-comique très-inférieur au *Goupillon: Lobo de Carvalho*, dont la plume tente un semblant de protestation contre la décadence intellectuelle et morale, la liste des écrivains de cette pléiade sera presque épuisée, il ne restera plus qu'á parler de *l'Arcadie d'outre-mer.* » (pag. 345).

« José Agostinho de Macedo nasceu em Beja, a 11 de setembro de 1761; tendo professado no Mosteiro da Graça em 1778, depois de doze annos de revolta contra a disciplina monastica foi posto fóra do convento com infamia, estando presente toda a communidade, em 18 de fevereiro de 1792. Passou a presbytero secular, e fez da prédica o seu ganha-pão, conseguindo ser nomeado prégador regio em 1802; etc.....

« A sua falsa idéa da poesia, dominado pelo pseudo-classicismo francez, levou-o a adoptar o genero didactico, imitando Delille no *New-*

ton, na *Meditação*, na *Viagem extatica ao templo da Sabedoria*, e em outras peças, em que fracos conhecimentos de Physica recolhidos na *Recreação philosophica*, do padre Theodoro de Almeida, e uma comprehensão exterior de algumas anecdotas scientificas, lhe serviram para fazer retumbantes endecasyllabos. Em 1812 as paixões politicas fizeram-lhe escrever um poema heroi-comico *Os Burros*, que é uma monstruosidade moral e litteraria; para Macedo o escrever era um meio de dar largas á sua bilis, porque eram diminutos os lucros que tirava das suas obras; como Lobo de Carvalho, como Bocage, Macedo pertence a essas naturezas desesperadas com que ás vezes um seculo protesta contra a falsidade das idéas moraes e politicas em que se vive pela alliança da inercia com a da auctoridade nunca discutida. »

(Th. Braga. *Manual*, pag. 440).

Pelo confronto dos dois textos salta á vista o processo pelo qual o snr. Loiseau deu ao padre Theodoro de Almeida a paternidade do poema *Os Burros*, em prejuizo de José Agostinho, e como o poeta satyrico e obsceno Lobo de Carvalho nos apparece aqui protestando contra a decadencia intellectual e moral d'aquelle tempo!

Escusado será determo-nos mais na analyse d'este livro e notar outras inexactidões historicas, taes como considerar portuguez o famoso poeta gallego, *Macias l'enamorado*, fazer morrer em Paris o poeta Castilho ou denominar Herculano discipulo de Garrett! Basta o que deixamos dito para os leitores poderem julgar do merito d'este livro.

TEIXEIRA BASTOS.

Aguarellas e Aguas-fortes, por ACACIO ANTUNES. 1 vol. de 206 pag.

O livro que com este titulo ha pouco sahiu do prelo, apesar de ser o primeiro de Acacio Antunes, não é uma estreia litteraria na sua verdadeira

accepção. O auctor é desde muito conhecido como poeta de merito, quer por varias poesias dispersas no genero revolucionario dos versos de Anthero de Quental, Gomes Leal e Guerra Junqueiro, quer sobretudo pelas suas engraçadas gazetilhas onde se mistura á ironia finissima e á satyra dos costumes sociaes e politicos a singeleza e a naturalidade do dizer. A graça espontanea e scintillante é a caracteristica do talento de Acacio Antunes.

O volume que acaba de publicar, *Aguarellas e Aguas-fortes*, comprehende principalmente os seus versos de amor, versos da *escóla velha*, notaveis pela simplicidade com que exprime as mais fortes emoções do organismo humano. Resente-se do *parnasianismo* francez em muitas das suas composições. Mas em vez de uma imitação pallida e rachitica das canções de Copée, de Clovis Hugues ou de Rollinat, os poetas seus predilectos, deu-nos intuitivamente uma regressão admiravel ao lyrismo dos nossos Cancioneiros medievaes. O livro tem d'este modo uma certa novidade. Taes as poesias *Harmonia, Ave Maria e Flores... Flores.*

Entre as suas poesias de amor notaremos de preferencia ainda as que se intitulam *Miragens, Perspectiva, Meia Noite*, etc. Eis o *Prologo* das *Confidencias* onde transparece a graça natural do poeta:

Ha tempo, ao lêr-te uns versos, minha amada,
Em que de amor fazia mil projectos,
De repente, a sorrir, meio amuada,
Disseste-me com ares circumspectos:

— Estes poetas! Não reservam nada!
São uns incorrigiveis indiscretos,
Contando a toda a gente os seus affectos,
Quanto lhes peza e quanto lhes agrada!

Eu protestei, que do crystal, tão duro,
Mais atravez se vê, quanto é mais puro...
Tu, porém, não quizeste conformar-te!

Submisso, pois, ás tuas exigencias,
Aqui te deixo, meu amor, á parte,
Para ti só, as minhas *Confidencias*.

Confidencias é o titulo da primeira parte; as outras intitulam-se *Desenfados, Tediosas* e *Poemetos*. N'estas partes notamos de passagem, por melhor nos definirem as qualidades do poeta, as poesias *Rosa, Amor burguez, Amor em botão, Esperando, Requiem, Autopsia*, e ainda, pela sua belleza, o soneto *Camões* e os alexandrinos *Os dois athletas*.

Se Acacio Antunes, inteiramente despido de ambições, não aspira elevar-se ás grandes eminencias da Arte poetica, se não tenta abrir caminho novo, tem no emtanto um logar distincto e sympathico na pleiade dos nossos poetas contemporaneos.

TEIXEIRA BASTOS.

Mr. L. Tikhomirev — **La Russie, politique et sociale** — 1 vol. de 560 pag. in-8.º gr. Nouvelle Librairie Parisienne de MM. E. Giraud & Cª editores — Paris 1886.

Aos que desejarem conhecer a actual situação da Russia, a leitura d'este livro bastará sem que lhes fatigue o espirito. Mr. Tikhomirev, um escriptor de raça e um distincto philosopho, estudando pacientemente o seu paiz por alguns annos, soube dar-nos um trabalho notavel que se lê da primeira á ultima pagina com um interesse sempre crescente.

Divide-se esta obra em sete livros assim intitulados: 1.º — *Imperio russo e a Russia*. 2.º — *A Russia russa, os allemães e os judeus*. 3.º — *As classes sociaes na Russia: O povo*. 4.º — *As classes sociaes, o clero, a nobreza e a burguezia*. 5.º — *A Russia economica e industrial*. 6.º — *O movimento dos espiritos*. 7.º — *A Russia politica*.

Por estas indicações se deprehende o valor historico do livro de Mr. Tikhomirev. Com toda a sinceridade e independencia que o assumpo requeria, o illustre escriptor russo descreve-nos d'um modo sympathico e attrahente esse grande paiz em que o despotismo cego dos *tzars* se acha em lucta gigantesca com o espirito democratico, pretendendo aniquilar-lhe todas as suas forças que representam a verdadeira tradição historica da nação. Ficamos sabendo, com a leitura d'esta obra, tudo o que mais nos podia interessar a tal respeito. A vida politica e social da Russia que ultimamente tem preoccupado toda a Europa, é n'este importante trabalho analysada com toda a imparcialidade e justiça, fazendo-nos antever o futuro muito proximo envolto n'um formidavel cataclysmo em que os despotas serão os vencidos. Os livros em que se trata do povo, do movimento intellectual, da nobreza e do clero, que vão perdendo todos os dias terreno, são admiraveis, não só pela linguagem escripta com a maxima clareza e precisão como tambem pelos profundos conceitos philosophicos d'um espirito superiormente educado, livre de prejuizos, e obedecendo unicamente á eloquencia esmagadora dos factos observados. Dando apenas uma simples noticia d'este bello livro visto que o espaço nos não sobeja, cumpre-nos agradecer ao seu brilhante auctor a amabilidade da offerta e pedir-lhe venia para em outro logar nos occuparmos d'elle mais detidamente como é de justiça.

Reis Damaso.

Mr. Edouard Dujardin — **Les Hantises**. 1 vol. de 200 pag. in-8.º — Paris 1886

Eis um livro originalissimo, devido á elegante penna do director da *Revue Wagnérienne*, uma das publicações mais interessantes que actual-

mente circulam na Europa. Mr. Dujardin escreve encantadoramente, revelando uma grande capacidade esthetica e uma educação toda moderna. A phrase sae-lhe espontanea, brilhante, quer ella exprima a dôr, a angustia, a alegria, a magua, a cólera ou o odio, quer seja destinada a esmagar pelo ridiculo as tolices sociaes, os exageros do sentimento, o convencionalismo banal da vida elegante ou da vida burgueza. Os seus contos, na maior parte cheios de *verve*, revelam-nos um espirito d'*élite* que conhece perfeitamente o seu meio. *Les Hantises*, é o titulo geral a que Mr. Edouard Dujardin subordinou os seguintes contos: *O diabo Helkèsipode — A futura demencia — A demencia passada — As palavras d'amor — O Dharana — Historia d'uma jornada — A virgem de ferro — O terror de seu filho — Carrasco de si — O Kabbalista — Um testamento — O inferno — O apostolado.* De ha muito que não liamos umas paginas escriptas com tanto primor, e cujo assumpto nos deixasse tão bem impressionados. Não se nota aqui a influencia de qualquer escóla mas a suprema despreoccupação de todas as theorias e processos litterarios que agitam o mundo intellectual francez, provocando constantemente as mais brilhantes polemicas entre os novos escriptores e artistas.

Agradecendo o exemplar que nos foi enviado temos a acrescentar que julgamos de todo o ponto immerecida a amavel dedicatoria com que o talentoso director da *Revue Wagnérienne* tanto nos honrou.

REIS DAMASO.

AMÉDÉE PIGEON — **La Confession de Madame de Weyre** — 1 vol. de 294 pag. in-8.º Calmann Lévy, editor — Paris, 1886

O nosso conhecimento d'este escriptor data da publicação do seu famoso livro *L'Allemagne de Mr. Bismark*, obra que teve em França um grande successo, e de que nos occupamos na imprensa portugueza.

Tinhamos Mr. Pigeon na conta d'um historiador distincto, d'um habil diplomata, d'um viajante illustrado, sabendo vêr as cousas pelo seu verdadeiro prisma, pintando-as e criticando-as com um vigor e bom senso que nos dominam, mas não o suppunhamos tambem um romancista; e demais um romancista de primeira plana.

Esta affirmação resulta da leitura do seu recente livro *La confession de Madame de Weyre*, um romance que occupa 86 pag. e que dá o titulo geral á obra, seguindo-se-lhe as novellas: *Deux mensonges — Conversation parisienne — Un bon conseil — Le critique qui ne passe qu'une fois — Nogaret — Clémentine — Au Village — Le Mariage de Tueverin — Une dévote de Village — Le mot « Amour »*.

O estylo ligeiro d'estes quadros, que se lêem d'um folego, a fina critica dos costumes e um certo tom alegre através das situações mais enleadas, faz-nos adivinhar no auctor da *Confession de Madame de Weyre* um ho-

mem de espirito, perfeito conhecedor das intimidades do *demi-monde* e dos sentimentos extravagantes do *high-life* parisiense.

REIS DAMASO.

GUILHERME GAMA — **Prosas simples: Impressões e Paizagens.** 1 vol. de 256 pag. in-8.º fr. — Magalhães & Moniz, editores

A imprensa não tem regateado encomios a este livrinho d'um moço de talento, e digamos com toda a imparcialidade não se tem excedido nem falseado a sua missão, o que deveras nos surprehende. Apenas um ou outro ponto de vista falso nas apreciações da fórma e do sentimento, como por exemplo a grande teimosia d'alguns espiritos atrazados em chamarem realista a Droz, e querendo vêr nas *Prosas simples* a feição do litterato francez.

Se Guilherme Gama tivesse sido apenas influenciado por esse escriptor, os seus pequenos e encantadores quadros não nos deliciariam pela imagem da verdade natural e simples, que faz com que o consideremos no grupo dos nossos romancistas naturalistas com uma feição mais terna.

Nota-se, é verdade, nas *Prosas simples* as indecisões d'um espirito que ainda não ha muito entrou na adolescencia, e portanto pouco exercitado nas lides do pensamento; nota-se mesmo uma certa sympathia pela finura e delicadeza excessivas de Droz, mas a par d'esta, tambem as impressões causadas pela leitura de Daudet, principalmente nos *Contes choisis*, impressões que ficaram reproduzidas nitidamente em alguns contos do livrinho de que nos occupamos, dando á acção dramatica profundos toques de realidade.

O *Mestre-escóla*, por exemplo, traz-nos algumas reminiscencias d'aquelle bello episodio passado n'uma das provincias francezas pilhadas pela Allemanha.

Assim, pois, havendo influencia estranha, Daudet foi o primeiro a occupar a mente do joven escriptor portuense, mas nem por isso as suas miniaturas deixam de revelar, na profundeza dos traços, a nota pessoal. Que as exterioridades nos relembrem a maneira d'este ou d'aquelle contista, não quer isso dizer que o fundo, a essencia, não espelhem o sentir intimo do auctor das *Prosas simples*. E esse sentir é o d'um artista de temperamento bucolico, é o d'uma alma ingenua e simples, adoravel pela delicadeza quasi feminina, pela espontaneidade e elegancia da phrase, pela naturalidade dos sentimentos e pela singeleza das concepções.

Nada que accuse o esforço, ou o artificio, tanto na linguagem como no desenho. A paizagem campestre attrae o artista que aspira os seus perfumes n'uma admiração pantheista. Os typos d'esse pequeno mundo enlevam-no com a sua belleza moral, com os seus costumes simples, quasi primitivos, e o modo por que Guilherme Gama os descreve e os apresenta, quer amorosos, quer angustiados, não o deve a ninguem, é a sua maneira, é a reproducção nitida do que viu e observou nas suas excursões pelas aldeias que

o encantam, como a essas naturezas melancolicas cujo ideal e cuja arte teem ainda as doçuras confortaveis d'uma psychologia que sempre existiu.

Nas *Prosas simples* destacam-se *A morte da Vacca*, *A Rosita*, *A pagina enrugada*, *Sobre as aguas*, e *o Mestre-escóla*, já indicado. Quadros sentidos e attrahentes, profundos de verdade, só teem o defeito das bellas visões que nos passam rapidas pelo espirito surprezo, não nos dando tempo a que as possamos tocar para lhes analysarmos as bellezas ou aspirarmos os seus odôres, e o da falta de intuito philosophico, hoje absolutamente indispensavel nas obras d'arte.

Guilherme Gama é um talento que começa e que irá longe se não prescindir do estudo e das meditações indispensaveis ao desenvolvimento das suas bellas faculdades estheticas, e tambem se não deixar-se illudir por esses conhecidos incensos da nossa imprensa que tanto teem prejudicado alguns dos novos, enchendo-os d'uma vaidade ridicula. Olvidando completamente todos os processos litterarios, todas as manifestações artisticas, no momento em que queira confiar ao papel as suas impressões, Guilherme Gama será um artista completo e dominador.

Agradecemos o exemplar com que nos distinguiu.

REIS DAMASO.